This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

DT
36
A4
1892

Digitized by Google

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

CONFERENCIAS

CELEBRADAS NA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

ÁCERCA DOS

DESCOBRIMENTOS E COLONISAÇÕES

DOS

PORTUGUEZES NA AFRICA

(1877-1880)

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1892

Digitized by Google

Digitized by Google

DT36
A4
1892

INDICE

PRIMEIRA CONFERENCIA:—*A Escola de Sagres e as tradições do infante D. Henrique*, pelo socio correspondente marquez de Sousa Holstein.

SEGUNDA CONFERENCIA:—*Descobrimentos dos portuguezes na Africa*, pelo socio effectivo Manuel Pinheiro Chagas.

TERCEIRA CONFERENCIA:—*Ultramar—Theorias na metropole, praticas na Africa*, pelo socio effectivo José Maria da Ponte Horta.

QUARTA CONFERENCIA:—*Politica de Portugal na Africa*, pelo socio effectivo José Maria da Ponte Horta.

Digitized by Google

M517717

Digitized by Google

Deliberou a Segunda Classe da Academia Real das Sciencias, instituir algumas conferencias onde publicamente se tratassem varios pontos relativos aos descobrimentos de Portugal, aos nossos esforços e diligencias no que respeita á civilisação da Africa, e ás relações d'este continente com o nosso paiz. Proposto o assumpto na Assembléa Geral, decidiu a Primeira Classe tomar parte n'estas conferencias. Resolveu-se que as conferencias fossem distribuidas impressas na occasião de serem recitadas, mas que a paginação de cada uma d'ellas se seguisse á da anterior, para no fim todas reunidas formarem um volume.

Com a ultima conferencia serão distribuidos os indices, a folha de rosto e a capa.

Junho de 1877.

Digitized by Google

Digitized by Google

PRIMEIRA CONFERENCIA

A ESCOLA DE SAGRES

E

AS TRADIÇÕES DO INFANTE D. HENRIQUE

PELO SOCIO

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN

Digitized by Google

Digitized by Google

Senhores:

Entre as épocas memoraveis da historia de Portugal, poucas haverá que possam emparelhar-se com os annos que decorreram desde o fim do seculo XIV até ao descair do seguinte.

Abre este periodo a batalha de Aljubarrota; fecha-o com chave de ouro o descobrimento do caminho para as Indias. Iniciou-o a rija espada do mestre de Aviz; põe-lhe termo a realisação do grandioso sonho de D. Henrique. N'estas dezenas de annos transforma-se o mundo; rasgam-se novos caminhos á actividade humana; cria-se a nautica moderna; reforma-se a tactica antiga; erguem-se paizes ao fastigio do poder e da riqueza; descaem outros em abatimento d'onde nunca mais se levantam; acaba de vez a edade média; firma-se triumphante e incontestado o renascimento das sciencias, das lettras e das artes.

É n'este seculo que se descobre a polvora e se inventa a typographia; ambos poderosos agentes de reformas, um pela violencia, outro pela convicção; ambos origem de grandes bens quando usados, um em vencer a natureza, outro em allumiar as almas; mas origem tambem de grandes males quando usados, um em fulminar a destruição ao corpo, outro em derramar a confusão no espirito.

Digitized by Google

N'este curto espaço de cem annos, descobre Copernico a rotação da terra, passa Gil Eannes o cabo Bojador, dobra Bartholomeu Dias o cabo das Tormentas, chega Vasco da Gama ás Indias, alcança Colombo a America. É metade do mundo revelado á outra metade. É o seculo de Joanna d'Arc e de Luiz XI de França, do principe negro e de Henrique VII em Inglaterra, do conde Verde da Saboia, e de Carlos o temerario de Borgonha, de Izabel a Catolica em Hespanha, de Lourenço o magnifico em Florença, e tambem de Bajazeto, de Tamerlano, e Mahomet II; é o seculo das grandes batalhas: Azincourt, Constantinopla, Aljubarrota, Granada. É a época de Machiavello e de Savonarola, o subtil conselheiro do despotismo, e o fogoso defensor da liberdade. Constitue-se a monarchia hespanhola, fórma-se a nacionalidade franceza, centralisa-se o governo inglez, baqueiam as republicas italianas. É o seculo em que se instituem os exercitos permanentes e se estabelece a diplomacia européa. Multiplicam-se as grandes viagens e começa a agitação das intelligencias. Estão irrequietos, sedentos de movimento e de vida os corpos e os espiritos. Em quanto marinheiros audazes se afoutam a penetrar nos oceanos inexplorados, reformadores não menos ousados discutem idéas e dogmas, e tentam sondar o abysmo bem mais inexploravel das consciencias.

Na egreja levantam-se papas e anti-papas; a christandade hesita, sem saber a qual deva prestar obediencia; chega a haver ao mesmo tempo tres pontifices, cada um excommungando o outro; é o grande schisma do occidente; o concilio de Constança não consegue socegar os animos; o de Basiléa tem egual sorte. No seio da egreja e fóra d'ella apresentam-se tentativas de reformas que todas se mallogram. A pragmatica sancção é decretada para logo ser abolida. Os soberanos e as nações ora se inclinam para Roma, ora d'ella se afastam, conforme lhes vae a seus interesses particulares. Despontam ao longe, como timidos clarores de afastado incendio, os primeiros vislumbres do livre exame, e das grandes heresias protestantes.

Nascem n'este seculo S. Ignacio e Luthero, que tinham de en-

Digitized by Google

cher o seguinte com o rumor de uma lucta que em nossos dias ainda está tão viva como n'aquelles. Os gregos fogem de Constantinopla e trazem para o occidente os germens d'onde havia de desabrochar a frondosa arvore do renascimento, que ao findar do seculo XV era já rica de formosos fructos, e mais rica ainda de flores que promettiam nova e abençoada colheita.

Percorria o mundo um sopro de vida; estremecia a sociedade até ao mais intimo das suas fibras, como estremece a natureza na primavera quando desponta o sol, e se despede a noite com o seu cortejo de trevas e de silencio.

Ia com effeito começar para o mundo um novo dia, e cerrar-se para sempre uma longa noite. Abria-se um novo periodo no cyclo incommensuravel da existencia da humanidade.

Portugal não ficára estranho a este renascer para a vida. Salvo dos tristes lances em que o ia precipitando a fraqueza de D. Fernando e a ambição de D. Leonor, acordou rejuvenescido e vigoroso nos fortes braços do mestre de Aviz. A elles se acolhera nas horas do perigo; n'elles confiou, quando dissipada a procella, buscou quem n'o guiasse pelo caminho da civilisação e do progresso. Julgou, e julgou bem, que a mão que havia brandido com tanto valor a espada, saberia sustentar com não menos prudencia e firmeza o sceptro.

Auxiliado por seus valentes companheiros, consolidou D. João I a independencia portugueza, e n'esses campos onde depois levántou como immoredouro padrão de esplendida façanha, o mosteiro a que esta deu o nome, foi buscar para a sua fronte recemcoroada a uncção sacrosanta que só póde conferir a gloria. Déra-lhe a corôa a vontade da nação; firmou-lh'a na cabeça o esforço dos seus homens. O ouro do diadema, tão novo ainda, offuscava os olhos affeitos aos mais apagados esplendores das monarchias do direito divino; mas o sol das batalhas envelheceu bem depressa esta real insignia, forrada de capacete de ferro, não de gorro de veludo.

Ao esforço do mestre de Aviz correspondeu o esforço da nação inteira. Os portuguezes do seculo XIV mostraram-se dignos

Digitized by Google

herdeiros dos portuguezes de Affonso Henriques, os fundadores da patria.

A quem o duvidou responderam affirmando nos campos de Aljubarrota, dos Atoleiros e de Trancoso que portuguezes tinham nascido e portuguezes queriam morrer; affirmando que não era ficticia a idéa da nossa nacionalidade, nem artificial a nossa vida independente; affirmando que nossos eram os territorios que haviamos arrancado aos mouros para fundarmos a patria, e que nossos haviam de permanecer; affirmando que era digno de ser um povo independente e livre quem sabia combater com tanto valor, e reger-se com tanta prudencia; quem sabia obedecer a Nuno Alvares nos campos de batalha e a João das Regras nas côrtes de Coimbra. Responderam assim os nossos avós do seculo XIV, e responderiamos nós tambem, se alguem de nós duvidasse.

A este homem de tão rija tempera que se chamou D. João I, concedeu a Providencia, para elle tão liberal de beneficios, uma esposa estremosa, modelo das rainhas e das mães, e uma descendencia que lhe accrescentou florões á sua já tão opulenta corôa. Se, como diz o grande poeta francez:

«...les coeurs de lion sont les vrais coeurs de père:»

bem pôde o coração de D. João I espandir-se nas intimas e suaves alegrias da familia, ao voltar d'essas guerras tão cheias de provações e trabalhos, ou d'esses conselhos de governo ás vezes tão amargurados pelas dissenções intestinas do seu chanceller e do seu condestavel.

Não quero, deliberadamente não quero, para não accrescentar leitura, desvendar perante vós os retratos d'essa mulher, a cujos encantos dava realce um animo varonil, fiel e estremecida companheira de 28 annos do mestre de Aviz; d'esses filhos a um tempo, sabios, heroes e martyres, a quem Portugal deve serviços a nenhuns outros eguaes. Furto-me com pena, meus senhores, de lhes apresentar os admiraveis perfis de D. Filippa e de seus filhos, tra-

Digitized by Google

çado pelo velho Fernam Lopes, n'essa chronica que é o primeiro livro de historia portugueza. Mas para que repetir o que anda na memoria de todos? para que pintar-vos essa rainha que «em seus perfeitos costumes, diz o chronista, assás seria dabastosa ensinãça pera quaesquer molheres posto que de menor estado fossem» se em seus filhos podeis aquilatal-a?

Entre os filhos de D. João I quatro avultam nas paginas da nossa historia.

D. Duarte, que depois succedeu a seu pae, foi, antes de rei, philosopho e escriptor; nos livros procurou a difficil sciencia de governar os homens; foi o primeiro que em Portugal fundou uma bibliotheca. Restam d'elle varias obras notaveis pela elevação do conceito e primor da phrase. Era verdadeiramente amigo dos que trabalham (1). Não se creia porém que o ser lettrado excluisse em sua pessoa as virtudes militares. A severa e forte educação que D. João I dava aos filhos (2), costumando-os desde a infancia a monterias e justas, preparava guerreiros esforçados e soldados briosos. Bem o provou D. Duarte em Ceuta, onde a sua primeira façanha foi despojar-se, logo ao desembarque, de grande parte de suas armas, para melhor combater de pé no mais cerrado da lida (3). Foi breve e cortado de muitas desditas o seu reinado: varias pestes e fomes, a mallograda expedição de Tanger, e o captiveiro de seu irmão D. Fernando, foram os principaes episodios que assignalaram o governo d'este principe, fadado certamente para grandes commettimentos, mas a cujas elevadas qualidades fazia sombra certa timidez de caracter e incerteza de resolução, que talvez só fossem filhas do desejo de acertar, e do apurado da consciencia. Ao estudar este tão curto e desditoso reinado, ao considerar as virtudes d'este soberano, e os seus, se é que lhes cabe este nome, defeitos, que afinal eram apenas o excesso das suas qualidades, acode involuntariamente á memoria a comparação com outro reinado e com outro principe, cuja prematura falta o paiz inteiro pranteou com magua sincera e não arrancada por demonstrações officiaes em que não entra o coração. O

Digitized by Google

mesmo amor ao estudo, a mesma ingenita delicadeza de consciencia, a mesma vida purissima, o mesmo affecto pela familia, a mesma educação esmerada a que presidira uma rainha, modelo como D. Filippa, das virtudes conjugaes e maternas, o mesmo valor diante dos perigos, a coragem serena e fria do homem que sabe cumprir o seu dever, a mesma amizade pelos que trabalham; e para nada faltar, até nas pestes que assolaram o paiz, se parecem os dois reinados.

Era immediato a D. Duarte o infante D. Pedro, duque de Coimbra. Fôra longo referir-vos, mesmo em resumo, o muito que d'elle se póde dizer. Não menos illustrado que seu irmão primogenito, compoz em vulgar uma obra de moral a que poz nome *Vertuoza Bemfeitoria*, (4) obra que não foi nunca impressa, e que bem deveria sel-o, ainda que não fosse senão para firmar os creditos de erudito que merece este esclarecido principe. Entrou com seu pae e seus irmãos na expedição de Ceuta, onde como elles se cobriu de gloria. Voltando ao reino, emprehendeu uma longa peregrinação de 12 annos por essas terras da Europa, onde foi buscar, como remate, á sua educação pelos livros, o conhecimento dos homens e das nações. Aureolou-lhe a fronte, com uma lenda que ainda vive, esta dilatada viagem, rara hoje nos fastos das côrtes, rarissima então. Não ficando chronica viridica d'esta jornada, fabricou-a o povo com a sua vivissima imaginação de poeta, e reduziu-a a escripto Gomes de Santo Estevam, que alguns dizem haver sido companheiro do infante, mas que talvez fosse apenas o rhapsode obscuro que recolheu e deu fórma litteraria ás muitas composições populares e anonymas que sobre o infante corriam (5).

Pela morte de D. Duarte ficou D. Pedro regente do reino, durante a menoridade de seu sobrinho D. Affonso v, apesar da opposição pouco patriotica de grande parte da nobreza. Mas o povo idolatrava o infante, e desadorava a rainha que sobre ser estrangeira, era accusada, talvez sem fundamento, de haver exercido mais de uma vez, influencia excessiva e funesta no animo do defunto rei. Nas côrtes de Torres Vedras rompeu furiosa a tempes-

Digitized by Google

tade. De um lado, a favor da rainha, quasi todos os grandes ecclesiasticos e seculares; do outro, pelas partes de D. Pedro, todos os procuradores do povo. Ao tino e prudencia de D. Henrique, e á moderação de D. Pedro se deveu uma concordia, que por algum tempo salvou o perigo. O compromisso então tomado foi porém pouco depois quebrado pela rainha, mas a voz potente do povo de Lisboa, eccoando sonora sob as vetustas abobadas de S. Domingos, chegou ao regio alcacer, e amedrontou D. Leonor. Não vem para aqui referir-vos as dramaticas peripecias d'este tão interessante capitulo da nossa historia. Baste dizer-vos que D. Pedro, acclamado regente pela vontade nacional, que poucos annos antes, elevára o mestre de Aviz ao throno de Affonso Henriques, viu o seu poder reconhecido pelo paiz inteiro, retirando-se a rainha para Castella, depois de haver tentado, mas em vão, de atear a guerra civil. Era a segunda vez, em pouco mais de cincoenta annos, que se affirmava desassombradamente o grande principio da soberania nacional, unica e verdadeira legitimidade das dynastias, e principio nunca inteiramente esquecido em Portugal, mesmo quando pareceu esconder-se por alguns annos nas amplas pregas do manto vermelho do absolutismo, mas que volveu triumphante a inscrever-se no nosso codigo politico, á sombra da gloriosa e liberal bandeira azul e branca.

Andam na memoria de todos os tragicos successos que terminaram na jornada d'Alfarrobeira, n'este triste engano cuja responsabilidade não quizeram aceitar nem vencedores nem vencidos. Repousou afinal o infante D. Pedro das suas longas fadigas, e como lhe fôra companheiro fiel nos arriscados lances da vida, o nobilissimo Antão Vaz d'Almada, o derradeiro cavalleiro portuguez, assim lh'o foi na morte obscura, n'aquelle dia funesto que, para honra nossa, melhor seria que não tivesse nascido.

De D. Henrique, immediato a D. Pedro, direi logo com mais individuação.

No primeiro plano d'esta scena tão cheia de vida e luz, apparece-nos pensativa e pallida a figura de D. Fernando, o infante

Digitized by Google

santo, este heroe da dedicação obscura e resignada. Não vos quero entristecer, senhores, trazendo á vossa memoria lembrança da mallograda expedição de Tanger e das suas funestissimas consequencias. Esta expedição, auctorisada a custo por D. Duarte, que antevia os riscos de toda a sorte a que iam expor-se seus irmãos para elle tão queridos, fôra planeada pelo proprio D. Fernando que não podia acabar comsigo de não ganhar, como seus primogenitos, as esporas de cavalleiro, em terras d'Africa, combatendo os infieis. Todos sabem o desenlace d'esta triste jornada, na qual iamos perdendo Ceuta e não tomámos Tanger, que só foi conquistada por Affonso v depois de vencida Arzilla; ninguem ignora que o desditoso Fernando teve de ser dado em refem a Salat-ben-Salat, governador de Tanger em nome do regente de Fez, e que para se não restituir Ceuta aos mouros se lhes deixou o infante. Dez annos durou o apertado captiveiro; dez longos annos de padecer e de miseria levou a morte a chegar. Ora coberto de ferros, ora condemnado aos mais infimos trabalhos, ora encerrado em estreita masmorra, padecendo fome, vestido de andrajos, exposto aos apupos da plebe mais vil, pagou assim o martyr a divida que outros, não elle só, contrairam. Ninguem a olhos enxutos poderá ler a narrativa singela, mas profundamente sentida, que d'estes trabalhos escreveu o seu companheiro de infortunio fr. João Alvares (6), e na qual nos refere como se fartou a crueldade dos mouros n'aquelle innocente prisioneiro. Deixaram-n'o morrer á mingua, e só depois de morto lhe tiraram os ferros (7).

Na memoria de todos ficou a paciencia, a inteira conformidade, a fortaleza de animo com que, no dizer do nosso grande épico (8) o

«...santo Fernando
Por salvar o povo miserando,»

levou a sua pesada cruz, e quando, n'ess'outra jornada d'Africa, mais fatal ainda do que a primeira, porque n'ella sumiram-se a

Digitized by Google

um tempo patria e rei, novos captivos portuguezes foram succeder nos carceres mouros aos que a morte havia já arrebatado, bem podia o mavioso fr. Thomé de Jesus, lembrando-se da desdita do regio prisioneiro, exclamar na sua doce e mystica linguagem «quam bemaventurados são os que choram... O cabo de todo o prazer do mundo... é tristeza ou morte... Oh quanto melhor está... o servo de Deus, desfavorecido do mundo e que o mundo tem por indigno de seus falsos gostos» (9).

Um quinto filho, D. João, houve o mestre d'Aviz de sua mulher D. Filippa. Deixou-nos d'este principe pouca noticia a historia. Não brilha, como seus irmãos, na primeira plana. Parece comtudo haver sido homem de bom conselho, porque é memorado como um d'aquelles a quem pediu parecer o infante D. Pedro nos primeiros tempos da sua regencia, quando andava mais accesa a lucta com a rainha D. Leonor.

Chegamos finalmente ao nosso D. Henrique, assumpto especial da conferencia que me fazeis a honra de escutar.

Muitas vezes, meus senhores, meditando sobre a vida d'este homem, illustre entre todos na historia da nossa evolução, e tão notavel pela intelligencia, pelo saber, pela iniciativa arrojada e fecunda, pela perseverança tenaz e indomita, muitas vezes tenho scismado quão formosa deveria ser a lenda que em volta do seu popularissimo nome agrupasse os factos verdadeiros ou maravilhosos com que a imaginação do povo enfeita os seus validos. A meu ver, D. Henrique realiza o mais admiravel typo lendario que possa desejar-se para inspirar a musa popular. Nada lhe falta, nem sequer aquelle não sei que de mysterioso, de vago nos contornos, de penumbra meio obscura com lampejos aqui e acolá, que transformam os heroes da historia em heroes da lenda.

Encontrou uma nação balbuciante ainda como navegadora; deixou-a transformada na mais importante nação maritima do seu tempo. Cultivou sciencias que eram tidas n'aquella época, em conta de feiticerias. Eram synonymas a astrologia e astronomia. Deitou-se a descobrir problemas envoltos nos mais densos veus do mytho e da

Digitized by Google

lenda. Arcou com o que ha de mais infinito no finito, o mar; escutou aquellas melancolicas harmonias das vagas, que no seu voltear incessante, nos estão segredando reminiscencias de outros mundos, d'onde vieram e para onde vão, depois do rapido instante em que a nossos pés se desdobram em lençol de escuma. Espreitou o que diziam as correntes do oceano no seu perpetuo perpassar, e o que sussuravam os ventos ao esfusiar velozes pelas costas de Portugal. Deveria crer-se que lhes entendeu a linguagem, porque não se arreceiou da força das primeiras, nem do impeto dos segundos. A ambos dominou, e a ambos coagiu a servil-o. Como nos contos arabes, que de certo lhe haviam de embalar o berço, transformou em obedientes escravos, os genios até então reputados malfazejos, e inimigos do homem. A sua lampada maravilhosa foram porém a sciencia, filha de aturado estudo, e a perseverança, nascida de inabalavel convicção. Mais feliz do que Xerxes, avassalou o mar, e obrigou-o a ser a estrada real do commercio portuguez, o caminho por onde vieram a fazer-se as *carreiras* da India.

Privava com homens, entregues como elle, a sciencias meio occultas; com arabes, com judeus, raças que por serem aborrecidas, não eram menos temidas e respeitadas.

«Para melhor gosar da vista e curso das estrellas e orbes celestes, diz Gaspar Fructuoso (10), escolheu para sua habitação huma montanha no cabo de S. Vicente.» Ali viveu grande parte da sua vida, longe da côrte, n'um rochedo inhospito, batido pelas ondas, quasi navio, e mais do que palacio, escola.

Em sua casa devisavam-se por todos os lados instrumentos singulares, cobertos de siglas para o maior numero indecifraveis. Passava os dias a estudar manuscriptos e cartas, e as noites a contemplar o firmamento. Ao vel-o n'essas vigilias, solitario no elevado terreiro, immerso em profundo meditar, banhado n'aquella doce claridade das estrellas, quem não diria que, de envolta com os raios da luz que lhe illuminavam a fronte, desciam do ceo inspirações divinas a revelar-lhe a missão augusta a que Deus o havia destinado?

Digitized by Google

Quando deixou o seu retiro, todas as vezes que poz pé no grande tumultuar do mundo, quiz sempre a sorte que fosse para figurar em gravissimos acontecimentos: Ceuta, Tanger, os motins no começo da regencia de D. Pedro, o triste episodio que terminou na Alfarrobeira.

Elle só confiava, quando todos os mais hesitavam e duvidavam. Elle só parecia ter certeza de feliz exito, onde todos os mais viam perigos e impossibilidades. Elle só tinha vista, quando todos os mais estavam cegos (11). Elle porfiava, instava, ia por diante, sem vacillar nem temer. Tinha em pouca conta as murmurações; não se prendia com as antigas provas; nem se deixava possuir do terror que punha em boca de todos: «quem passar o cabo Nom, ou tornará ou nom»; não cançava em mandar caravellas sobre caravellas a reconhecer as costas, a sondar os baixos, a procurar as ilhas, a lobrigar a humida planicie que ao longe se desenrolava em perspectivas sem fim, como que a requestar peleja, e a desafiar curiosidade.

D'onde viria ao infante tamanha confiança, tão inquebrantavel certeza? Dos homens por certo não. Muitos reprovavam; bastantes dissuadiam; todos se arreceavam. Quem não soubesse onde o duque de Viseu ia buscar o segredo da sua força, razão teria de persuadir-se que de poderes occultos e mysteriosos, não do poder que dá o engenho e o estudo, nascia tanto arrojo e tanto desassombramento.

Todas estas circumstancias, meus senhores, e muitas outras que por brevidade omitto, eram propicias para crear á volta da figura do duque de Viseu a atmosphera irisada em que se fórma a lenda, tão naturalmente como se nos mostram fingidas imagens entre as nuvens purpurinas que matizam o ceo, ao descair do sol.

Que melhor assumpto do que esta vida para entreter as longas horas de ocio, a bordo, quando em calmaria podre, batem tristemente as vélas inuteis ao longo dos mastros, e se balança em compassado rythmo a barca immovel nas aguas espelhadas? Que melhor thema de pratica para os marinheiros portuguezes, e qual

Digitized by Google

haverá que seja mais accommodado ás variadissimas peripecias da vida maritima? Quem ao avistar o Bojador, poderia esquecer-se do homem que primeiro lhe mandou dobrar os baixos; quem ao ver terras da costa occidental d'Africa, poderia olvidar o principe a quem as devemos; qual é o portuguez, a bordo d'um navio portuguez, que não sinta acudir-lhe involuntariamente aos labios o nome do principe navegador?

E comtudo, meus senhores, o infante D. Henrique não tem uma lenda. Tem-n'a seus irmãos D. Pedro e D. Fernando; tem-n'a o grande condestavel (12); teve-a depois D. Sebastião; tiveram-n'a muitas outras figuras certamente menos poeticas do que a do illustre solitario de Sagres; elle só ficou esquecido.

O nosso Camões mal falla n'elle. Dois versos, uma allusão, a proposito das novas ilhas:

«Que o generoso Henrique descobriu» (13)

e mais nada. Julga-se assim o poeta desencarregado para com aquelle, sem o qual não teria havido nem o Gama nem a sua viagem á India, pretexto e motivo da preciosa epopéa.

Não sei qual seja a verdadeira causa do que se me affigura ingratidão, e que é certamente vergonha.

Já o nosso Garrett (14) estranhava que Portugal não tivesse maior abundancia de romances maritimos, e que o povo que tanto viveu no mar e para o mar, não o houvesse cantado n'aquellas trovas que são a verdadeira manifestação da vida nacional.

Nos mais antigos chronistas que fallaram em D. Henrique encontram-se alguns toques de maravilhoso. Azurara (15) falla de influencias celestes; Barros (16) vae mais longe, dizendo que o infante resolveu uma manhã, ao levantar-se, de mandar sem mais detença a dobrar o cabo Não, «como se n'aquella noite lhe fôra dito que sem mais dilação nem inquirição do que perguntava, mandasse descobrir.» Vem porém o sceptico do Damião de Goes (17) cortar pela raiz a piedosa crença que d'estas palavras poderia ori-

Digitized by Google

ginar-se. «E esta certeza, diz elle, que assi alcançou do trabalho de seu studo, lhe fez commetter tamanho negocio e nam por inspiriçam divina quomo algũas pessoas dizem.»

E fugiu para sempre a lenda, desaproveitando assim uma das mais poeticas figuras que pelo mundo passaram.

Não foi mais feliz com a historia severa e conscienciosa o nosso grande infante. Ainda não mereceu em Portugal as honras de uma monographia completa, que dê todo o relevo ás suas feições tão caracteristicas e accentuadas. Dois trabalhos bastante extensos temos a respeito d'elle; dois trabalhos feitos com amor e ao mesmo tempo com severidade; dois trabalhos verdadeiramente scientificos; mas com vergonha o digo, ambos são devidos a pennas estrangeiras (18). Fallam no principe os nossos chronistas e historiadores; escreveu o seu elogio um erudito philologo do seculo passado (19), mas em todos estes livros se procura debalde um retrato verdadeiro e acabado de tão importante personalidade. Não cabe nos limites d'esta conferencia descrever-vos esta vida, ainda quando coubesse em minhas forças o fazel-o.

Sentimos mais do que sabemos o que foi o infante. Pela sua obra o podemos avaliar, do mesmo modo que sem vermos nem conhecermos o motor que dá vida a complicadas e poderosas engrenagens, concluimos pelo effeito que presenciamos, que de grande força e energia deve ser a machina, d'onde nasce tão surprehendente resultado.

Em quarta feira de cinza, 4 de março de 1394, nasceu no Porto o infante D. Henrique. Refere uma piedosa crença que sobre o peito lhe negrejava um signal em fórma de cruz, presagio e prenuncio do muito que havia de fazer para levar a longes terras a fé e o amor do Christo (20). Escasseiam noticias ácerca dos seus primeiros annos. Fernam Lopes, tão miudo n'outros pontos, não satisfez n'este a nossa natural curiosidade.

Diz apenas em poucas palavras, quaes os laços que prendiam entre si os principes, n'um affecto cujo centro commum era el-rei seu pae, e o muito que este curava de lhes fortalecer os corpos, ao

Digitized by Google

passo que lhes illustrava as almas (21). Se porém nos faltam particulares authenticos da infancia e mocidade de D. Henrique, facilmente póde adivinhal-os quem se lembrar da época em que elle viveu, da indole de seus paes, e da obra a que o infante vinculou o seu nome. Não podemos demorar-nos a supprir com as nossas illações o silencio da historia. O que parece certo, é que desde a infancia, mostrou o infante grande predilecção pelos estudos mathematicos e cosmographicos. Pelos seus contemporaneos foi muito louvada e prezada a sua sciencia, e não esqueceu ao seu chronista, o velho Azurara (22), quando memora os trabalhos do infante, fallar na «grande sabedorya, queem elle avya a cerca dos movymentos dos corpos cellestriaaes.»

Na côrte de D. João I, apparecem já homens de grande valor scientifico e litterario, e posto que só nos reinados seguintes se desatasse em opulentas e fartas messes a esmerada cultura, que nos tempos d'este soberano principia a manifestar-se, é fóra de duvida que elle logrou ainda associar no regio alcaçar as armas e as lettras. Para o reconhecermos, bastaria a educação que receberam seus filhos, e de que tantas mostras deram, como já vimos, quando não viessem ainda accrescentar outros testemunhos a este já tão eloquente, os nomes de tantos varões illustres pelo engenho e pela sciencia. Acodem aos labios os de João das Regras, o astuto jurisconsulto, Martim d'Ocem, o negociador das pazes com Castella, Fernam Lopes, o pae da nossa historia, Vasco de Lobeira, auctor do «Amadis de Gaula», Vasco de Lucena, um dos primeiros sabios do seu tempo, e de tantos outros que no pulpito, no foro, nas sciencias, nas lettras e nas artes, adquiriram fama que ainda hoje vive.

Nem póde duvidar-se que na educação dos principes, interviessem tambem homens de outras raças, a quem pagámos com o desterro e com a fogueira, o muito que concorreram para a illustração e engrandecimento da nossa patria. Fallo dos judeus e dos arabes. Á primeira d'estas nações pertenciam os medicos, ou como então se dizia, os physicos mais notaveis de que nos conserva no-

Digitized by Google

ticia a historia. N'essa época, não estavam como hoje rigorosamente extremados os campos das diversas sciencias. O physico era astrologo. Medicava com os simples de que tratavam as suas pharmacopéas, e diagnosticava observando os movimentos dos astros. A estes homens recorriam os soberanos não só para se curarem das suas enfermidades physicas, mas ainda para saberem dos influxos favoraveis aos seus emprehendimentos. Os principes, não raro tambem, iam distrair-se dos cuidados da publica administração, estudando as sciencias de que tinham o monopolio estes seus confidentes. D. Pedro IV d'Aragão, contemporaneo do nosso D. Pedro, foi discipulo do celebre astrologo Rabbi Menahem (23). Na côrte de D. João I, havia alguns hebreus illustres não só pela riqueza mas ainda pelo saber. Esta raça, desde tantos seculos proscripta, buscava arreigar-se ao solo de que pretendiam expulsal-a. Queria consolidar-se por todos os modos. Não se fiava só na riqueza, e com razão, que tantas e tantas vezes foi ella a causa principal da ruina dos filhos d'Israel; outros alicerces lançava, mais solidos e duradouros, e pela superioridade intellectual, queria tornar-se indispensavel, mesmo quando era odiada. As academias judaicas na peninsula datam do seculo X (24). D'ellas saíam annualmente para os diversos reinos transpyrenaicos muitos homens profundamente instruidos, e em cujas mãos se conservou sempre acceso o debil facho que illumina as trevas da edade média. D. Moyses, judeu, era physico mór de D. João I (25), e ao que parece, exerceu verdadeira influencia no animo d'este monarcha, que no principio do seu reinado deu provas de uma tolerancia, a que os judeus atrozmente perseguidos então em toda a Hespanha, estavam bem pouco affeitos; e judeu foi tambem o celebre mestre Guedelha, physico e astrologo de D. Duarte e D. Affonso V.

Não se tornou menos importante para o renascimento da cultura intellectual no nosso paiz a acção dos arabes. Affonso o sabio foi o primeiro soberano que soube aproveitar o riquissimo deposito scientifico, accumulado durante tantos seculos nas escolas arabes d'Hespanha. Á sua benefica e illustrada influencia se deve a vul-

Digitized by Google

garisação de grande numero de escriptos que muito auxiliaram o desabrochar dos estudos no seculo xv (26).

Muitas das obras que assim poderam ser aproveitadas pelos christãos tratavam de mathematicas e de astronomia, e é certissimo que pela sua leitura se encaminharam bastantes vocações, e se despertaram não poucas.

Quando em 1415, emprehendeu D. João I a expedição de Ceuta, com o fim especial e determinado de armar cavalleiros a seus tres filhos primogenitos, é provavel que o espirito de D. Henrique estivesse já predisposto, pela convivencia com as obras d'estes sabios, a inclinar-se ao rumo que depois seguiu com tão assombroso exito. Pelo menos affirmam alguns que aproveitou o ensejo que lhe deparava a fortuna, e que dos mouros com quem se avistou colheu grande copia de informações e noticias, que arreigaram na sua mente a convicção que já havia formado, ácerca da possibilidade das navegações que meditava (27).

Outras causas o convidariam porventura a metter hombros á empresa. Cinco razões aponta Azurara (28), que levaram o infante a emprehender os seus descobrimentos; são por sua ordem: o desejo que elle tinha de saber das terras além das Canarias; o desenvolvimento do commercio; a necessidade de conhecer com exactidão o poder dos mouros; a esperança de encontrar novos alliados contra os infieis; e o augmento da fé christã. O bom do chronista accrescenta ainda uma sexta razão que segundo elle «he raiz donde todallas outras procedem, e isto he, inclinaçom das rodas celestriaes», proposição que elle prova em mui obscura linguagem, dizendo que Marte estava em Aquario, que é casa de Saturno, e casa de esperança, o que significava que o infante tinha de trabalhar em conquistas altas e fortes.

Se estas razões só, e não outras determinaram o infante, não n'o sei eu, mas tenho para mim que algumas, sem duvida, influiram muito na sua intelligencia tão clara e cultivada. Embora fossem então não só deficientes mas falsas, como logo veremos, as noções que sobre cosmographia e geographia se ensinavam nas escolas,

Digitized by Google

tinham ficado no meio d'estas trévas alguns raios luminosos que podiam indicar o verdadeiro caminho a seguir.

Se dermos credito a Damião de Goes (29), não eram desconhecidas ao infante as navegações dos antigos. Sabia da viagem, verdadeira ou falsa, que em volta d'Africa executara Hannon; tinha visto em Herodoto a tentativa ordenada por Neco aos seus marinheiros phenicios; lêra em Strabão que no mar vermelho haviam apparecido fragmentos de navios hespanhoes, e até tinha em conta de veridica a celebre derrota emprehendida á volta d'Africa por Meneláo, depois de acabado o cerco de Troya.

É provavel que estes conhecimentos lh'accendessem no animo o desejo de seguir tão nobres exemplos. Lançando os olhos em volta de si, podia crer que para o seu alto commettimento, lhe não escasseavam de todo os meios.

A marinha portugueza em tempo de D. João I começava a ser importante. Já no reinado de D. Diniz fôra contratado como almirante das nossas galés, micer Manuel Pessanha (30), e bem parece que os esforços d'este distincto genovez e dos seus successores lograram bom resultado, pois sabemos que D. João I, pouco depois d'Aljubarrota, em 1386, podia emprestar ao duque de Lancaster, seu futuro sogro, seis navios e doze galés, para o auxiliarem na sua empresa contra o rei de Castella (31). A armada na qual elrei transportou as tropas destinadas á expedição de Ceuta tinha 33 naus, 59 galés, 120 justas e navios pequenos. Portugal começava por tanto a ser uma potencia maritima importante, e para elle olhariam certamente com ciume os genovezes e venezianos, que eram então os primeiros navegadores do mundo.

É possivel que o nosso poder naval, e o desejo de rasgar novas estradas á actividade commercial do nosso paiz, inspirasse D. Henrique a emprehender os seus descobrimentos; é possivel que a vista da formosa esquadra reunida no Tejo nos fins de julho de 1415, para d'ali demandar a Africa, fizesse lampejar na mente do infante a grandiosa idéa, a cuja realisação se applicou inteiramente logo depois da sua volta de Ceuta. Ignora-se a data exacta em que

Digitized by Google

partiram de Sagres as primeiras caravellas em demanda do Bojador. O que é certo é que o infante regressou d'Africa já inclinado a consagrar a vida á empresa que havia de immortalisar-lhe o nome.

Com este fim estabeleceu a sua morada na parte occidental de Portugal, onde alguns annos depois edificou uma villa que se denominou Villa do Infante. Assim o affirma o proprio D. Henrique n'uma carta de 19 de setembro de 1460 (32), na qual refere que o movera a este proposito o grande numero de navios que aportavam áquelle ponto para se refazerem, e a falta absoluta de recursos que ali encontravam. A Villa do Infante não estava situada no cabo mesmo de Sagres, mas como elle proprio na referida carta diz «no outro cabo que ante o dito cabo de Sagres está aos que veem do ponente para levante que se chamava Terça-Nabal, ao qual puz nome Villa do Infante.» Accrescenta que levantou esta villa com licença de el-rei D. Affonso, a quem a offerece por seu fallecimento.

É crença geralmente seguida que o infante fixou a sua residencia em Sagres ou ali perto pelas proximidades do anno de 1418, posto que a villa só fosse edificada annos depois, á sua volta de Tanger, como diz Azurara (33). Se dermos credito a Diogo Gomes, auctor de duas curiosas relações impressas em Munich pelo dr. Schmeller, que as encontrou n'um manuscripto de Valentim Fernandes de Moravia, o celebre impressor da *Vita Christi* (34), se dèrmos credito a este contemporaneo do infante, mandou elle emprehender a primeira viagem de descobrimento em 1415, por João de Trasto, capitão da sua armada. Este nome tem um sabor muito pouco portuguez, e é possivel que o impressor allemão, quando reduziu a escripto as noticias que lhe deu Gomes, adulterasse este nome e talvez mesmo a data.

Azurara, contemporaneo tambem do infante, e que por ordem de el-rei escreveu a sua chronica em 1448, começa a sua narrativa com a primeira expedição de Gil Eannes em 1433, callando as outras expedições mais ou menos infructuosas que, segundo elle,

Digitized by Google

o infante fazia desde doze annos a esta parte. Esta informação do velho chronista não faz subir mais alto do que 1421 a primeira expedição ordenada pelo infante.

Fosse porém como fosse, e deixando a averiguação d'estas datas para quem intentar a biographia d'este grande principe, podemos dar como assente que os primeiros trabalhos para os descobrimentos a que o infante ligou indissoluvelmente o seu nome, começaram no primeiro quartel do seculo XV e se prolongaram, sem outros descanços que lhe não dessem o estado das coisas publicas, até 1460, data do fallecimento de D. Henrique.

Elle mesmo nos diz em uma carta de 18 de setembro de 1460 (35), «que haverá 35 annos começou de povoar a Madeira e Porto Santo»; sendo certo que antes de descobertas estas ilhas, já muitos navios do infante haviam cruzado os mares, em demanda d'essas terras e costas que elle tanto anhelava conquistar para a fé de Christo, e para a corôa de Portugal.

Qual fosse a vida do infante n'este retiro de Sagres não nol-a diz com particularidade a historia, mas facilmente se adivinha pelos resultados conseguidos, o muito que lidou, estudou e luctou. Porque elle luctou, meus senhores, como luctam todos os homens de idéas novas contra os erros, os preconceitos, as duvidas, a fraqueza e o amor da rotina, que oppõem a sua poderosa força de inercia a todo o progresso na ordem moral, e a todo o caminhar na ordem material.

Não julgueis pois, meus senhores, que fosse acolhida com enthusiasmo, como hoje se diria, a arrojada tentativa do infante de dar novos mundos ao pequeno paiz que lhe fôra berço e que tão ufano lhe é hoje tumulo. Longe, bem longe de enthusiasmo, provocou o audacioso projecto que se aninhava em Sagres a mais vehemente e manifesta opposição. Ouçamos o velho chronista do principe navegador.

«...era grande duvida qual seria o primeiro que quizesse poer sua vida em semelhante ventuira. Como passaremos, diziam elles, os termos que pozerom nossos padres, ou que proveito póde

Digitized by Google

trazer ao Iffante a perdiçom de nossas almas, juntamente com os corpos . . . Por ventura nom forom em Spanha, outros principes, nem senhores, tam cubiçosos desta sabedorya como o Iffante nosso sñr? Por certo nom he de presomyr, que antre tantos e tam nobres e que tam grandes e altos feitos fezerom por honra de sua memorya, nom fora alguũ que se dello nom atremetera. Mas seendo manifestos do perigoo e fora da esperança da honra nem proveito, cessarom de o fazer. Isto he claro, diziam os mareantes, que despois deste cabo nom ha hi gente nem povoraçom alguma; a terra nom he menos areosa que os desertos da Lybia onde nom ha augua, nem arvor, nem herva verde, e o mar he tam baixo que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça. As correntes som tamanhas que navyo que lá passe, jamais nunca poderá tornar. . . »

Isto diz Azurara (36), e isto repete em seu estylo já mais culto e castigado, mas já menos ingenuo e espontaneo, o nosso Barros (37). Não levou o infante de vencida tantos temores e tantas duvidas. Consumiu annos em preparar-se para dar o ataque final, em que o seu capitão Gil Eannes, com o dobrar do cabo Bojador, convenceu os mais irresolutos, fortaleceu os mais tibios. Estes annos gastou-os em adquirir para si proprio sciencia, para os outros experiencia, e familiaridade com o formidavel inimigo, tão temido como ignorado. Chamou de fóra os mais illustres cosmographos, de dentro os mais peritos mareantes. Encerrado noite e dia no seu observatorio estudou astronomia; leu quantas viagens e quantos livros de geographia a propria industria ou a dedicação dos amigos lhe pôde levar ás mãos (38); intentou no aperfeiçoamento dos rudes instrumentos, e das imperfeitas cartas então em uso; enviou periodicamente pequenas expedições a reconhecer as costas d'Africa, e a estudar o oceano, as leis que o regem e os caprichos a que é sugeito. «Todos seus dyas, diz Azurara (39), passou em grandissimo trabalho, ca per certo antre todallas naçoões dos homeẽs, nom se pode fallar dalguũ que mais grandemente senhoreasse sy mesmo. Dovidoso serya de contar quantos pares de nou-

Digitized by Google

tes, seus olhos nom conhecerom sono, e o corpo assy austinado que casi parecya que reformava outra natureza. Tanta era a continuaçom de seu trabalho e per aspera maneira... que as gentes do nosso regno trazyam em vocabullo que os grandes trabalhos deste principe quebrantavam as altezas dos montes. Que direy senom que as couzas que aos homeẽs parecyam empossivees, a sua continuada força as fazia parecer ligeiras.»

Não póde porém aquilatar o serviço que D. Henrique prestou á civilisação, quem se não lembrar do estado em que no fim do seculo XIV, estavam as sciencias e os instrumentos de investigação. Para que possamos condignamente avaliar o que foi aquelle grande obreiro do progresso, é mister que os nossos olhos se affaçam á luz quasi crepuscular que allumiava as intelligencias dos seus contemporaneos, no tocante ás sciencias geographicas; é mister que por um pouco nos esqueçamos do que sabemos, nós os homens do seculo XIX; que nos esqueçamos das viagens de circumnavegação de Cook, de Dumont d'Urville, de Mungo Park; é mister que nos não lembremos que o polo norte foi explorado por Franklin, e por tantos outros que lhe tem seguido as afoutas pégadas; que o polo sul já revelou os seus mysterios aos intrepidos companheiros de sir James Ross; que os desertos centraes da Africa estão proximos a converter-se em novos e fecundissimos mananciaes de riquesa; que os mattos virgens da America do sul, foram percorridos, estudados e descriptos pelos audaciosos martyres da sciencia, para quem não ha estorvos que lhes embarguem os passos; que as solidões da Australia já foram atravessadas; que as mais remotas montanhas das grandes cordilheiras da Asia estão visitadas; que as ilhas perdidas no Pacifico encontraram os seus Colombos; que não ha desvio por mais escuso que seja que não fosse percorrido; que não ha recanto do globo que não tenha sido descripto; que Humboldt subiu ao Chimborazo, e que a sonda da *Challenger* desceu até aos mais vertiginosos abysmos do mar; que nos é conhecida a elegante saxifraga, e os delicados lichens que mal vegetam entre os gelos do polo: e que podemos estudar

Digitized by Google

aquella pasmosa manifestação da vida mono-cellular que se chama o Batybius, o qual nasce, vive e se reproduz nas incommensuraveis profundezas do oceano, debaixo de pressões espantosas que até ha pouco se reputavam ermas de organismos; que temos á mão o telescopio para sondar o infinito, o microscopio para prescrutar o invisivel, o spectroscopio para decompor o imponderavel.

O homem d'hoje, meus senhores, precisa esquecer tudo isto, se quizer ser justo para com o infante D. Henrique, se quizer attribuir-lhe com justiça o logar que por direito lhe pertence, no pantheon que encerra todas as glorias da humanidade; se quizer inscrever este nome, graval-o com lettras d'oiro n'essa lamina de perduravel bronze onde brilham com esplendido fulgor, os nomes dos varões illustres que são os primeiros entre os primeiros.

Não fôra justo quem assim não procedera. Apreciar o giganteo esforço de D. Henrique á luz esplendidissima da nossa actual civilisação, é querer avaliar a intensidade dos raios d'uma estrella ao meio dia d'uma formosa manhã de julho, quando n'um ceo sem nuvens nos deslumbra de claridade o sol; é tomar como craveira da infancia a mesma com que mediriamos o adulto chegado ao seu completo desenvolvimento; é comparar o mimoso e innocente balbuciar da creança que depois foi Demosthenes, com a palavra fremente e apaixonada do grande orador atheniense, quando na ágora da sua patria, se lhe despenhavam em tumultuosas catadupas os accentos da mais sublime eloquencia.

Desculpem-me pois, meus senhores, se por alguns instantes desvio a vossa attenção do assumpto principal em que devo fallar-vos, para em breves palavras vos pintar um resumidissimo quadro dos conhecimentos geographicos da edade média, e vos descrever o estado em que se elles encontravam quando na scena do mundo apparece o grande pensador de Sagres.

Desde os mais remotos tempos tratou o homem do estudo physico do planeta em que estanceia. As mais antigas tradições conservam-nos vestigios de estudos geographicos, meio apagados pelo tempo, e pelas fabulas. Como n'um jardim outr'ora cultivado

Digitized by Google

com singular disvelo, porém desde muito despresado, crescem os abrolhos afogando as rosas, rebenta vigoroso o escalracho, se enleia por toda a parte a hera verdejante, e mal apparecem as mimosas plantas que em outro tempo dominavam absolutas n'este viçoso imperio, e que hoje só a custo, a muito custo, se revelam a quem percorrer o desolado recinto, atraiçoando-se aqui pela fragrancia que mysteriosamente se eleva de debaixo um montão d'espinhos, acolá por uma corolla matizada que timidamente desponta d'entre as urzes resequidas; assim no vastissimo campo da historia ha recantos escusos que nos deixam adivinhar por baixo da ruim vegetação que hoje lhes recobre o solo, as hastes quasi sumidas que outr'ora deram flores e fructos.

O que sabemos da geographia das mais alongadas épocas da humanidade é incompleto e indistincto. São vagas as noticias que nos chegaram: e nem sequer acertamos muitas vezes com a nomenclatura então usada, nem a podemos applicar, com certeza de nos não enganarmos na designação verdadeira dos logares. Assim é que tem sido disputada a questão de saber onde ficava a Atlandida, essa ilha mysteriosa que Platão nos descreve tão minuciosamente no seu *Critias*, e que desappareceu uma noite sem nem sequer deixar vestigios.

A Atlantida, foi como todos sabem, thema dos mais singulares devaneios durante a antiguidade e a edade média. Homero, Hesiodo, Euripides entre os poetas, Strabão, Plinio e outros entre os sabios não se cançam de nos descrever os esplendores d'aquella antiga terra em que florescia uma civilisação que, ao inverso de muitas civilisações antigas e modernas, era sobretudo excellente pelas virtudes que n'ella se desenvolviam. Esta grande ilha ou continente, que ao illustre chanceller Bacon serviu para quadro do seu tratado de politica ideal (40), e fôra assumpto de muitos estudos para os sabios da edade média, não deixou em época mais adiantada de prender a attenção. No fim do seculo XVII o sueco Rudbeckio (41) consagrava 3 vol. in fol. para provar que a Atlantida se deve entender da Suecia; Eurimio quer que ella fosse situada no

Digitized by Google

Oriente; Baer na Palestina, e D'Anville (42) nega absolutamente que ella existisse. Um sabio francez nosso contemporaneo, excedendo talvez em imaginação e arrojo a todos quantos deixo indicados, consagra extenso capitulo d'uma eruditissima obra (43) a demonstrar que a Atlantida dos antigos era uma pequena ilha, hoje submergida, que existia no golpho de Taman entre os mares Negro e d'Azof. Se é certa a inducção arrojada do illustre Moreau de Jonnès, é de receiar que as sombras venerandas dos velhos atlantidas sejam agora perturbadas no longo descanso de que estão gosando debaixo das aguas, com o estampido dos torpedos, o troar dos krupps, e os roucos gritos d'agonia d'aquelles que ali vão digladiar-se. Pobres atlantidas! Serem cantados por Platão, prenderem a attenção do mundo tantos seculos, servirem d'assumpto a tão eruditas dissertações, e nem sequer poderem dormir em paz seu longo e derradeiro somno.

Mas reatemos o fio da nossa exposição, e esbocemos rapidamente o que era a sciencia geographica no tempo de D. Henrique (44).

Desde o seculo v até ao xv tinham pouquissimo progredido, se é que não retrogradado, os conhecimentos geographicos. Podemos estudal-os nos livros que nos restam d'aquellas épocas, e nas cartas cosmographicas que são a expressão verdadeira da scien cia da cartographia na edade média.

Predominava a theoria geocentrica: a terra é o centro do universo; para a illuminar de dia nasce o sol no horizonte; para lhe mitigar as trevas nocturnas, resplandecem no firmamento milhares d'estrellas. Como a terra é o centro do universo, assim o homem é o centro da creação. Tudo foi creado para elle; tudo lhe pertence, tudo lhe está subordinado (45). O que foram estas theorias, e a influencia que ellas tiveram na marcha da humanidade, não é aqui lugar para o desenvolver. Levar-me-hia muito longe, afastando-me do meu assumpto principal, a apreciação d'estas doutrinas, que por tantos seculos dominaram absolutas, e que ainda hoje não estão inteiramente abandonadas.

Digitized by Google

No que respeita propriamente a cosmographia, vigoravam ainda as theorias de Homero ácerca da fórma do globo. A parte habitada da terra era rodeada pelo mar, e além, muito além, existia o paraizo terreal, que a sciencia christã havia substituido aos campos elysios dos velhos poetas pagãos.

Macrobio, Orosio e Lactancio, que viveram nos seculos v e vi ignoram que a Africa se prolonga para além de 10° de latitude norte. Começa ali um oceano insondavel, cheio de trevas e de mysterios, que banha todo o sul d'aquelle vasto continente. É o desabrochar da lenda do «mar tenebroso» que a vivissima imaginação dos arabes tanto havia de opulentar, como logo veremos. Prisciano no seu poema geographico segue as mesmas idéas: o mundo é dividido por dois rios: o Tanais e o Nilo. A Ethiopia é o termo sul da Africa; Atlas em pé sobre o seu rochedo sustenta aos hombros todo o peso dos ceos.

No seculo seguinte S. Izidoro de Sevilha, o sabio quasi universal, o Pico de Mirandola ou o Humboldt do seu tempo, é muito ignorante em geographia. Ao sul da Ethiopia só ha solidões inaccessiveis; mais longe espraia-se um vastissimo oceano que as vistas do homem nunca poderam e nunca poderão contemplar.

No viii seculo o veneravel Beda, que fôra discipulo da illustre universidade de Armagh na Irlanda, onde tambem se formaram o rei Alfredo e o celebre Alcuino, o amigo de Carlos Magno e reitor da sua escola, Beda tinha para si que a zona torrida era inhabitavel por causa do calor. A terra, dizia elle, é como um elemento no meio do mundo; está no centro d'este como uma gemma no centro do ovo; em volta está a agua que a envolve, como a clara envolve a gemma; o ar cinge a agua em redor como a membrana cinge a clara; e finalmente como a casca recobre este todo, assim o fogo se recurva em volta do mundo.

Para o anonymo de Ravenna, escriptor do seculo ix, é quasi peccado querer devassar os segredos do mundo. A terra termina pelo occidente no estreito gaditano; no oriente é-nos defezo penetrar pois existe ali o paraizo innaccessivel aos mortaes.

Digitized by Google

As idéas geocentricas com todo o seu cortejo de doutrinas derivadas, vão-se desenhando e accentuando cada vez mais. Rabano-Mauro que é auctor d'uma encyclopedia em 22 volumes, nos quaes condensa todos os conhecimentos humanos do seculo IX, descreve-nos o paraizo como situado na parte mais occidental da terra, rodeado de muros de fogo, de que não póde aproximar-se o homem. Dos vergeis paradisiacos nascem os quatro rios que fertilisam a terra; Jerusalem é o centro da terra, e esta, que é circular, está situada no meio do universo; envolve-a por todos os lados o oceano; a Africa termina além do tropico, onde começa o mar das trevas. De envolta com estas noções tão erroneas, encontram-se numerosas fabulas e lendas. No Caucaso ha montes de puro ouro, guardados por terriveis dragões; vivem as amazonas ao sul do Tauro; as górgonas, cujo corpo é todo coberto de hirsutos cabellos, habitam junto do promontorio Esperaceris; Atlas ainda sustenta sobre os hombros o enorme peso dos ceos; a Scythia é a patria de Gog e de Magog, de que já nos falla Isaias, mas as suas riquezas metallicas e as suas pedras preciosas estão defendidas da cubiça humana pelos griphos que lhe guardam os aditos. Tal era, meus senhores, o ensino geographico ministrado aos seus discipulos por um dos mais celebres monges da grande abbadia de Fulda, pelo fundador da primeira escola publica aberta na Allemanha.

Vão passando os seculos, mas não progride a sciencia da geographia. Alfrico, astronomo do seculo X, cujo tratado manuscripto foi estudado no museu britannico pelo nosso illustre compatriota o visconde de Santarem, sustentava que as partes centraes da terra eram inhabitaveis por causa do intensissimo calor que ali havia sempre. Quão longe estava da verdade, podem dizel-o as modernas viagens ao centro d'Africa, descrevendo os planaltos d'aquellas feracissimas regiões como um dos pontos mais sadios do mundo todo. No seculo XI encontramos os mesmos erros dos seculos anteriores. O celebre Honorato d'Autun, na sua *Imago mundi*, obra que foi para aquella época o que o Kosmos de Humboldt foi para a nossa, repete as mesmas fabulas, as mesmas lendas; lá

Digitized by Google

falla na Atlantida, no paraizo ao oriente da terra, nas ilhas mysteriosas, no grande oceano tenebroso. A *Sphera mundi* de Sacro Bosco, escripta no seculo XIII, nada adianta; e a grande encyclopedia d'este periodo composta por Vicente de Bauvais e intitulada *Speculum naturale*, não revela progresso algum.

Alberto Magno, aquelle grande lumiar da religião dominicana, e perante cujo vastissimo talento todos se curvam reverentes, mostra-se muito ignorante no que respeita a fórma e a descripção da terra. A Africa é limitada por um mar vastissimo além do qual existe outro continente habitado, mar ao qual nós os homens do hemispherio norte, não podemos chegar, não só por causa das densas trevas que o recobrem, mas tambem em virtude de um poder occulto, de um iman que attrahe os navios e os não deixa passar adiante. A idéa d'este poder magnetico não é nova. Encontra-se em Edrisi, geographo arabe do seculo XI, o qual a podia ter copiado de Ptolomeu que n'ella falla muito expressamente (46).

Não é mais versado na sciencia geographica o mestre de Dante, aquelle Brunetto Latino, cujo nome se não merecesse viver para sempre na memoria dos homens, pelo livro que elle tão apropriadamente intitulou o seu *Thesouro*, ficaria estampado indelevelmente no immortal monumento que se chama a Divina Comedia:

«...in la mente m'é fitta ed or m'accora
«La cara e buona imagine paterna
«Di voi, quando nel mondo, ad ora ad ora,
«M'insegnevate come l'uom s'eterna.»

E aprendeu bem o discipulo; soube eternisar-se, e comsigo o mestre que lhe fôra pae. Em quanto no mundo houver quem leia, será lida, e meditada e admirada a esplendida trilogia em que Dante ora amaldiçoa em accentos de ira, ora exalta em cantos sublimes, ora descreve os tormentos escruciantes do inferno, ora nos pinta com pincel divino os ineffaveis gosos da celeste Bemaventurança.

Digitized by Google

Dante foi grandissimo poeta, observador sagaz, philosopho profundo; mas foi pessimo geographo. Todo o seu poema é fundado n'um erro cosmographico: a collocação de Jerusalem no centro da terra. Para elle o mar enche um hemispherio inteiro, e além das columnas de Hercules não ha terras accessiveis. Verdade é que no Purgatorio pareceu referir-se ao cruzeiro do sul, fallando em quatro estrellas

«Non viste mai fuor ch'alla prima gente;»

mas se estas são com effeito a brilhante constellação do hemispherio austral, encarrega-se o poeta, elle mesmo, de attenuar a admiração que nos poderia causar a sua sciencia, declarando que depois de Adão foi elle o primeiro que viu a cruz celeste.

Teem discutido muito os commentadores como chegou ao poeta a noticia d'essa constellação. O nosso visconde de Santarem crê que no estudo dos geographos arabes, encontrou o grande poeta ghibellino os dados que tão habilmente aproveitou na parte cosmographica da sua epopéa, e cita mesmo um globo celeste arabe do primeiro quartel do seculo XIII em que se via claramente indicado o cruzeiro do sul, observado talvez no cabo Comorim situado em 7° 56′ de latitude norte, ou na costa de Sofala (47).

Este seculo viu a viagem de Marco Polo, o celebre veneziano, precursor do nosso Fernão Mendes Pinto, heroe como elle das mais estupendas aventuras, e victima, como elle, da incredulidade dos seus contemporaneos. Conta-se até que, estando Marco Polo proximo da morte, lhe pediu a familia que se desdissesse, para salvar a sua alma, das fabulas e mentiras com que havia esmaltado a sua narração. Fosse porém como fosse, é certo que apparecem pouquissimos manuscriptos d'esta celebre viagem, a tal ponto que foi considerado mimo da maxima valia o exemplar que ao nosso infante D. Pedro, o das quatro partidas do mundo, offereceu a republica de Veneza, quando o duque de Coimbra ali passou na sua longa peregrinação de 12 annos. A relação de Marco Polo po-

Digitized by Google

deria ter dissipado alguns erros e aclarado bastantes duvidas, mas foi sempre suspeita, e não exerceu na sciencia sua contemporanea a influencia que merecia.

Aproximam-se os tempos do infante D. Henrique e a verdade conserva-se occulta aos olhos dos geographos. O mais habil de quantos viveram no seculo XIV, Marino Sanuto, repete as fabulas dos seus antecessores. O sul d'Africa é inabitavel e inabitado; pelo poente termina este continente no 30° grau de latitude norte; Jerusalem não é despojada do privilegio de ser o centro da terra; as ilhas afortunadas, que alguns sabios modernos teem querido identificar com as Canarias, talvez para despojar Portugal de um dos seus descobrimentos, estão situadas no mappa de Sanuto ao poente da Irlanda.

Chega finalmente o seculo XV, e 30 annos antes de Gil Eannes dobrar o cabo Bojador, ainda o celebre cardeal Pedro d'Ailly ou d'Alliaco mostra tal ignorancia ácerca das dimensões e da fórma do continente africano, que suppõe ser objecto de poucos dias ir por terra da Hespanha ás Indias. Dati, que escreveu já na aurora dos nossos grandes descobrimentos, em 1422, segue ainda as idéas de Homero ácerca dos circulos concentricos de terra, agua, ar e fogo, que constituem o nosso planeta, e ignora quasi completamente a costa occidental d'Africa.

Tal era, meus senhores, em brevissimo e imperfeitissimo esboço, o estado dos conhecimentos dos escriptores christãos até á época do nosso grande infante D. Henrique. Não lhes levavam a palma os cosmographos judeus e arabes (48). O celebre Edrisi no seculo XII sustentava a existencia do mar tenebroso envolvendo toda a costa sul d'Africa, a qual começava logo além das Canarias. Ibn-Said, seu contemporaneo, diz que nas ilhas Khalidat ha umas columnas levantadas por Alexandre, sobre as quaes está gravada a inscripção «Não se passa além.» É uma variante das famosas columnas de Hercules. De que valeu este prudente aviso para cortar os vôos ao genio emprehendedor dos povos da peninsula, disse-o eloquentemente a Hespanha, arrancando do seu pedestal secular

Digitized by Google

estas vetustas columnas para as incorporar no glorioso escudo de Castella, com a antiga legenda, á qual bastou tirar uma palavra para a transmutar de gemido doloroso de fraqueza em pregão festival de victoria. Ibn-Kheldoun, que escrevia já no fim do seculo XIV, confessa que os navios se não arriscavam a navegar no mar tenebroso, e que não sabiam orientar-se quando perdiam de vista a terra, «quando não iam com a terra á mão», na phrase do nosso Barros.

Mas não era sómente a ignorancia das verdadeiras noções de geographia que desajudava a gloriosa empreza a que mettera hombros o infante. Outros, bem outros phantasmas, povoavam a imaginação dos homens do seculo XV e os arredavam pelo terror e pela superstição de emprehender o que se lhes affigurava trabalho superior á industria humana. Já por vezes, n'esta conferencia, alludi ao mar tenebroso, mas não me deixou o fio do discurso referir-vos as medonhas fabulas com que a phantasia dos escriptores povoava aquellas negras ondas.

O geographo Edrisi (49) pinta-nos com vivissimas côres os perigos de toda a sorte que esperavam o audacioso nauta que se arriscasse a cortar as aguas d'esse oceano desconhecido. As trevas cobrem a superficie das aguas; desapparecem o sol e as estrellas; foge de todo a luz; por toda a parte a noite e a noite mais medonha que o espirito possa conceber. As ondas elevam-se a vertiginosas alturas; embatem-se com furia umas nas outras; não ha resistir-lhes; fôra empresa vã teimar em vencel-as; quem o tentar pereceu. Os silvos do vento atordoam os ouvidos e ajuntam os seus estridentes uivos aos roucos sons das vagas. Levantam-se a miudo d'entre estas sombrias aguas jactos de fogo com mais de cem covados de altura. A luz avermelhada que lançam não illumina, mas deslumbra e cega o navegante e precipita a sua ruina.

Não são tão sómente os elementos desencadeados que em procella não interrompida refusam aos homens a entrada n'esse mysterioso oceano. Os animaes que n'elle habitam amedrontam e afugentam os mais destemidos. Revestem os peixes fórmas monstruo-

Digitized by Google

sas e gigantes. Dos profundos abysmos saem a tolher o passo ao marinheiro horrendas serpentes, dragões hediondos, pavorosos apparecimentos que aos mais intrepidos congelam o sangue nas veias.

Para outros, como por exemplo Albufeda, o mar é ermo de habitantes, mas as suas aguas tornam-se espessas debaixo da acção do sol, que faz evaporar os atomos subtis de que ellas se compõem, e a tal ponto que as não podem cortar as prôas dos navios.

Ibn-Said conta que uns arabes, impellidos pela tempestade, foram atirados a uma costa onde se elevava uma formosa montanha que resplandecia de estranho fulgor. Chegados á terra, e quando se apromptavam a desembarcar, acudiram uns berberes de Kodala a gritar que tal não fizessem, porque a base da montanha era toda formada de serpentes entrelaçadas, que certamente os devorariam se d'ellas se aproximassem.

Boccacio, o espirituoso auctor dos bem conhecidos contos, diz-nos com uma gravidade não fingida, e com uma boa fé na verdade curiosa em espirito tão sceptico, que o Atlas é povoado de serpentes, e que em suas cercanias habitam homens com pés de cabra, e satyros.

Com verdade podia dizer o commerciante veneziano Pietro Quirini (50), fallando dos mares além do estreito, junto do qual fôra acossado por fortissimo temporal, que elles são: « luoghi incogniti e spaventosi a tutti i marinari. »

Mas a par d'estes devaneios, que mais parecem pezadellos de homem devorado de intensa febre do que phantasia de espirito são, por mais imaginoso que o concebamos, encontram-se nas obras dos antigos cosmographos lendas graciosas, e de uma poesia que não requeima o cerebro, como estas de que vos dei ligeirissima amostra.

É doutrina muito antiga (51) na historia das religiões, de que as almas não podiam entrar para a bemaventurança sem atravessarem um rio ou um mar, que marcava o limite entre este mundo e o do descanço. O elysio de Homero é situado além do oceano, no sitio onde o sol vae todas as noites descançar da faina do dia (52);

Digitized by Google

Hesiodo e Pindaro transformam em ilhas este logar tão cubiçado, e em vez de o supporem existente além do oceano, crêem que é rodeado de agua por todos os lados. Esta transformação do mytho original explica-se facilmente. Completava até certo ponto a noção primitiva, tornando de mais difficil accesso a terra cobiçada. Foi d'esta alteração da primitiva crença que nasceu a idéa das ilhas afortunadas, sobre a qual tanto teem disputado os sabios de todos os paizes. Não posso nem de longe indicar agora as variadissimas hypotheses que se imaginaram para fazer concordar a geographia dos differentes auctores, e para explicar com alguma verosimilhança as passagens de seus escriptos que se referem a essas ilhas. Successivamente impellidas do nascente para o poente, vieram finalmente a parar nas Canarias, que longo tempo conservaram esta denominação.

Cançou-se a fertil e graciosa imaginação dos gregos a descrever-nos essas abençoadas estancias, e não lhe ficaram atraz os romanos. Pomponio Mela diz que ali todas as producções são espontaneas; que d'entre as rochas brota uma fonte cuja agua tem a singular faculdade de provocar uma hilaridade continua, que só póde terminar quando se beba d'outra fonte que junto corre.

Não sei se o velho geographo romano acreditava na verdade dos informadores que lhe haviam referido tão estranho caso, mas tenho para mim que ficaria certamente muito perplexo se um vidente lhe contasse que muitos seculos depois d'elle, tempo viria em que os homens descobririam não já uma agua, mas um gaz com as mesmas propriedades, o gaz hilariante, ou para lhe chamar pelo seu nome chimico, o protoxydo d'azote.

A crença nas ilhas mysteriosas produziu um sem numero de ficções, gentis umas como o sonho de uma noite de estio, phantasticas outras como as visões que povoam o cerebro de um fumador de hatchis. O nosso conhecido Edrisi (53) conta com a seriedade que requer o caso, que no oceano existem duas ilhas na verdade preciosas. Uma é só habitada por mulheres, outra só por homens. Uma vez por anno, na primavera, quando as flores esmal-

Digitized by Google

tavam os campos, e os passaros em seus gorgeios recordavam que era chegada a estação dos amores, iam os homens em devota romagem á ilha das mulheres, e ali passavam um mez, só um mez, para voltarem logo depois ao isolamento dos onze mezes, com que pagavam a felicidade, que bem curta lhes devia parecer, d'aquelles dias tão velozmente decorridos.

Não nos refere o sabio arabe particulares do governo d'essas ilhas, mas faço ás mulheres a justiça de acreditar que seria modelo de publica administração e governança a ilha em que imperavam sós, sem ingerencia do sexo egoista que para si quer no resto do mundo o exclusivo privilegio de pilotar o baixel, ás vezes bem alquebrado, que por uma metaphora pomposa se convencionou chamar-lhe a nau do estado.

A crença na existencia d'estas ilhas estava tão enraizada em todas as mentes, até nas dos homens superiores, que Christovão Colombo, na sua primeira viagem, julgou haver passado junto da ilha das mulheres, e lastimou-se no seu diario de não haver podido colher ás mãos alguma d'estas insulares para as levar áraainha Izabel (54).

Um auctor arabe do seculo xv, cujo manuscripto foi examinado pelo visconde de Santarem, diz que no oceano Atlantico existe a ilha de Salomão, onde em sumptuoso jazigo descançam os restos mortaes d'este sapientissimo rei. Elevam-se ali tres estatuas: a primeira é amarella e acena aos navios que se afastem; a segunda é verde e o seu gesto parece interrogar; a terceira é negra e tem o braço estendido na acção de advertir.

É conhecida a historia dos Maghurinos, ácerca da qual existe uma erudita dissertação do fallecido secretario geral d'esta Academia, o sr. conselheiro Macedo (55). Dois geographos arabes Edrisi e Ibn-al Nardi contam as aventuras d'estes oito mancebos, que atrevendo-se a entrar no mar mysterioso, se encontraram navegando sobre aguas muito espessas e que exhalavam um cheiro fetido. A luz do sol ia sempre afrouxando mais e mais, e só a custo podiam evitar os numerosos recifes que por todos os lados lhes embargavam

Digitized by Google

o caminho. Aportaram finalmente a uma ilha onde foram aprisionados por homens altos, de cabello corredio e arruivado, ali ficaram mettidos em estreita prisão, e ainda que bem tratados, não lhes consentiram que examinassem coisa alguma. Quando soprou o vento oeste foram trazidos com os olhos vendados para bordo de um barco que os levou á terra dos berberes.

Na ilha de Saáli os homens teem o aspecto de mulheres, diz um velho geographo arabe, e accrescenta, mostrando-se assim pouco amavel para o sexo bello, que estes homens teem os dentes saidos da boca, os olhos chammeantes, e as pernas formadas como se fossem de madeira requeimada.

Na ilha Harran descem as barbas dos homens até aos joelhos; as faces d'estes vellosos são largas e as orelhas immensas; comem vegetaes crus como se fossem herbivoros.

Na ilha de Mostachiin havia um monstro que devorava quantos homens e animaes colhia. Venceu-o Alexandre, offerecendo-lhe como isco uma pelle de toiro que havia mandado encher com enxofre, cal, azeite e arsenico. Durante as convulsões que no pobre dragão produziu tão estranho manjar, ordenou o rei que apressassem a morte do monstro, atirando-lhe para dentro da boca uma barra de ferro em braza.

N'esta mesma ilha vivia um curioso animal do tamanho de uma lebre, mas com o pello brilhante como o oiro, que afugentava, só com a vista, as bestas mais feras.

Não é difficil encontrar em algumas d'estas lendas pagans as origens de lendas perfilhadas pelo christianismo. Assim o dragão morto por Alexandre, é um dos muitos dragões do cyclo lendario pagão que serviu de prototypo ao dragão de S. Jorge. Nas épocas incultas e rudes usavam os missionarios attrair á fé christã os povos barbaros que se propunham evangelisar, transformando e accommodando ao christianismo as lendas e fabulas a que os encontravam affeitos. Não podendo discutir com estas intelligencias infantis, receando afastal-as, se elles não condescendessem até certo ponto com alguns dos preconceitos que iam combater, seguiam o

Digitized by Google

conselho de S. Gregorio o magno, e toleravam a conservação de antigos mythos e de antigas festas, mudando-lhes apenas os nomes, e, tanto quanto podiam, as praticas (56) que tivessem resaibo de paganismo.

Entre as lendas christans que durante toda a edade média não só corriam entre o vulgo, mas gosavam dos foros de cidade nas obras dos eruditos, não poucas encontramos que se referem ao mar tenebroso e ás ilhas mysteriosas. A mais poetica é a da ilha de S. Brandão, da qual com mais ou menos variantes se deparam vestigios em chronicas de differentes paizes. S. Brandão era um santo monge irlandez do seculo VI, que impellido por uma sede inextinguivel de converter almas a Deus, emprehendeu largas peregrinações pelo azul dos vastos mares, á busca das ovelhas desgarradas do redil do Senhor. Na chronica de Viterbo, S. Brandão chega em uma das suas viagens a uma montanha d'oiro fino, encimada por uma cidade construida do mesmo precioso metal, onde o intrepido missionario vê com pasmo e jubilo Enoch e Elias rendendo culto a Deus, n'uma egreja egualmente d'oiro. Permanece ali tres dias, mas quando volta á patria, desconhece a tudo e a todos; encontra-se em terra que lhe é de todo o ponto estranha, e rodeado de uma geração inteiramente diversa da que deixara ao partir. Era que na ilha encantada havia passado tres seculos e não tres dias, como lh'o figurara o fervor da sua alma, e a completa absorção de todo o seu ser no seio da divindade (57).

A versão irlandeza é um pouco diversa. O santo visita o paraizo dos passaros, onde habitaram os anjos que sem terem acompanhado Lucifer, não se ajuntaram comtudo ás milicias celestes que foram combater o grande revoltoso.

Este paraizo dos passaros é porventura reminiscencia d'alguma ilha povoada dos maviosos habitantes do ar, das Canarias talvez, reminiscencia meio apagada pela mão do tempo, mas atravessando em sua graciosa e elegante fórma, seculos de barbarie e periodos de trévas, como a debil claridade do farol vigilante bruxuleia ao longe em noite escura, e nos está indicando a terra d'onde

Digitized by Google

partimos a cortar as ondas. Outra variante citada pelo sr. conselheiro Macedo, é mais energica, e porventura mais affeiçoada á indole inculta e rude dos marinheiros d'essas remotas eras. A ilha é sempre amenissima e deliciosa, mas são innumeraveis os perigos a que se arrisca o viajante que lá quizer aproar. S. Brandão, sabendo que outro monge chamado Mernoc vivia n'este logar de delicias, resolve procural-o. Anda sete annos no mar onde descobre muitos segredos, e afinal logra chegar ao termo da sua peregrinação (58).

Taes são, meus senhores, algumas das lendas mais interessantes que respigámos nas chronicas da edade média, e nos livros dos velhos geographos. Taes eram os sonhos que embalavam a humanidade, durante os seculos em que ella dormiu para a acção, não para o scismar e cogitar, o longo somno que se chama edade média; taes eram os receios, os cuidados, e porventura tambem as secretas esperanças que ora afastavam, ora chamavam os mareantes portuguezes que D. Henrique se não cançava de enviar ao cabo Não, ultimo limite conhecido da costa occidental d'Africa, nos annos em que o mestre de Christo preludiava por assim dizer, e como que ensaiava os instrumentos que em suas robustas mãos, e insufflados pelo seu ardente sopro, haviam de encher o mundo de pasmo e Portugal de gloria.

Mas a par d'esta disposição moral e intellectual das almas, não esqueçamos tambem de notar a insufficiencia dos meios de acção de que então dispunha o marinheiro. Quando attentamos no aperfeiçoamento actual das sciencias physicas e mathematicas, quando reparamos que temos tantos e tão poderosos meios de observação, tão delicados, tão exactos: a bussola, hoje corrigida dos desvios a que a expunha a proximidade do ferro, pela investigação scientifica e inspiração talentosa de um nosso compatriota; o chronometro mais verdadeiro do que o sol; o sextante; as lentes de purissimo crystal; a barquinha patente em que já não influem os descaímentos das correntes; as cartas nauticas tão minuciosas e correctas, onde se encontram designados todos os contornos recor-

Digitized by Google

tados da terra, todos os escolhos, todos os baixos, todos os recifes, perdidos nas solidões dos oceanos; que temos ao longo das costas ainda mais inhospitas uma cinta de faroes amigos, olhos luminosos sempre vigilantes na terra para sondar a amplidão do mar; que temos balisas, que marcam a entrada dos portos e dos estuarios; que dispomos de poderosos navios, construidos com todas as regras da mechanica, de materiaes solidissimos como o ferro, armados da invencivel força que se chama o vapor, força para a qual não ha calmarias nem correntes; que em uma palavra, todas as sciencias se conspiraram para facilitar ao homem a conquista definitiva do seu planeta, e a dominação d'aquelle elemento caprichoso, ora verde como a esperança, ora azul como um firmamento de paz; ora irrequieto, tempestuoso e medonho, como se ameaçasse varrer com as suas ingentes vagas a fraca terra que pretende avassal-o, ora manso e submisso como escravo que se resigna, o mar em fim; quando attentamos em tamanho progresso, em tão abençoados fructos do trabalho, em tão incontestada superioridade do homem sobre a natureza, curvamo-nos reverentes diante d'esta força occulta e mysteriosa que se chama a intelligencia, e que para uns é scentelha divina, para outros evolução necessaria e fatal de uma lei insondavel.

No tempo de D. Henrique as sciencias physicas, ainda no berço, estavam longe de adivinharem sequer os altos destinos para que eram reservadas.

Já vimos o que eram as cartas. Representavam fielmente o estado dos conhecimentos geographicos da época. Não havia que fiar n'ellas. No que respeita particularmente á Africa, nada se conhecia depois do cabo Não, como affirma Barros (59). Julgava-se que além se recurvava para leste um mar que circumdava a parte austral do continente; ao poente era o mar tenebroso, vedado aos mortaes, povoado de ilhas phantasticas; a zona torrida era inhabitada; Jerusalem era o centro da terra; o Nilo corria de nascente para poente; para explicar como atravessava o mar vermelho, imaginava-se um tunnel, uma passagem subterranea.

Digitized by Google

Era tal a imperfeição das cartas, que dois annos depois da morte do infante, em 1462, Diogo Gomes ainda dizia no latim barbaro do seu diario, que nos conservou o grande typographo Valentim Fernandes de Moravia: «Et ego habebam quadrantem... et ipsum meliorem inveni quam cartam» (60).

O que fossem n'aquelle tempo as cartas maritimas, dil-o Affonso v, no celebre documento de 1446, tantas vezes citado, em que se prohibe navegar além do Bojador sem licença do infante «porque antee entom (D. Henrique) nom hauja nenguẽ na christindade que dello soubesse parte, nem sabião se auja alla povoaçom, nem direitamente *nas cartas de marear nem mappa mundo nom estavam debuxadas* senom aprazer dos homẽs que as fazião des o dito cabo Bojador per diante» (61).

No que respeita aos instrumentos, a pobreza era ainda maior. Existia é verdade, a bussola, mas que bussola! Em primeiro logar não póde demonstrar-se que fosse empregada no mar antes do seculo XII, mesmo pelos chinezes que parecem ter sido os seus inventores. A primeira carta em que apparece desenhada é do seculo XIV, diz Santarem. Em Azurara encontramos uma phrase que parece indicar que o seu uzo era limitadissimo «quereis-me dizer que por opinyom de quatro mareantes, os quaaes como som tirados da carreira de Frandes ou de alguũns outros portos pera que comũnmente navegam, nem sabem mais teer agulha» (62). Isto dizia o infante a Gil Eannes, procurando vencer-lhe o terror de arcar com o desconhecido e de dobrar o cabo Bojador, e dizia-o encarecendo o uzo da bussola e animando-o a empregal-a. Nem admira que antes dos tempos do duque de Vizeu o seu uso fosse limitadissimo, se dermos credito aos auctores citados por Santarem (63), que nos descrevem a agulha d'essa época. Não era suspensa, mas estava collocada sobre um corpo leve, palha ou cortiça que nadava sobre a agua contida n'uma pequena taça (64).

Só depois dos primeiros descobrimentos dos portuguezes é que foi aperfeiçoada a bussola, e o italiano Azuni (65) não duvida affirmar que na escola de Sagres é que foram determinadas as leis

Digitized by Google

e os principios segundo os quaes se podia empregar este instrumento.

Para tomar a altura do sol e fixar o ponto tinham os contemporaneos de D. Henrique apenas o astrolabio, instrumento pesado e incommodo, além de imperfeito, e por tanto incorrecto; sendo ainda que, na opinião do nosso profundo mathematico Garcez Stockler (66) é duvidoso que este mesmo rudimentar instrumento chegasse a ser empregado durante a vida do grande infante.

Os barcos, com os quaes foi emprehendida a grande lucta de que saimos vencedores com o oceano, eram imperfeitissimos, como fórma e como construcção. Não tinhamos as madeiras da India e do novo mundo, e era-nos mister empregar os recursos que haviamos á mão. Na Torre do Tombo existe o traslado da carta regia que auctorisa o Infante a mandar cortar nos pinhaes reaes a madeira da qual carecer para as suas embarcações (67). As caravellas, barineis, pinaças, galeões, fustas e outros navios então usados, eram inconvenientissimos para o alto mar. Só passados annos, é que a experiencia levou os portuguezes a melhorarem as suas embarcações, mas d'estes aperfeiçoamentos guardavam sempre ciumento segredo a todos os outros povos.

Póde ler-se em Garcia de Rezende (68) a curiosa historia da mentira espalhada por D. João II, o principe perfeito, que n'isso como diz o chronista foi «muito prudente e muy astucioso», ácerca da impossibilidade em que estavam os navios redondos de irem á costa da Mina, onde elle mandava espalhar que só podiam navegar os navios com velas latinas, então usadas só em Portugal, como se refere. Para tornar verosimil este boato, ordenava secretamente aos capitães que fizessem dar á costa alguns d'esses navios, que já em mau estado traziam de Portugal, com semelhante destino.

Taes eram, meus senhores, as condições em que se encontravam os mareantes portuguezes quando sob a inspiração do mestre de Christo travaram com as forças associadas do oceano e da atmosphera, o duello implacavel em que elles ficaram vencedo-

Digitized by Google

res. É apenas justo confessar que bem mal apparelhados estavam para entrar na liça contra tão formidaveis contendores. Deveriam sorrir-se as vagas e os ventos, ao considerarem a fraqueza dos adversarios, como outr'ora Golias ao contemplar a pequena estatura e as delicadas formas de David; e bem podemos crer, com o poeta, que lhes atiraram de longe, pela horrenda e grossa voz do Adamastor, com a imprecação de quem se sente humilhado antes de se reconhecer vencido.

A conquista do mar emprehendida n'estas condições foi um feito tão assombroso, que de todo o tempo se tem levantado quem pretenda disputar-nos a nossa incontestavel prioridade. Não cabe nos limites d'esta conferencia narrar a historia d'estas controversias, nem as respostas victoriosas que da nossa parte temos opposto a tão injustas reclamações. O nosso illustre compatriota visconde de Santarem examinou detidamente a questão n'uma das suas mais eruditas e valiosas obras (69). O trabalho de M. Major (70), tão glorioso para nós, como importante para a historia em geral, é a mais completa revindicação do que só a má fé nos poderia contestar.

Os proprios documentos da época de D. Henrique ou pouco posteriores, como que prevendo as duvidas que depois se haviam de levantar, encarregam-se de refutar de ante mão, os contradictores da nossa justiça.

Na carta que já referi de D. Affonso v, datada de 1446, ácerca da navegação além do Bojador, está claramente consignada a nossa prioridade. Sobram diplomas d'este monarcha e do seu antecessor contendo identicas allusões, que por brevidade omittirei agora.

O papa Sixto IV na bulla de 21 de junho de 1481 (71), na qual resume e confirma as bullas dos seus predecessores ácerca da espiritualidade das novas conquistas, exprime o mesmo pensamento pelas seguintes palavras que fielmente traslado da traducção do cartorario de Thomar em tempo de D. Manuel, Pedro Alvares: «que em tempo algum ou ao menos que fosse em memoria d'homens, nã

Digitized by Google

se acostumasse navegar per o dito mar oceano contra as partes meridionaes e orientaes, o qual até ora assi a nós outros do occidente *nunca foy conhecido*, que não tinhamos nenhũa certa noticia das gentes d'aquellas partes». Isto dizia a santa sé, que era certamente n'aquella época a potencia mais bem informada de quantas havia na Europa, e que seguia attentamente, no interesse da religião, da politica e da sciencia, todo o movimento das navegações e descobrimentos. Nem ella certamente attribuiria tamanha gloria a Portugal, se receasse provocar reclamações fundadas das outras nações, que não deixariam de lh'as apresentar, se para isto tivessem pretexto.

Cadamosto, negociante veneziano, cujo nome está inseparavelmente ligado com os dos intrepidos cavalleiros de D. Henrique, e que nos deixou da sua viagem á Senegambia uma tão curiosa e completa noticia, diz logo no começo da sua narração: «Il primo inventore di far navigare a' tempi nostri queste parte del mare oceano verso mezzo di dette terre dei negri della bassa Ethiopia, è stato lo illustre signor infante D. Henrich di Portogallo... Il capo Non fu sempre il termine dove non si trovava alcuno che più oltre si fosse passato etc.» (72).

Mas para que acumular argumentos, quando temos o proprio infante D. Henrique a recontar-nos com a modestia, que tão bem cabe á verdade, a parte que elle teve n'essas gloriosas emprezas? Ouçamos esta grande voz d'além da campa, e emmudeçam perante ella todas as vozerias desentoadas quê pensam provar, porque abafam os contradictores. N'um instrumento datado de 26 de dezembro de 1458 (73), menos de dois annos antes da sua morte, diz o duque de Vizeu: «Sendo certo como des a memoria dos homẽs se nom avia *algũa noticia* na christandade, dos *mares*, *terras* e *gentes* que eram além do cabo de Nam contra o meio dia, e esguardando quanto serviço se a Deus em ello fazer podia, e bem assy a ElRei D. Affonso, meu sñr e sobrinho, que Deus mantenha, me fundei de enquerer e saber parte de muitos annos passados aca, do que era des o dito cabo de Nam em diante, nam sem grandes meus

Digitized by Google

trabalhos e infindas despezas specialmente dos dinheiros e rendas da ordem» (de Christo).

Creio que estas singellas palavras são a mais cabal, a mais completa refutação que poderiamos desejar, dos argumentos laboriosamente amontoados pelos adversarios da nossa prioridade.

E que nos importam estes argumentos se é incontestavel, se ninguem pretende negar, que antes dos descobrimentos dos portuguezes, e fossem quaes fossem as anteriores navegações, nada se sabia d'estas partes do globo a que impozemos a nossa nomenclatura, em que introduzimos a nossa lingua, que primeiro delineamos nos nossos mappas, que antes de mais ninguem civilisámos pela cruz e conquistámos pela espada? Que importa que nos contestem os nossos direitos quando a propria Africa lá está pregoando a nossa justiça, com os nomes de toda a sua costa, do Bojador em diante; o rio do Ouro, as angras dos ruivos, dos cavallos, o porto do Cavalleiro, os cabos Branco, do Resgate, as ilhas das Garças, todos os rios, todas as enseadas, todos os recortes da costa occidental, e até para lá d'este cabo tormentoso, dobrado por Bartholomeu Dias, que ao porto onde encontrou abrigo depois da grande victoria que sobre o mar alcançára, deu o nome de rio do Infante, em homenagem respeitosa áquelle que fôra o iniciador da grande lucta em que haviamos afinal vencido? «Que importa que outras quilhas sulcassem d'antes esses mares, que Camões chama—nunca d'antes navegados—diz o illustre academico que me ha de succeder n'este logar (74), se nenhum vestigio ficou d'estas navegações, se a geographia nada aproveitou com ellas, se não sobreviveu nenhuma indicação que podesse guiar os subsequentes navegadores?»

Deixemos pois em paz os adversarios da nossa prioridade, e como Dante, digamos:

«Non ragionam di lor, ma guarda e passa,»

que nos falta percorrer ainda algum caminho.

Se ao infante D. Henrique compete a incontestavel gloria de

Digitized by Google

haver aberto a estrada que levou aos subsequentes descobrimentos dos portuguezes, não póde negar se que elle fôra até certo ponto precedido por alguns ensaios mais ou menos felizes, emprehendidos durante os reinados dos soberanos da primeira dynastia. As Canarias haviam sido descobertas em tempo de Affonso IV (75), como se vê d'uma carta d'este soberano ao Papa, que lhe escrevera pedindo-lhe reconhecesse por senhor d'estas ilhas a Luiz d'Hespanha, bisneto d'Affonso o sabio, de Castella. A tentativa de Luiz não teve bom resultado, e foi sómente sessenta annos depois que um fidalgo normando João de Bethancourt colonisou uma d'estas ilhas. É curiosa a narrativa que d'este acontecimento nos deixou o portuguez Diogo Gomez na sua obra: *De insulis primo inventis*, publicada, conjunctamente com a outra de que já fallei, pelo dr. Schmeller (76). Parece que esse fidalgo, a quem Diogo Gomes chama *Betingkor*, era leproso, e que por vergonha do seu estado saíra da sua terra e fôra habitar Sevilha. Aqui ouviu fallar nas ilhas descobertas pelos portuguezes, e tendo para si que em parte alguma poderia viver mais abrigado de indiscretas curiosidades, embarcou com sua mulher e filhos, levando comsigo grande quantidade de sementes e foi povoar e agricultar a ilha Forteventura.

No que respeita á Madeira e Açores, e sem querer agora encetar a tão controvertida questão d'esse Machim e de sua amante Anna d'Arfet, a quem o nosso primoroso escriptor Francisco Manuel fez a honra de escolher para protagonistas de uma das suas mais romanticas historias (77); no que respeita estas ilhas é provavel que não fossem inteiramente desconhecidas dos portuguezes antes das grandes navegações do seculo XV, quando elles se ensaiavam e se adestravam para o alto destino a que a Providencia os destinara.

Apesar d'estas anteriores viagens, realisadas nos annos que immediatamente precederam os descobrimentos de D. Henrique, e de outras porventura tambem veridicas, das quaes haviam ficado tradições mais ou menos apagadas, é certo que a gloria do nosso principe navegador não é assombrada com estes preludios que

Digitized by Google

mal deixavam perceber aos mais atilados o muito que ainda havia a realisar, para completar o pouco que estava executado. Tambem os gregos conheciam alguns phenomenos electricos, e comtudo ninguem se lembrou ainda de despojar a Franklin e a Volta da gloria que justamente lhes cabe, por haverem descoberto e estudado este poderosissimo agente de tão maravilhosos effeitos.

O que muito concorre para levantar o merecimento do infante, o que não póde nem deve esquecer a quem fallar n'esse homem, tão acceso no amor da patria, e no amor da sciencia, que é outra patria tambem, mais vasta do que o torrão em que nascemos, e menos ingrata quasi sempre, o que nos deve acabar de encher de veneração pelo principe navegador, é o inteiro desprendimento com que empregou a fazenda, não só propria, que já era muita, senão a da ordem de Christo, que era maior ainda, na obra a que elle dera tambem a vida.

Fallecido Lopo Dias de Sousa, grão-mestre de Christo, no anno de 1418, o infante, já então cavalleiro, foi investido (78) por seu pae na elevada dignidade que a este illustre fidalgo arrebatára a morte. O que fosse então o mestrado de uma das ordens militares, o que este importante cargo accrescentava de influencia e riqueza á muita riqueza e influencia que já tinha o duque de Viseu, mal póde comprehender-se hoje, sem largas explicações que não teriam aqui proprio cabimento.

Deveriam estes logares ser de alta valia, pois que desde o tempo de D. João I só foram conferidos a principes de sangue real. Eram avultadissimos os reditos da ordem, numeroso e escolhido o seu pessoal, larguissima a sua acção. Tudo isto aproveitou o infante em prol da sua obra. Não o digo eu; affirma-o elle mesmo em mais de um documento. Já vos citei um, de cujas palavras se colhe o que deixo dito. Outros muitos poderia apresentar ainda, como por exemplo a carta, em que doando á ordem a espiritualidade da sua villa em Sagres, diz o infante que assim procede por ter em conta os muitos bens que da ordem recebeu (79).

Confirmam os diplomas regios esta declaração do infante (80)

Digitized by Google

e não a desmente o cartorario da ordem, que em tempo de D. Manuel, reduziu a leitura nova as escripturas antigas existentes em Thomar (81). O redactor anonymo das definições e estatutos da ordem de Christo, tão parco em elogios aos gran-mestres, sae da sua habitual reserva ao fallar no duque de Viseu, e quando percorrendo a lista d'estes dignitarios, chega ao nosso infante, expraia-se n'uma digressão laudatoria que debalde procuramos junto dos outros nomes (82).

Finalmente muitas bullas pontificias acabam de nos convencer da verdade do que affirmei (83).

Estas mesmas auctoridades servem para provar, que da sua fazenda dispendeu tambem muito o infante, a fim de levar a cabo o seu glorioso emprehendimento. Abençoada capitalisação de reditos foi aquella, em que semeando ás mãos fartas o seu cabedal de dinheiro, veiu a colher, e a entregar á sua patria como juro de tão lucrativo emprego, o imperio dos mares e o exclusivo do commercio do oriente (84).

Não ficou despercebido o grande alcance das navegações mandadas executar pelo infante. O desanimo dos primeiros dias, o desalento que todos expressavam, e de cuja unanimidade já vos dei amostra nas palavras de Azurara que atraz referi, duraram apenas o tempo consumido por alguns capitães em tentar a passagem do cabo Bojador. Estes annos foram na verdade crueis para o infante, e sem duvida houve elle mister de toda a energia da sua grande alma, para não desmaiar e voltar o rosto a um inimigo, que de todo o ponto parecia invencivel. Mas n'um ultimo esforço investe ainda com o temido cabo, um fiel e dedicado escudeiro do infante, e lembrado das suas recommendações «determina em sua voontade nom tornar mais ante a presença de seu senhor, sem certo recado daquello pera que o envyava» (85). Foi, e d'esta vez venceu. «Menos preçando todo perigoo dobrou o cabo a allem, onde achou as cousas muyto pello contrario do que elle e os outros ataaly presumyam» (86).

Estava descoberto o segredo, e arrancado finalmente o obs-

Digitized by Google

curo veu que por tantos seculos havia escondido a terra sonhada, antevista, desejada.

Refere-nos um antigo chronista (87), que «Gil Eannes, ao voltar a Sagres, em sinal de (a terra além do Bojador) não ser tão esterele, como as gentes diziam, trazia alli a sua Mercê em hum barril cheio de terra, humas hervas, que se parecyam com outras que cá no reino tem flores, a que chamavam rozas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o infante, elle as cheirava, e tanto se gloriava de as ver como se fôra algum fruto e mostra da terra de promissão.» Gracioso e poetico episodio é este, no qual, ao inverso do que se nos conta da rainha santa, em cujo regaço o ouro dos pobres se havia trocado em delicadas rosas, veem estas perfumadas flores, logo na aurora do nosso grande dia, presagiar-nos o abundantissimo ouro em que se haviam de converter estes primeiros e singelos mimos que das nossas conquistas nos chegavam.

Tornado Gil Eannes, e dobrado o temeroso cabo, amiudam-se as viagens, multiplicam-se os exploradores. Logo no seguinte anno, 1434, a crermos Azurara (88), foi Affonso Gonçalves Baldaya, o qual já passou trinta leguas adiante do cabo, e confirmou assim o descobrimento de Gil Eannes. A infeliz expedição de Tanger, a morte de D. Duarte, as dissenções politicas que a todos traziam inquietos, interromperam por alguns annos os progressos das navegações, mas não esfriaram o enthusiasmo em que se havia accendido o animo do infante. Consolidado o governo nas energicas mãos de seu irmão D. Pedro, voltou para o seu desolado promontorio, e d'ali enviou, sem mais descanço nem interrupção, novos capitães em demanda d'essas terras que principiavam apenas a revelar-se. Diniz Dias, Nuno Tristão, Antão Gonçalves, Lançarote, e tantas dezenas d'outros, nacionaes e estrangeiros, correm agora pressurosos a accrescentar cada anno algumas legoas de nova costa ás legoas anteriormente descobertas. D'elles fallará sem duvida detida e eloquentemente o meu illustre consocio que a mim tem de seguir-se.

Digitized by Google

Ao esforço individual succedeu bem depressa o esforço collectivo. Logo em 1444 se fórma em Sagres uma companhia que se propõe continuar os descobrimentos da costa occidental d'Africa. Pouco depois arrenda-se o commercio da Guiné, impondo-se ao rendeiro a obrigação de descobrir em cada anno cem legoas de costa (89). Começam a travar-se relações mais directas e seguidas com os habitantes do continente negro. Firmam-se com elles tratados; estabelece-se com regularidade o resgate; veem a Portugal enviados dos regulos africanos; pedem alguns o baptismo; e logra o infante, a par dos resultados materiaes das suas conquistas, presencear tambem os resultados moraes, que á sua alma tão profundamente christã haviam certamente de primar aquelles, por mais importantes que elles parecessem á sua intelligencia tão primorosamente cultivada.

Perante tão pasmosos resultados inclinaram-se todos em profunda admiração e reconhecimento. O soberano e seus conselheiros não foram dos ultimos a perceber o alcance das navegações ordenadas pelo infante, e a dispensar ao illustre principe que as iniciára, todo o favor e protecção que da corôa podia descer sobre tão poderoso vassallo. Sobram nos nossos archivos as provas do muito com que logo, desde o começo dos descobrimentos, os reis os favoreceram e auxiliaram (90).

São privilegiados os mareantes de D. Henrique, e o mestre da sua nau Diogo de Pinheiro; são isemptos de direitos as exportações da Madeira e Porto Santo; são doadas estas ilhas ao infante; é-lhe concedido o exclusivo do commercio além do Bojador; recebe o dizimo novo de todo o peixe colhido no mar de Monte-Gordo; e até como recompensa suprema vem uma carta regia outorgar-lhe um jazigo na capella real da Batalha, afóra outras muitas regalias que ás mãos largas lhe são concedidas. Os poutifices, por sua vez, accrescentam mercês espirituaes, mas rendosas, ás muitas mercês temporaes que da corôa portugueza recebera o infante (91). Espalha-se ao longe a fama das nossas navegações. Acodem estrangeiros a alistar-se no rol dos denodados companhei-

Digitized by Google

ros de D. Henrique (92). Genova e Veneza sentem que lhes vae fugir o sceptro dos mares, e que uma nação maritima bem mais poderosa do que ellas jámais foram, se está erguendo no recanto mais occidental da Europa. As noções geographicas começam a reformar-se, as cartas a melhorar-se (93), os instrumentos a aperfeiçoar-se. Em 1438 chama o infante a Sagres o illustre cosmographo Jacome de Maiorca, e com o auxilio de tão abalisado mestre, prepara com os necessarios estudos os homens a quem entrega o commando das suas caravellas. Foi este porventura o fundamento com que alguns dos nossos historiadores quizeram phantasiar a existencia na villa do Infante de uma verdadeira escola de nautica, no sentido restricto da palavra, e não escola como me parece que ella deva aqui entender-se, no sentido lato que tambem admitte o vocabulo, de centro de acção, de principio inspirador, de norma e começo de uma tradição que se prolonga por largo tempo, mesmo depois de cessar a causa que primeiro lhe deu vida (94).

O cuidado dos descobrimentos e o carinho com que os patrocionava, não tolhiam ao infante o ensejo de olhar por outros interesses de que tinha a guarda, e que porventura amimaria tanto porque d'elles poderia tambem colher vantagens para a sua principal obra.

Não descurava quanto dizia respeito ao augmento e desenvolvimento das propriedades da ordem de Christo. Vivem ainda hoje documentos que attestam o muito favor que lhe mereceu sempre não só a agricultura, mas ainda a industria. Para augmentar as suas rendas, e poder melhor acudir ás grandes despezas das suas armadas, não hesitou o infante em ter fabricas de tinturaria e saboaria, em organisar pescarias de atum e de coral, em levantar moinhos de vento, e armar sobre barcos moinhos no Tejo, em fazer canaes e estacadas no Rodão para colher abundante pescado (95). Por outro lado o seu espirito eminentemente liberal e pratico, começando já a prever os muitos beneficios que podiam resultar do desenvolvimento do commercio interno do paiz, não se furtava a olhar para o augmento d'este importante elemento de riqueza. A

Digitized by Google

seu pedido foram fundadas feiras francas em Tarouca, Pombal, Viseu e Thomar. Aos feirantes eram concedidos privilegios excepcionaes e de tal ordem, que certamente haviam de chamar a este ajuntamento numeroso concurso de povo (96).

Olhou com particular attenção para o gravissimo assumpto da instrucção publica, fundando e dotando cadeiras e doando varias casas aos estudos geraes, que mal podiam funccionar no apertado e velho edificio em que estavam. Segundo se refere (97) offereceu-lhe a universidade o titulo de seu protector, e certamente mais dedicado e zeloso não o podiam encontrar as escolas fundadas por D. Diniz.

Em meio de tão trabalhada existencia não lhe passavam desapercebidos outros deveres porventura menos instantes. Assim é que não esqueceu a um dos annalistas da ordem de Christo, grato por tantos favores, de memorar que a este esclarecido principe se deveram muitos accrescentamentos e embellezamentos no convento principal d'esta sagrada milicia (98). Levantou grande numero de fabricas para egrejas, como elle mesmo se não esquece de dizer em seu testamento (99). Mas entre todas as suas fundações, encontro vestigios de uma que não posso acabar comigo de não lembrar aqui, como prova do muito que o infante queria aos mareantes e do mui particular cuidado que sempre lhe mereceu esta classe, em prol da qual tanto lidou. Notára o duque de Viseu que no porto do Restello, hoje Belem, se recolhiam muitos navios, e que as tripulações não encontravam ali nem soccorros espirituaes, nem o mais necessario de todos os refrescos, nem sequer agua. Para prover aos primeiros fundou ali a capella, que a munificencia de D. Manuel converteu depois no grandioso templo dos Jeronymos; para occorrer aos segundos, comprou um horto com sua agua, determinando mui expressamente que esta se não vendesse, mas se concedesse aos mareantes, livre de todo o gasto. Como ultimo toque para pintar o homem, accrescentarei que no instrumento da doação, pede aos que se servirem d'esta agua, se não esqueçam de orar por alma d'aquelle a quem a devem (100).

Digitized by Google

Não julgueis porém, meus senhores, que este sabio, este estudioso, este solitario morador do promontorio sacro, limitasse a sua actividade aos exercicios do espirito, e se esquecesse da nobilissima herança de virtudes militares que deixára o esforçado mestre d'Aviz.

Não podia um filho de D. João I, um portuguez do seculo XV pendurar, como inutil, em panoplia decorativa, a forte espada que ao pae servira para conquistar a corôa, aos portuguezes para consolidar a independencia da patria.

A cruzada contra os sarracenos não terminara. Expulsos do solo portuguez, ia atacal-os no solo d'Africa a tradicional politica dos nossos soberanos. No reinado de D. Affonso V, ainda durava o impulso que partira do conde D. Henrique. O neto de D. João I é sobretudo lembrado na historia como conquistador d'Arzilla; dos varios titulos com que poderia condecoral-o a musa popular, escolheu ella o de «africano».

Só no tempo de D. João II é que toma novo rumo a actividade dos portuguezes. Este rumo sabeis qual foi, e a quem o deveram.

Mas se D. Henrique abriu novo capitulo na historia da nossa evolução social, nem por isso deixou de ser homem do seu tempo. Rasgou, é verdade, a nova estrada, mas não lhe foi concedido ver em sua vida, abandonada a antiga. Teve elle mesmo de trilhal-a. Já vos disse que para conquistar as suas esporas de cavalleiro entrou na expedição de Ceuta, planeada por D. João I, com o fim principal de dar ensejo aos filhos primogenitos de ganharem a honra da cavallaria.

Nas batalhas que se feriram em volta da praça, foi tão acrisolado o valor do infante, tão serena e ao mesmo tempo tão arrojada a sua coragem, que não lhe escureceram o vulto, os épicos vultos de D. Duarte, de D. Pedro, e dos condes de Barcellos e de Vianna. A espada que D. Filippa, já moribunda, entregára ao filho com a ultima benção materna (101) e que pela vez primeira, brilhava ao sol das batalhas, bem mostrou que era vibrada por mão

Digitized by Google

de quem herdára não só o nome mas as virtudes guerreiras do vencedor d'Aljubarrota.

Segunda vez voltou a Africa o duque de Viseu, em 1418, quando os mouros ameaçavam atacar Ceuta, para arrancar á nossa soberania uma praça que tanto sangue nos custara tres annos antes; e pela terceira vez pisou o solo africano na desgraçada expedição de Tanger, cujas fataes consequencias já atraz vos referi.

Estamos tão costumados a considerar em D. Henrique o iniciador dos nossos descobrimentos, que facilmente nos esquecemos de memorar os outros serviços que tambem devemos a este esclarecido principe. Mas não póde nem deve deixal-os no olvido a historia. Bastariam para nobilitar uma existencia. Assombra-os porém a immensa e merecida fama com que as descobertas ultramarinas aureolaram para sempre a fronte augusta do mestre de Christo.

Foi pois larguissima a acção benefica d'este principe, ao mesmo tempo guerreiro, navegador, agricultor, industrial e politico. Sob o seu influxo inaugurou-se uma nova era em Portugal, era de prosperidade material e de engrandecimento intellectual, de que seu afortunado sobrinho colheu os fructos e a que ligou o seu nome.

É porém certo que ao infante D. Henrique devemos principalmente reportar a gloria que illumina a fronte de D. Manuel. Foram as vigilias, os suores, os estudos, a perseverança do duque de Viseu que se transformaram na opulencia e na grandeza que exalçaram o throno do duque de Beja.

Ha na physica moderna uma theoria admiravel, cujas consequencias nem o homem póde ainda calcular; que talvez em si contenha a solução do grave problema que um dia se ha de apresentar aos nossos descendentes, quando esgotados os depositos de combustivel fossil, tiverem de recorrer a outro agente para alimentar as suas insaciaveis machinas; cuja applicação talvez deixe aproveitar em breve as até agora desaproveitadas forças das grandes quédas de agua, como o Niagara, cujas espumantes cascatas se despenham em fragorosa quéda, para apenas nos dar o mais grandioso espectaculo que imaginar se póde; lei que o genio de Rumford adi-

Digitized by Google

vinhou, e que o estudo dos nossos contemporaneos procura demonstrar; a theoria da transformação das forças. Calor, luz, electricidade, movimento, são porventura os multiplices aspectos de um só principio, e não principios diversos e independentes. Alcançado um, produz-se outro. Engendram-se mutuamente; transformam-se á vontade do homem, conforme as suas necessidades. Do movimento nasce o calor, a luz, a electricidade, e a nosso talante podemos, transportando-o ás maximas distancias, produzir com o movimento que estamos creando, resultados diversissimos conforme nos aprouver.

No mundo moral realisa-se tambem esta admiravel transformação. O trabalho obscuro e solitario, produzido por um só homem, vae crear, em futuras épocas, as opulencias que enriquecem muitos e os resplendores que illuminam outros. Foi assim que de D. Henrique partiu quanto oiro encheu os cofres de D. Manuel, e quanta gloria lhe esmaltou a corôa.

Os successores do estudioso de Sagres chamam-se Bartholomeu Dias, Pedro Alvares Cabral, Diogo Cão, Pedro da Covilhan, Gaspar Corte Real, Vasco da Gama, Fernando de Magalhães, Christovão Colombo. Foram elles os verdadeiros discipulos da escola de Sagres, e os continuadores de uma obra cujos capitulos se intitulam: a Guiné, o Congo, as Costas d'Africa, o Cabo de Boa Esperança, o Caminho para as Indias, o Brasil, a Terra de Fogo, a Terra do Lavrador.

Quando com os olhos da alma contemplo aquella pequena Villa do Infante, theatro de tão maravilhosos feitos, affiguram-se de pé as suas muralhas; vejo cheio de vida e bulicio o seu porto, apinhoadas as ruas sombrias e tortuosas que da enseada conduzem ao paço; oiço o trafico offegante das vendas e compras, o labutar, a que não põe fim o dia, do martello e da serra; admiro os seus armazens atulhados dos novos despojos opimos d'Africa; adivinhò a faina incessante que vae a bordo dos navios, apparelhando-se uns para levantar ferro, descançando outros de longiquas viagens; maravilho-me do espectaculo que me apresentam esses rudes e toscos barcos que a tanto se afoitaram no oceano, e que baloiçan-

Digitized by Google

do-se agora sobre as tranquillas aguas da bahia, estão como que impacientes de voltarem a vencer novos perigos e a conquistar novas glorias. Oiço o rumor confuso de vozes portuguezas, misturado com estranhos sons de exoticos idiomas, o italiano, o flamengo, o inglez, o mouro, os gutturaes accentos do hebraico vulgar, e até os mal articulados gritos do habitante da Guiné. Entro n'essas casas; presto ouvido ao que n'ellas se diz. Por toda a parte descubro uma só vontade, um só desejo, uma só paixão. A vontade decidida e firme de pagar á patria, com a propria vida, se necessario for, o tributo de trabalho e sacrificio que todos lhes devem; o desejo fervente de servir o seu Deus, o seu rei, o seu infante; a paixão tenaz mas reflectida e perseverante de conquistar gloria. N'um estreito quarto, encostado a tosca meza, vejo um mareante meditar silencioso sobre um mappa, em que busca informar-se dos novos descobrimentos que annunciaram as recemchegadas caravellas; adiante descubro outro, escutando avidamente as lições do mouro que, por ser lido nos cosmographos da sua terra (102), poderá esclarecel-o sobre certos pontos duvidosos, e ajudal-o porventura a descobrir alguma ilha, que houvesse escapado á perspicacia dos que o precederam; acolá encontro-me com um grupo que se encaminha para a habitação de Jacomo de Maiorca, o mestre piloto a quem o infante havia entregue a sua escola de nautica; dou de rosto, ao voltar da rua, com um forasteiro que vem offerecer ao principe os seus serviços e pedir-lhe que o deixe amestrar-se com os portuguezes na arte de navegar por esses ignotos mares; passo junto d'outro que, impellido não já pela sede do ganho ou da sciencia, mas pela da gloria, vem de longes terras até este rochedo batido das vagas, em busca das honras da cavallaria que quer merecer nas remotas plagas d'Africa (103); passa por mim o astuto judeu que ali vem mercadejar; o azenegue que impaciente espera que o devolvam á patria; o rico veneziano que vê fugir-lhe o exclusivo do commercio do levante, diante das conquistas d'um pequeno povo, cuja existencia mal conhecia; o mouro desconfiado das informações que lhe pedem e que elle dá a medo, lembrado ainda de Ceuta e de Alcacer;

Digitized by Google

o flamengo que se vale do nome da duqueza de Borgonha para esperar bom acolhimento.

Levanta-se aqui um tumultuar de vozes em que mal se distingue um pedido unanime: são marinheiros portuguezes que requerem-se alistarem a bordo dos navios do infante. Adiante encaminha-se uma turba para vasto campo nos arredores da villa: chegou na vespera uma embarcaçãó, e vae partir-se a presa de homens e mercadorias que lhe abarrota os porões. Recebe o infante o seu quinto, como lh'o concedera el-rei, mas o melhor offerece-o á pequena egreja onde ia pedir a Deus inspirações para a sua obra, e bençãos para os seus collaboradores (104).

Subo ao paço, e maravilhado do estranho espectaculo em que se me vão os olhos, procuro a alma que insuffla a vida a este gigantesco e variadissimo corpo.

Entro em aposentos singelamente ornados.

Custosos manuscriptos, recobertos de pesadas encadernações de madeira e pregaria, descançam sobre as prateleiras da estante que reveste uma das paredes. Entre todos, fere a vista o bellissimo exemplar das viagens de Marco Polo, que a serenissima republica de Veneza offereceu ao principe viajante o infante, D. Pedro, que o deu como precioso mimo a seu irmão, o vidente de Sagres (105). Na parede fronteira, em vez de panos de Flandres, ou de bordadas tapeçarias, espalma-se o mappa que explica o livro, e que foi com elle doado ao duque de Coimbra. Junto d'este mappa ha outros, em alguns dos quaes vão sendo cuidadosamente apontados os progressos das navegações portuguezas e os descobrimentos que assignalam cada viagem. Sobre uma meza apresentam-se em pittoresca, mas não desordenada confusão, astrolabios, quadrantes, agulhas e outros instrumentos; n'outra estão amostras dos productos d'Africa, sempre á mão para attestarem aos incredulos o que valem essas feracissimas terras, e para serem enviadas como poderoso meio de seducção aos navegantes estrangeiros que, irresolutos ainda, aportam a Sagres (106). Enchem as salas os cavalleiros, escudeiros, moços fidalgos, moços da camara, de estribeira, de monte,

Digitized by Google

que formam a casa do infante (107); por entre a turba enxergam-se as vestes sacerdotaes dos capellães. Ali esperam, desempenhando os seus serviços palacianos, que lhes chegue a vez de irem, uns como capitães de caravellas, outros como missionarios da religião, cumprir os seus deveres d'apostolos a essas regiões ignotas, illuminadas do mais deslumbrante de todos os soes, mas onde mal despontava ainda o crepusculo da civilisação e da fé.

Vae passando pelos grupos um homem, a quem todos respeitosamente abrem caminho. As suas vestes escuras e de severo talho ostentam no logar de honra, no peito, sobre o nobilissimo coração que ali pulsa, a cruz vermelha dos gran-mestres de Christo. É o infante D. Henrique, duque e alcaide mór de Viseu, senhor da Covilhan, das Berlengas, de Lafões, de Besteiros, Linhares, Ceia e outras villas, donatario da Madeira, Porto Santo e desertas, fronteiro mór da Beira, alcaide mór de Silves, governador da ordem militar de Christo (108).

Não se abalança a retratal-o o meu pobre e humilde pincel; na palheta, não há tintas bastante vigorosas para lhe dar todo o relevo com que elle se realça magestoso sobre o magnifico pedestal que lhe ergueram as suas obras. Permittam, meus senhores, que em vez de um esboço apagado, como seria o meu, lhes apresente a estatua cortada no rude granito da antiga linguagem portugueza, por aquelle admiravel cinzelador que se chama Gomes Eannes d'Azurara (109). Era o infante «homem de carnadura grossa e de largos e fortes membros; a cabelladura avya algum tanto alevantada; a côr de natureza branca, mais polla continuaçom do trabalho, per tempo, tornou d'outra forma. Sua presença do primeiro esguardo aos nom uzados era temerosa; arrevatado em sanha, empero poucas vezes, com a qual avya mui esquivo sembrante. Fortaleza de coraçom e agudeza dengenho forom em elle em muy excellente graoo. Sem comparaçom foe cobiçoso dacabar grandes e altos feitos... Foe homem de grande conselho e autoridade; avisado e de boa memorya... constante na adversidade e nas prosperidades omildoso. Nunca em elle foe conhecido hodio nem maa

Digitized by Google

voõtade contra algũa pessoa... grande amor ouve sempre aa cousa publica destes regnos, dispoendo grande parte de seu trabalho por seu boõ auyamento, e muyto folgava de provar novas speriencias pera proveito de todos, ainda que fosse com sua grande despeza. Geralmeẽte era amado de todos, porque casi a todos aproveitava, e a nhuũ empecia... Seu coraçom nunca soube que era medo senom de pecar» (110).

Tal é, meus senhores, nos seus principaes lineamentos physicos e moraes, a grande figura que temos diante de nós. Ali, n'aquelle discreto asylo de Sagres concebeu, preparou e executou uma das maiores revoluções de que foi theatro o mundo; ali desviou a corrente do commercio dos leitos a que por tantos seculos ella estava affeita, para a trazer a opulentar os nossos thesouros ali, do alto do seu observatorio, estudou theorica e praticamente a arte de navegar, e a ensinou aos seus intrepidos mareantes; ali aperfeiçoou os instrumentos nauticos, melhorou as cartas, e tornou pratico o uso da bussola a bordo dos navios; ali, perdido no seu intenso meditar, viu em prophetica visão o magnifico espectaculo dos galeões portuguezes, sulcando como dominadores do mar, as vagas dos oceanos, e aportando a remotissimas praias, voltarem á patria mais carregados de mercadorias que as antigas naus de Tyro e de Sidonia; ali se lhe alongavam os olhos pelo azul dos vastos mares, como que para lhes sondar os mysteriosos arcanos; ali via fugir diante da luz, que lhe allumiava o espirito, as pavorosas lendas do tenebroso oceano, como as visões de uma noite febril fogem diante da claridade do dia que vae nascendo; ali traçou o plano que para a sua querida patria havia de conquistar um imperio, circumscripto não já pelo Ganges e pelo Nilo como o de Alexandre, mas pelo mar Indio ao nascente, e o Pacifico ao occidente; um imperio, que tinha por lago interior o atlantico, por balisas a um lado o Himalaya, ao outro os Andes, por limite o espaço, por termo o infinito.

Digitized by Google

NOTAS

Digitized by Google

Digitized by Google

(1) Qual fosse a superioridade de D. Duarte, bem se póde conhecer da resposta que deu á instancia que junto d'elle fizera mestre Guedelha, seu physico e astrologo, no dia da sua coroação, para que adiasse esta ceremonia até ao meio dia, «porque Jupiter está retrogradado e o sol em descaimento»; ao que el-rei replicou que tal não faria, mostrando não acreditar em semelhantes abusões. Vid. Ruy de Pina, Chronica de D. Duarte, nos «Ineditos de historia portugueza», publicados pela Academia, vol. I, pag. 76.

D. Duarte escreveu varias obras cuja lista está publicada no «Diccionario Bibliographico» do sr. Innocencio Francisco da Silva. Ácerca do alcance philosophico da sua obra de maior tomo, «O leal conselheiro» póde ver-se o livro do sr. J. J. Lopes Praça, «Historia da philosophia em Portugal», Coimbra, 1868, vol. I, pag. 38. O catalogo da sua livraria encontra-se em Sousa «Provas da historia genealogica», vol. I, pag. 544. Vid. o artigo do sr. Innocencio Francisco da Silva no «Panorama» de 2 de outubro de 1854.

(2) Vid. Fernam Lopes, Chronica de el-rei D. João I. part. II, cap. 149.

(3) Ibid., part. III, cap. 73.

(4) Existe na livraria da Academia uma copia d'este livro com o seguinte titulo «Vertuoza Bemfeytoria» pelo infante D. Pedro, filho de el-rei D. João I, mandada copiar do manuscripto na livraria da Cartuxa de Evora, por ordem do ex.mo sr. D. Antonio de S. José de Castro, bispo do Porto, patriarca eleito de Lisboa, governador do reino e socio

Digitized by Google

honorario da Academia real das sciencias de Lisboa.» A copia é em excellente calligraphia e está ricamente encadernada em carneira vermelha. Sobre a influencia litteraria d'este principe, diz o sr. Theophilo Braga no livro I, cap. III dos «Poetas palacianos», Porto, 1872, 1 vol. «que o infante D. Pedro e sua familia foram os que mais trabalharam para a nossa riqueza litteraria do seculo XV»; e accrescenta o sr. D. José Amador de los Rios, na sua importantissima obra «Historia critica de la litteratura española», vol. VII, pag. 71, «era el infante de Portugal, duque de Coimbra, uno de los hombres más illustrados de su tiempo». Correspondeu-se em verso com o celebre poeta castelhano Juan de Mena. Os versos do infante, a resposta tambem em verso de Mena, e a replica de D. Pedro encontram-se no «Cancioneiro» de Rezende, fol. 72 (pag. 70 do II vol. da ed. do dr. Kausler, Stuttgart, 1848). No mesmo «Cancioneiro» e em seguida a esta correspondencia, estão mais versos do duque de Coimbra, e entre elles as celebradas coplas em hespanhol «De contempto del mundo». Foi filho do infante, outro D. Pedro, que tendo sido condestavel de Portugal e governador do mestrado d'Aviz, perdeu estes importantes cargos depois da batalha de Alfarrobeira, recolhendo-se a Castella. Passados annos foi restituido ás mesmas dignidades, e achava-se em Ceuta em 1463, no exercito portuguez, quando uma deputação de catalães lhe veiu offerecer a corôa de Aragão, depois da morte de D. Carlos de Viana. D. Pedro partiu para Barcelona e chegou a intitular-se rei de Aragão. Vencido pelo principe D. Fernando, morreu obscuramente em 1466, com 35 annos de edade (Amador de los Rios, cit., pag. 82). Foi a este D. Pedro que o marquez de Santillana, D. Inigo Lopez de Mendoça, dirigiu a celebre carta que tão aproveitada é pelos historiadores da litteratura hespanhola, desde que foi publicada por Thomaz Antonio Sanchez «Colleccion de poesias castellanas anteriores al siglo XV», Madrid, 1779, no vol. I, pag. XLIX. Esta carta acha-se reproduzida na edição das obras do marquez de Santillana feita por Amador de los Rios, pag. 1. A este respeito consulte-se a mesma obra, pag. LXXXIX e a anteriormente citada do mesmo auctor, vol. I, pag. LV, e vol. VI, pag. 126.

Ácerca do infante D. Pedro e sua familia póde tambem ver-se: «Conselho e voto da senhora D. Filipa, filha do infante D. Pedro, sobre as terçarias e guerras com Castella, com huma breve noticia d'esta princeza, pelo dr. fr. Francisco Brandão», Lisboa, 1643, a pag. 15.

Cabe aqui dizer que depois de Alfarrobeira, quando D. Pedro foi, como hoje diriamos, demittido do cargo de governador do mestrado de Aviz, el-rei D. Affonso V nomeou para esta alta dignidade o nosso

Digitized by Google

D. Henrique, seu tio, já governador da ordem de Christo («Arch. Nac. da Torre do Tombo», Misticos, liv. III, fol. 121). Ruy de Pina diz-nos, porém, que o papa «nunca lh'o (o mestrado de Aviz) quiz confirmar, dizendo que se nom podia confiscar, nem elle o perder como as outras cousas seculares» («Chronica de D. Affonso V», cap. CXXXVII: nos «Ineditos da historia portugueza», vol. I, pag. 456).

(5) O titulo da obra de Gomes de Santo Estevam é «Livro do infante D. Pedro». Esta brevissima e falsissima narração da celebre viagem do infante é um pequeno folheto que foi muitas vezes reimpresso. O sr. Theophilo Braga reputa o livro de origem hespanhola («Poet. Palac.» pag. 112); da mesma opinião parece ser o erudito Innocencio Francisco da Silva no seu «Diccionario Bibliographico» (verbo Gomes de Santo Estevam). Ás razões apontadas por este profundo investigador, posso accrescentar que bem parece denunciar a origem hespanhola do livro, a resposta constante que o infante e os seus companheiros dão, quando os interrogam sobre a sua nacionalidade. Por certo que se não diria subdito de el-rei de Leão um filho de D. João I. A narrativa em si mesma é indigesta e desengraçada, e sem algum valor litterario. Tem patranhas no genero d'estas: na Arabia existe um rio que em vez de agua tem pedras, as quaes correm quando as impelle o vento; dos treze porteiros que se encontram até chegar ao throno do preste João, doze são bispos e um é arcebispo.

Ácerca da lenda do infante D. Pedro, vid. o já citado vol. do sr. Theophilo Braga, e o «Cancioneiro e romanceiro geral», do mesmo auctor. Porto, 1867, 2 vol., no vol. I, pag. 194 e nota.

(6) Fr. João Alvares. «Chronica dos feytos, vida e morte do infante Santo D. Fernando, emendada por fr. Jeronymo de Ramos». Teve varias edições, como se póde ver no «Diccionario Bibliographico» de Innocencio Francisco da Silva, verbis João Alvares e Jeronymo de Ramos.

(7) Fr. João Alvares, cap. XXXVIII. É admiravel o pranto que sobre o cadaver do infante soltaram os seus companheiros, como nol-o refere este escriptor. Começa assim: «Partio-se de nós quem tinhamos em logar de Senhor e Pay, o qual quebrou nossa fortaleza e desfez nossa deleytosa companhia. Alongado é de nós, o nosso sobejamente querido; não se poderão achar homens a nós semelhantes, etc.

(8) «Lusiadas», canto IV, est. 52.

(9) Fr. Thomé de Jesus, «Trabalhos de Jesus», trabalho V.

(10) «Saudades da terra», cap. I.

(11) Barros, «Decada I», liv. I, cap. II.

Digitized by Google

(12) Sobre a lenda do «Santo Contestabre» D. Nuno Alvares Pereira, e o culto que lhe rendia o povo, vide o sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro e romanceiro geral», vol. I, pag. 68. As seguidilhas que cantavam sobre a sepultura do condestavel, encontram-se de pag. 10 a 13 do II vol. da mesma obra. Vid. tambem além dos livros geralmente conhecidos e citados, os dois seguintes opusculos «Memoria sobre a phase christã do grande condestavel», pelo sr. padre J. A. da Conceição Vieira, Lisboa, 1871; e «Algumas noticias ácerca do sumptuoso templo de Nossa Senhora do Monte do Carmo», Lisboa, 1877, por F. M. de A. iniciaes do erudito conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o sr. Francisco Martins de Andrade, a quem peço me releve a divulgação de um segredo, que já o não é para muitos.

(13) «Lusiadas», canto V, est. 4.

(14) Prologo da Nau Cathrineta, no vol. III, pag. 84 do «Romanceiro». Vid. sobre este ponto o sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro», vol. I, liv. I, cap. IV, pag. 128. É na verdade singular e inexplicavel esta falta de lendas maritimas n'um paiz como o nosso. Garrett no prologo citado torna a culpa d'isto aos frades. Não me parecem muito convincentes as suas razões. As lendas maritimas, a formarem-se, deveriam ter entrado na poesia popular, muito antes que imperasse o classicismo, que, segundo Garrett, as proscreveu com uma sentença de que não houve appelação nem recurso. E se ellas houvessem creado raizes, não seria por certo bastante o poder de todos os frades juntos para as estirpar dos nossos romanceiros. Bem contrarias aos preceitos e dogmas religiosos são algumas lendas de origem mourisca, immoralissimas são outras muitas, e comtudo lá as encontrou Garrett vivas e bem vivas na memoria do povo. É mister pois buscar outra explicação. Qual seja a verdadeira não n'o sei eu. Algumas se poderão dar, mas a meu ver não satisfazem. Não cabendo aqui a discussão d'este curioso ponto da nossa historia, limito-me a indical-o, deixando a outros, mais competentes do que eu, o cuidado e o trabalho de resolverem o problema. Como observação ultima notarei, que não faltam dispersos bastantes elementos maravilhosos que poderiam compor a nossa lenda maritima. Além dos que se encontram na «Historia Tragico-Maritima», Garrett cita alguns, e entre outros em a nota *a* ao canto V do seu Camões a superstição que levava os marinheiros a darem o nome de *almas dos mestres* a umas avesinhas que de noite no alto mar soltam sentidissimos e largos pios. Sobre o *Santelmo* veja-se o «Cancioneiro» cit. do sr. Theophilo Braga, vol. I, pag. 132.

Existe uma traducção portugueza, do seculo XIV, do celebrado

Digitized by Google

hymno catholico «Ave Maris Stella» em que a virgem é invocada como protectora dos mareantes. Encontra-se esta traducção nos ineditos publicados por fr. Fortunato de S. Boaventura, vol. I, pag. 5, e está reproduzida no «Cancioneiro» do sr. Theophilo Braga, vol. II, pag. 17.

Este ensaio de poesia religioso-maritima parece não ter tido seguimento.

(15) «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», cap. VII.

(16) «Decada I» liv. I, cap. II.

(17) «Chronica do principe D. João», cap. VII.

(18) Refiro-me ás seguintes obras: Gustav de Veer, Prinz Heinrich der Seefahrer und seine Zeit, Danzig, 1864, 1 vol.; e R. H. Major. «The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator.» London 1868. I vol. N'este anno de 1877 appareceu em Londres uma segunda edição d'esta valiosa obra, mais resumida do que a primeira, com o titulo «The discoveries of Prince Henry the Navigator.» Da primeira edição ha uma traducção portugueza devida á pena do sr. José Antonio Ferreira Brandão, e publicada a expensas do sr. duque de Palmella. Foi impressa na Imprensa Nacional e contém todas as gravuras que se encontram na edição ingleza. A Academia incumbiu ha pouco o illustre academico o sr. Pinheiro Chagas de fazer uma nova traducção; com algumas correcções de que ha mister o trabalho original, aliás muito erudito e importante, do meu amigo M. Major.

(19) Francisco José Freire. «Vida do infante D. Henrique», Lisboa, 1758, 1 vol. Vid. a este respeito o Diccionario de Innocencio Francisco da Silva.

(20) Veer, cit., pag. 69.

(21) «Chronica de D. João I», part. II, cap. CXLVII e CXLVIII.

(22) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(23) D. José Amador de los Rios. «Historia... de los judíos de España y Portugal.» Madrid, 1876, vol. II, pag. 299.

(24) Ibid., vol. I, pag. 141, onde vem a dramatica historia do Rabbi Moseh-Aben-Hanoch, reformador da Academia de Cordova.

(25) Ibid., vol. II, pag. 450.

(26) D. José Amador de los Rios. «Historia critica de la litteratura española», vol. III, pag. 632 e seguintes. Entre as muitas obras mandadas escrever ou traduzir por D. Affonso o sabio, podem em especial apontar-se as seguintes:

«Tablas astronomicas», por Jeduhah-bar-Moseh-ben-Mosca e Rabbi Zag-ben-Zacut.

«O Livro da Oitava Sphera», traduzido do arabico e chaldaico.

Digitized by Google

«O Livro da Esphera» escripto em arabe por Costha e traduzido por João d'Aspa e Hyuda-el-Cohen.

Os dois «Livros do Astrolabio Plano e do Astrolabio Redondo» pelo Rabbi *Zag*.

«O Livro de la Azafeha» (tractado de astronomia), traduzido por mestre Fernando de Toledo.

A «Lamina Universal», traduzido do arabe pelo mesmo Rabbi *Zag*.

Sobre a influencia dos arabes nos estudos cosmographicos da edade média, vid. Lelewel, cit. na nota 44 passim. Viardot, «Hist. des arabes et des mores d'Espagne», vol. II cit., pag. 173. Montucla, «Historia das mathematicas», vol. I, part. III, liv. I. Antonio Ribeiro dos Santos. «Memoria sobre alguns mathematicos port.» (nas de Litteratura da Academia, vol. VIII, pag. 148.) Stockler, cit. D. Francisco Fernandes Gonzales, «Plan de una Biblioteca de autores arabes españoles». Madrid, 1863. A. de Humboldt, «Kosmos», vol. II, part. I, cap. V.

(27) Major, «Life», pag. 47 e auctores ali citados.

(28) «Chronica de Guiné», cap. VII.

(29) «Chronica do principe D. João», cap. VII.

(30) Pinheiro Chagas, «Hist. de Portugal» vol. III, pag. 59. A carta de micer Pesanha encontra-se a pag. 95 do vol. II, das «Provas da historia genealogica.»

(31) Pinheiro Chagas, cit., vol. II, pag. 95. Comtudo estes navios eram muito pequenos. Garcia de Rezende diz na «Chron. do Principe D. João», cap. 67, que a armada mandada apromptar para ir á Africa, por D. João II, em 1487, se reunio em Povos e Villa Franca.

(32) «Escretvras da Ordem de Christo» Collecção mss. de Pedro Alvares vol. III, fol. 35 v.º (Sala dos mss. da Bibliotheca Nac. B 12-20).

(33) «Chronica de Guiné», cap. XVIII. Vid. Major. «Life», pag. 51.

(34) Dr. Schmeller. «Ueber Valentim Fernandes alemã und seine Sammlung von Nachrichten etc.» Munich, 1847.

(35) «Collecção de Pedro Alvares», vol. III, fol. 13

(36) «Chronica de Guiné», cap. VIII.

(37) «Decada I», liv. I, cap. IV. Ainda no tempo de D. Affonso V ha via quem fosse opposto aos descobrimentos e conquistas. Vid. a carta do frade de S. Marcos, cit. pelo sr. A. Herculano. «Hist. da Inquisição», vol. I. pag. 94. Paulo Jovio, no sec. XVI, chama «insanas» ás navegações dos portuguezes. Consulte-se a mem. do Card. Saraiva «Reflexões ácerca do infante D. Henrique» nos «Annaes marit. e colon.», vol. I, pag. 503 e nota.

(38) Nota *b* ás «Memorias historicas sobre alguns mathematicos

Digitized by Google

portuguezes», por Antonio Ribeiro dos Santos (nas de Litteratura da Academia, vol. VIII.

(39) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(40) O titulo da obra de Bacon é «New Atlantis.» Ficou incompleta. N'ella descreve a cidade ideal das sciencias physicas.

(41) Olavio Rudbechio, filho d'outro. O titulo da obra é «Atlantica Illustrata.» Citado por Moreau de Jonnès na obra indicada na nota 43.

(42) Citado tambem por Moreau de Jonnès.

(43) Moreau de Jonnès. «Ethnographie Caucasienne.» Paris 1863, pag. 223 e seguintes. Sobre a Atlantida, vide tambem L. Viardot. cit. vol. II, pag. 206.

(44) A exposição que faço dos conhecimentos geographicos e cosmographicos na edade média é principalmente extraída das seguintes obras: A. de Humboldt «Histoire de la Géographie du Nouveau Continent.» Paris, 2 vol. J. Lelewel, «Géographie du Moyen Age.» Breslau et Bruxelles, 1852–1857, 4 vol.; e visconde de Santarem, «Essai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie pendant le moyen âge». Paris, 1849-1852, 3 vol., e um atlas primorosamente gravado e illuminado. Esta explendida publicação, cujo atlas completo é infelizmente muito raro e de elevado preço, foi feita a expensas do governo portuguez.

(45) Sobre geocentrismo e suas consequencias, vid. Draper «Les conflits de la science et de la religion.» Paris 1870, cap. 6.

(46) Santarem, «Essai» vol. I, pag. 81.

(47) Ib., pag. 104.

(48) Ib., pag. 322, e «Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au delà du Cap Bojador.» Paris, 1842, pag. XXXVIII. Lelewel, cit., vol. I, § 12 e 65, vol. II, § 136.

(49) «Recherches» pag. LVI e seguintes, e pag. CII em a nota.

(50) Ib., pag. 108.

(51) J. J. da Costa Macedo. «Memoria em que se pretende provar que os arabes não conheceram as Canarias antes dos portuguezes.» (Na Historia e Memorias da Academia das Sciencias, 2.ª serie, vol. I pag. 38.)

(52) Sobre o Elysio e seus mythos, vid. Cox. «Mythology of the aryan nations.» Vol. I, pag. 346, e vol. II, pag. 321.

(53) Macedo, cit., pag. 84.

(54) «Diario da primeira viagem«, dias 13 e 15 de janeiro; cit. por Humboldt, «Hist. de la Géograph.» Vol. I, pag. 337.

(55) Macedo, cit., pag. 122.

Digitized by Google

(56) Hampson. «Medii aevi kalendarium.» London, vol. I, pag. 57. Cita o veneravel Beda, «Historia Ecclesiastica.» Liv. I, c. 20.

(57) Macedo cit. pag. 70. Ozanam, «Oeuvres», vol. V, pag. 373. Montalembert, «Les Moines d'occident», vol. III, pag. 90. Humboldt, «Hist. de la Géograph». vol. II, pag. 163. Azurara acreditava na ilha de S. Brandam; vid. «Chronica de Guiné» cap. 7, e a nota de Santarem.

(58) Durou até muito tarde a crença nas ilhas mysteriosas perdidas nas solidões do oceano. Póde consultar-se a este respeito o erudito e interessante trabalho do sr. B. J. de Senna Freitas «Memoria historica sobre o intentado descobrimento de uma supposta ilha» Lisboa, 1845 Ahi são apontadas varias expedições que partiram em busca d'esta ilha e que se realizaram nos annos de 1462, 1474, 1486, 1591, 1649 e 1669. A ultima foi em 1770, e trouxe tal descredito aos que ainda conservavam esta antiga crença, que o capitão general dos Açores, D. Antão d'Almada, prohibiu por um bando, que n'ella se fallasse. Na Bib. Nac. (sala dos mss. B 8, 16, num. 2) ha uma curiosa relação de dois franciscanos, fr. Antonio de Jesus e fr. Francisco dos Martyres, na qual narrando a viagem que emprehenderam em 1669, juram *in verbo sacerdotis*, haverem sido lançados por um temporal, na celebre ilha onde encontraram gente portugueza, governada por um rei tambem portuguez e venerando ancião de mais de 130 annos. Esta relação foi impressa pelo sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro e Romanceiro Geral». Porto, 1867, vol. II, pag. 211. A lenda das ilhas mysteriosas foi aproveitada para a lenda de D. Sebastião, o encoberto, e a relação dos dois frades é provavelmente um dos muitos papeis pertencentes a este cyclo lendario.

(59) «Decadas I» liv. I, cap. II.

(60) «De prima inventione Guineæ.»

(61) Archivo Nacional da Torre do Tombo. «Chanc. de D. Affonso V.» liv. V. f. 17, v.º Vem transcripto em Pedro Alvares. vol. III, f. 28 v.º O diploma é de 3 de fevereiro de 1446.

(62) Azurara. «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», cap. 9.

(63) Santarem, «Essai» cit., vol. I, pag. 296.

(64) Fallando em bussola, não póde esquecer a um portuguez lembrar a admiravel descripção d'este instrumento, que em primoroso latim escreveu o nosso D. Jeronymo Osorio no seu livro de «Rebus Emmanuelis gestis» e que principia «Vasculum est e ligno factum». Está a pag. 95 da ed. de Coimbra de 1791. Não sei qual seja mais para admirar, se este trecho, se a sua versão em portuguez por Francisco Manuel do Nascimento, na qual o poeta tão fiel e elegantemente traslada

Digitized by Google

para a nossa lingua, sem o auxilio de uma só palavra technica, a formosa pintura que na lingua de Virgilio executou o bispo de Silves. Vid. «Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel». Lisboa 1804. pag. 76.

(65) Santarem, «Essai» cit. vol. I pag. 301.

(66) «Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal». Paris, 1819, pag. 22.

(67) Archivo Nacional da Torre do Tombo, «Chanc. de D. Affonso V», liv. 19 f. 17 v.º A carta é de 1 de junho de 1439.

(68) Cit. por Santarem, «Recherches» pag. 191. Os capitulos da chronica de D. João II por Garcia de Rezende em que vem referida esta historia teem na edição gothica os numeros XXIV, CXLIX e CLXXVI, como diz Santarem, porém na realidade não lhes competem estes numeros, mas sim os immediatamente seguintes, pois que a numeração do capitulo XVI é repetida, ficando d'ahi em diante atrazados todos os capitulos. Este erro está emendado na edição de 1752, de modo que n'esta os capitulos a citar são os XXV, CL e CLXXVII. Sobre o uso das velas latinas, vid. o § 93 da «Dissertacion historica sobre la parte que tuvieron los españoles en las guerras d'ultramar» por D. M. F. de Navarrete (vol. V das Mem. de la R. Acad. de Historia. 1817).

Era tal o ciume com que se guardava o segredo dos descobrimentos, que os procuradores do povo, nas côrtes de Evora de 1481, querendo convencer el-rei de que não consinta estrangeiros que prejudiquem o commercio nacional, dizem «os froremtiis e genoeses em estos regnos numca fezerom proueito saluo... descobrir vosos segredos da mina e jlhas (Santarem, «Mem. das Cortes Geraes», vol. II, pag. 219).

(69) É a obra cit. na nota 48.

(70) É a obra citada na nota 18.

(71) Archivo Nacional da Torre do Tombo. Coll. de Bullas. Maço 26, num. 10. Encontra-se o summario d'este diploma pontificio no «Quadro Elementar», vol. X, pag. 90. Vem transcripto em latim e portuguez na collecção citada de Pedro Alvares, vol. V, f. 194 v.º

(72) «Viagem de Aluise de Cá da Mosto» (orthographia verdadeira, e não Cadamosto), em Ramusio «Delle Navigationi et Viaggi». Venetia 1563, vol. I, pag. 96. v.º Está publicada em portuguez na «Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.»

(73) Collecção cit. de Pedro Alvares, vol. III, f. 29 v.º

(74) Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal», vol. II, pag. 215.

(75) Sobre os descobrimentos das Canarias, vid. Pinheiro Chagas, cit. vol. II, pag. 220, onde se encontrará o resumo dos argumentos de Major e outros. A passagem de Boccaccio a que se allude na obra do illus-

Digitized by Google

tre academico, e que foi publicada por Ciampi em 1827, fôra já discutida pelo erudito secretario perpetuo da Academia o conselheiro Macedo, no seu «Additamento á memoria sobre a época em que principiaram as nossas navegações» (no vol. II, parte II, pag. 127 das Memorias da Academia) e por Santarem na sua nota 1 a pag. 54 da edição da «Chronica de Guiné», por Azurara.

(76) Dr. Schmeller cit.

(77) Sobre a questão da descoberta da Madeira por Machin, vid. Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal,» vol. II, pag. 234, e os auctores por elle citados. Consulte-se egualmente a obra do dr. Gaspar Fructuoso «As saudades da terra» publicada e annotada pelo sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal 1873. I vol., na qual se encontrará no cap. IV a opinião do auctor, e a pag. 348–429, uma mui erudita nota do sabio editor, em que são discutidas e apreciadas as opiniões dos varios auctores que escreveram sobre este ponto. Leia-se o que a este respeito escreve o illustrado sr. Theophilo Braga «Poetas palacianos» liv. I, cap. II, pag. 88 e seguintes. Vid. tambem uma interessante correspondencia trocada entre o insigne academico o sr. Pinheiro Chagas e o eminente escriptor o sr. Camillo Castello Branco. As duas cartas do segundo saíram no *Diario Illustrado* (de Lisboa) 1877 num. 1527 e 1532 de 26 de abril e 2 de maio. As respostas do sr. Pinheiro Chagas encontram-se no *Diario da Manhã* (de Lisboa) num. 542 e 547 de 27 de abril e 3 de maio de 1877. Além das muitas orthographias do nome *Machico* apontadas pelo sr. Camillo Castello Branco encontro outra, *Matschico*, no tratado de Diogo Gomes, intitulado: «De insulis primo inventis in mare oceano occidentis» publicado, como já disse, pelo dr. Schmeller. O texto reza: «Milles quidam nomine Tristan (Teixeira) petiit D. Infantem ut ei daret aliam partem insulae de Madeira, quae etiam erat terra optima, ad populandum, quae *nunc vocatur Matschico.*» No outro tratado do mesmo auctor publicado tambem por Schmeller falla-se em certo corsario chamado *Machin.*

(78) O infante, apesar de exercer o cargo de grão mestre da ordem de Christo, nunca professou; e é provavel que por este motivo tomasse o titulo de governador e regedor da ordem e não de grão mestre. Uma bulla expedida em 1442 pelo papa Eugenio IV, auctorisou-o a conservar os seus bens e deixal-os em herança a quem lh'aprouvesse (Coll. mss. de Pedro Alvares, cit. vol. 3, f. 13).

N'um cap. das côrtes d'Evora de 1481 pedem os povos a el-Rei que não proveja em pessoa alguma os mestrados de Santiago e Aviz; mas que em si os retenha; e outrosim que sejam dadas commendas tão

Digitized by Google

sómente por serviços no ultramar (Santarem, «Mem. das Cortes Geraes», vol. 2, pag. 167).

(79) Collecç. cit. vol. 3, f. 55 v. °A carta é de 19 de setembro de 1460.

(80) Quasi todas as cartas de doações e mercês concedidas ao infante pelos reis D. Duarte e D. Affonso v alludem ás despezas feitas por elle e pela ordem, para os descobrimentos. Alguns d'estes diplomas vão citados em a nota 84.

(81) Este cartorario é Pedro Alvares, cujo nome tantas vezes mencionei n'este trabalho. São cinco os volumes da sua leitura nova, e n'elles se contém mui importantes noticias para a vida de D. Henrique. Ácerca do facto especial a que se refere esta nota, diz no vol. 5. f. 194 v.° que o infante D. Henrique «começou esta conquista á custa e despeza dos bens e rendas d'esta ordem.»

(82) Definições e estatutos dos cavalleiros e freires da ordem de Jesu Christo. Lisboa 1628. Parte I, tit. 3.

(83) Por exemplo a bulla de Sixto IV de 21 de junho de 1481, cuja traducção em vulgar por Vasco Fernandez, do conselho de D. João II, vem transcripta na integra na coll. de P. Alvares, vol. 5, f. 195. e muitas outras, das quaes se podem ver transcripções nos summarios ou seguintes obras, originadas por uma controversia que houve no começo d'este seculo ácerca do padroado da ordem de Christo: José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (depois bispo de Pernambuco e de Elvas e inquisidor geral), «Allegação juridica sobre o padroado das igrejas e beneficios do Cabo Bojador para o sul» Lisboa, 1804. A esta obra que é rara, por se haverem mandado recolher todos os exemplares, respondeu o dr. Dionizio Miguel Leitão Coutinho com a sua «Refutação da allegação juridica etc.» Lisboa 1806, a qual por sua vez provocou da parte do bispo uma replica que elle intitulou «Commentario para intelligencia das bullas etc.» Lisboa 1808.

(84) Fôra muito longo referir no texto os documentos comprovativos dos grandes gastos do infante. Aqui poderei mencionar os seguintes:

A sua constituição já cit. de 26 de dezembro de 1458, em Pedro Alvares, vol. 3. f. 29 v.°

A carta de D. Affonso v, concedendo o exclusivo da navegação do Cabo Bojador em diante ao infante (Arch. N. da Torre do Tombo, Chanc. de Aff. v, liv. v, f. 17 v.°). Este documento é de 3 de fevereiro de 1446. Parece que foi depois confirmado, porque na coll. de P. Alvares. vol. 3, f. 28 v.° encontrei outro para o mesmo fim de 15 de setembro de 1448.

A carta de D. Duarte de 25 de setembro de 1433, confirmada por

Digitized by Google

D. Affonso v, primeiro em 10 de março de 1449 e depois em 1 de junho de 1459, em que é concedido ao infante «o quinto do que a nós pertence de haver de todalas couzas que filharem e prearem quaesquer navios e fustas que elle armar e trouver d'armada á sua custa... em que andarem seus capitães» (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 38 e liv. 18 f. 19.

Carta de D. Affonso v de 10 de março de 1449: «o infante D. Henrique... nos enviou dizer... que se nos aprouvesse, que as (ilhas dos Açores) mandaria povoar» (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 37 v.º)

E outros que por brevidade omitto.

(85) Azurara. «Chron. da Guiné». Cap. 9.

(86) Ibid.

(87) Barros. «Decada I», liv. 1, cap. 4.

(88) «Chron. de Guiné», cap. 9 e 10. O cardeal Saraiva, no seu «Indice Chronologico das Navegações» hesita sobre a data d'esta viagem. É certo porém que a obra do erudito prelado estava publicada, antes que, por diligencias dos srs. viscondes da Carreira e de Santarem, viesse a lume a chronica contemporanea do infante, que por ordem d'el-rei D. Affonso v, escreveu o seu chronista Azurara.

(89) Alexandre M. de Castilho, «Os Padrões dos Descobrimentos» 1.ª Mem.

(90) Arch. N. da Torre do Tombo. Chanc. de D. Affonso v, liv. 20 f. 38 v.º; liv. 19, f. 17 v.º; ib. ib.; ib. f. 19; liv. v f. 17 v.º; liv. 20, f. 38. D'estas cartas constam as diversas mercês enumeradas no texto. A concessão da sepultura na capella de D. João I foi-lhe dada por carta de D. Affonso v de 1 de junho de 1439, confirmada em 8 de março de 1449 (Arch. N. da Torre do Tombo, Chanc. de D. Affonso v, liv. 19, f. 18, e liv. 20, f. 38). É curioso saber-se que obtivera já anteriormente jazigo para seus creados no mosteiro da Batalha. Cartas de 24 d'agosto de 1436, 12 d'abril de 1439, e 10 de março de 1449 (loc. cit).

(91) Vid. Bullas citadas na nota 83.

(92) Vid. nota 103.

(93) Santarem, «Recherches» pag. 113 e seguintes.

(94) A maioria dos escriptores, inclusivè os modernos taes como Mr. Major, Lelewel e outros, admittem a existencia de uma verdadeira escola em Sagres. Querem alguns explicar o silencio dos mais antigos chronistas, allegando que foram destruidos os archivos d'esta escola, que assim não deixou vestigios com que podesse reconstruir-se a sua historia. O illustre Ferdinand Denis, a quem o nosso paiz nunca poderá pagar os eminentes serviços que d'elle ha recebido, affirma, segundo vejo

Digitized by Google

n'um artigo sobre Azurara, publicado na «Revue de Bibliographie» cujo original não li, mas que encontrei traduzido a pag. 29 do 2.º vol. dos «Annaes Maritimos e Coloniaes», o illustre F. Dinis affirma que Azurara, conforme o ouviu ao visconde de Santarem, destruira entre muitos papeis da Torre do Tombo, o archivo de Sagres. É certo que Azurara, no dizer de João Pedro Ribeiro («Memorias para a historia do Real Archivo», pag. 21) teve de anniquilar muitos papeis do archivo, porque assim fôra exigido nas côrtes de 1459 pelos procuradores do povo, cançados do elevado preço das buscas; mas não é menos certo que n'esta queima não havia motivo para comprehender os papeis de Sagres. O infante, que no seu testamento, abaixo transcripto, refere com tanta minudencia todas as suas fundações, não falla nem uma vez na escola de Sagres. O mesmo silencio guardam todos os documentos da época que pude examinar. Tenho pois por assente, que em Sagres nunca existiu uma escola no sentido em que geralmente se entende a palavra.

Egual observação cabe fazer ácerca da cadeira de mathematica, que varios auctores querem que fosse pelo infante fundada e dotada na universidade de Lisboa. Algumas aproximações de textos e de datas levaram a esta conclusão; mas nem Miguel Leitão Ferreira nas suas «Memorias Chronologicas da Universidade de Coimbra», diz palavra a este respeito, nem é mais explicito o infante no seu testamento, apesar de se não esquecer de fallar na cadeira de theologia que instituiu na mesma universidade.

(95) São interessantes os seguintes documentos que provam o que dizemos no texto.

Carta de D. Affonso v de 11 de março de 1449, confirmando a de D. João I de 30 d'outubro do anno de 1422, permittindo que o infante dê de sesmaria varias herdades da ordem de Christo (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 38 v.º).

Carta de D. Affonso v de 14 de março de 1449, privilegiando até 30 homens para lavrarem a granja d'Alpriate (Ib. f. 40).

Carta do mesmo de 8 de março de 1449 privilegiando 10 ovelheiros de 200 ovelhas cada um, que D. Henrique trazia no couto d'Alcobaça (Ib. f. 38 v.º).

Carta de D. Duarte de 25 de setembro de 1433, confirmada por D. Affonso v em 11 de março de 1449, dando ao infante o exclusivo da pesca do atum nas costas do Algarve (Ib. f. 39).

Carta de D. Duarte de 26 de setembro de 1433, confirmada por D. Affonso v em 8 de março de 1449, concedendo ao infante o exclusivo da fabricação do sabão branco e preto e sua venda (Ib. f. 39, e liv. 19, f. 18).

Digitized by Google

Carta de D. João I de 2 janeiro da era de 1459 (A. D. 1421) confirmada por Affonso V em 12 de março de 1449, authorizando o infante a fazer canaes e estacadas no Rodão, para reter o peixe (Ib. f. 40 v.º).

Carta de D. Affonso V, de 15 de janeiro de 1450 concedendo ao infante o exclusivo da pesca do coral nas costas de Portugal. (Ib. liv. 34, f. 202 v.º Sinto que a falta de espaço me não deixe transcrever a integra d'esta carta que é muito curiosa por varios motivos.

Carta de D. Affonso V de 18 de maio de 1451 authorizando o infante a mandar fazer na alcaçova de Santarem quantos moinhos de vento lhe aprouvesse, e tambem moinhos em barcas no Tejo (Ib. liv. 11, f. 51, v.º).

Carta de D. Affonso V de 28 d'agosto de 1445 dando ao infante o privilegio de possuir engenhos para tinturarias de pastel (anil) (Ib. liv. 5, f. 18).

Apesar dos enormes rendimentos que devia tirar d'estas mercês, era tal a despeza do infante, que deixou dividas, como se vê do seu testamento.

(96) «Tarouca» Carta de D. Duarte de 26 d'agosto de 1435. Arch. Nac. da Torre do Tombo, Misticos 4, liv. 4, f. 44 v.º

«Pombal» Carta de D. Affonso V de 4 de maio de 1442 (Chanc. de D. Affonso V, liv. 35, f. 100 v.º).

«Viseu» Carta de D. Affonso V de 22 de fevereiro, sem anno mas parece ser de 1444 (Ib. liv. 24, f. 22 v.º).

«Thomar» Carta de D. João I de 13 d'abril da era de 1469 (C. D. 1421 (Chanc. de D. João I, liv. 4, f. 19).

Sobre esta feira de Thomar póde ver-se o que diz Pedro Alvares na sua collecção tantas vezes citada, no vol. 3, f. 1 v.º, onde refere que D. Henrique alcançou de D. João I esta feira franca, e mandou fazer *boticas* na praça, para a ordem de Christo alugar em quanto durasse o mercado. D'estas boticas e das que fez em Viseu, falla o infante no seu testamento.

Quanto aos privilegios concedidos aos que iam comprar e vender n'estas feiras, é curioso o que a este respeito diz a carta que instituiu a feira de Pombal. Entre outros privilegios podiam os feirantes andar em bestas, e usar armas; as justiças não eram auctorisadas a exercer a sua acção em quanto a feira durasse, etc.

(97) Miguel Leitão Ferreira. «Noticias Chronologicas da Universidade» § 759.

(98) Collecç. cit. de P. Alvares. vol. 3, f. 1 v.º As principaes construcções do infante em Thomar, foram o côro, a casa do capitulo, a claustra nova e a torre.

(99) Vid. Nota 109.

Digitized by Google

(100) Collecção de Pedro Alvares, vol 3, pag. 31 v.º A carta é de 18 de setembro de 1460.

D'esta data e de outras muito chegadas ha varias cartas que provam que o infante, sentindo-se proximo do seu fallecimento, quiz dar ordem a todos os seus negocios, e apparelhar-se para a morte com a mesma serenidade e coragem de que tantas mostras dera em vida.

(101) Fernam Lopes, «Chron. de D. João I.» Parte III. Cap. 40.

(102) Dizem todos os historiadores que o infante desde que esteve pela primeira vez em Ceuta em 1415, consultou amiudadas vezes os mouros ácerca das coisas d'Africa, em cujo interior traziam, havia seculos, um grande trafico, que vieram a perder com os descobrimentos dos portuguezes, e com o novo rumo commercial que d'estes descobrimentos se originou.

(103) É sabido que vieram muitos estrangeiros offerecer os seus serviços a Portugal. Todos sabem de Cadamosto, o qual na sua viagem já citada, refere que aportando a Sagres em 1444, pediu para embarcar para Africa, o que o infante lhe concedeu, dando-lhe logar na caravella de que era capitão Vicente de Lagos. N'outra viagem foi Antonio de Nolla. Em 1450 deu o infante a um cavalleiro flamengo, Jacome de Bruges, a capitania de S. Miguel. A cidade de Horta parece derivar o seu nome de outro flamengo Huerter que colonizou o Fayal e veiu a ser sogro do famoso Martim Behaim. A ilha de S. Jorge foi povoada por Van der Haagen, cujos descendentes aportuguezaram o nome, traduzindo-o para Silveira (vid. auct. cit. pelo sr. Pinheiro Chagas. «Hist. de Port», vol. II, pag. 250 e seg.)

Azurara no cap. XCIV da «Chronica de Guiné», refere que um fidalgo sueco, a quem chama Valarte, pediu para ir n'uma das expedições, ao que o infante annuiu.

Em 1441 Antam Gonçalves é acompanhado por Balthazar, fidalgo allemão da casa do imperador Frederico III, esposo da nossa infanta D. Leonor.

Em Stockler, «Historia das mathem. em Portugal», nota 15, encontro ainda os nomes de João Baptista, francez, e Liam d'Anjoz (*sic*) que tambem vieram offerecer os seus serviços ao infante.

Diz Damião de Goes, na chronica do principe D. João; cap. VI: «das quaes nauegações (do infante D. Henrique) ha admiração foi entã tamanha, que por esse só respeito vieram a estes regnos muitos homẽs letrados e curiosos, dos quaes hũs vinham cõ tenção de ir ver estas terras, prouincias e nouos costumes dos habitadores d'ellas, ou pera tambẽ ajudarẽ a descobrir outras cõ sperança do proueito que se lhes

Digitized by Google

d'isso podia seguir, outros vinhão sómente pera verẽ as cousas q̃ destas nouas prouincias hos nossos trazião, etc.»

Vid. sobre este ponto Lelewel cit. vol. 2. § 186.

(104) Vid. Azurara. «Chronicas de Guiné», cap. 25.

(105) Vid. Major, «Life» etc., pag. 61, e auctores por elle citados. Vid. tambem a memoria de Antonio Ribeiro dos Santos, sobre dois antigos mappas etc. (Mem. de Litt. da Acad. vol. 8, pag. 275).

(106) Vid. o que a este respeito conta Cadamosto que, chegando a Sagres, recebeu a visita de Antonio Gonçalves «secretario do infante» que da parte d'este lhe foi apresentar amostras de assucar e «de sangue de drago» o qual, segundo refere F. Denis, «Portugal», pag. 62, era um dos remedios mais usados n'este tempo.»

(107) Vid. em Sousa, «Provas da historia genealogica», vol. I, pag. 433, a «Memoria da familia que tinha cada um dos infantes, filhos de el-rei D. João I.»

(108) Os diversos titulos com que vae acompanhado o nome do infante constam dos seguintes documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Senhor da Covilhã. Misticos, Liv. III, fol. 130, v.º Carta de D. Affonso V, de 4 de dezembro de 1449, confirmando outra de D. João I, cuja data não refere.

Fronteiro Mór da Beira. Ibid., fol. 181. Carta de Affonso V, de 9 de maio de 1440.

Alcaide Mór de Silves. Ibid. Liv. IV, fol. 5. Carta de Affonso V, de 15 de janeiro de 1457.

Senhor das Berlengas. Ibid., fol. 22. Carta de D. Affonso V, de 4 de dezembro de 1449.

Alcaide Mór de Viseu. Chanc. de D. Affonso V. Liv. XIX, fol. 18. Carta d'este soberano de 8 de abril de 1439 confirmando a de D. João I de 15 de fevereiro da era de 1454 (a. D. 1416).

Donatario da Madeira. Ibid., fol. 19, v.º Carta de D. Affonso V, de 1 de junho de 1439, confirmando a de D. Duarte de 26 de setembro de 1433.

Senhor de Besteiros, Lafões etc. Ibid., fol. 70, v.º Carta de Affonso V, de 10 de junho de 1439, confirmando a de D. João I, de 17 de abril da era de 1439 (a. D. 1401).

Alguns d'estes documentos são citados pela primeira vez. Cumpro gostosamente o dever de testemunhar aqui ao meu amigo o sr. João P. da Costa Bastos, digno official maior do Archivo Nacional da Torre do Tombo, todo o meu reconhecimento pelo valioso auxilio que me

Digitized by Google

prestou, na rapida busca que para esta conferencia emprehendi n'aquella repartição publica.

(109) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(110) Por me parecer muito curioso e interessante, e por ser não só inedito mas até quasi desconhecido, o testamento do infante, vae aqui transcripto na integra.

«Em nome de nosso sñor Deos, Trindade perfecta o qual creo sem duvida nenhũa segundo manda a sancta igreja de Roma que creamos. E em nome de nosso Sñor Jesu Christo e da sua bemaventurada madre nossa sñra sancta Maria. Eu o Iffante dom Anrrique governador da ordem da cavalaria de nosso Sñor Jesu Christo, duque de Viseu, e sñor de Covilhãa. Estando em todo meu siso: temẽdo deos e a hora da morte que nõ sei quando nem onde sera, faço o meu testamento segundo se segue.

Primeiramente encomendo a alma minha e o corpo ao meu sñor deos e lhe peço que ante da resurreiçom e des que resurgir, elle me de salvaçom e me faça do conto dos seus sanctos por a sua grande misericordia e piedade. E peço a minha sñra sancta Maria por ser madre de misericordia, que peça misericordia a deos por my que me de salvaçom. E peço ao meu sñor são Luis a que des minha nacença fui encomẽdado, que elle cõ todelos sanctos e sanctas e anjos da côrte celestial, roguem a deos por my que me de salvaçom.

Item mando que o meu corpo seja lançado no moymento que estaa pera my onde jaz el-Rey meu sñor e padre no moesteiro de sancta Maria da victoria. E se morrer fora, que seja lá levado chãmente, e assi seja soterrado e sem doo que mando que por my nom fação mas chãamente e honestamente seja encomendado a deos, com horas e missas acostumadas e oferta e falhas que o meu testamenteiro ouver por bem, o que farão compridamente pagar, descargando minha conciençia.

Item mando que as tres capellas que se hão de cantar pera sempre neste moesteiro em que a deos prazendo intẽdo de jazer, que se cantem segundo dello tem minha carta, e outra estaa no convento de Thomar, e assi estão todas as outras cartas das capellas que per my mando cantar: e mando que se cantem segundo que em as cartas he contheudo. E peço aos meus testamenteiros que ajão os trelados das ditas cartas, e que as fação assi cantar, segũdo em ellas he contheudo.

A el-Rey meu sñor prouve de me dar as rendas que delle tenho, dellas em merce, e dellas em minha vida, por trez annos despois de minha morte pera descargamẽto de minha consciencia. As quaes rendas som as que se seguẽ. s. o meu asentamento, e as saboarias, e as Ilhas da Madeira e porto santo e deserta e Guinea com suas Ilhas e toda

Digitized by Google

sua renda e o quinto das exavegas e as corvinas e lagos e alvor. E destas rendas e de todo o al q̃ a my pertencer, a hora da minha morte, mando que se fação estas despesas que se seguem.

Item minha sepultura, segũdo em cima fiz mençom.

Item que se paguem minhas dividas que forem sabidas per escripturas ou per outra certidoem, ou per juramento que honestamente deva ser creudo que eu devo de coisas que per meu comprador, ou per outros meus officiaes, ou per my forão tomadas, que se paguem compridamente, e assi dalgũs serviços ou carretos que se paguẽ assi. E estas dividas sejão assi pagas primeiro que al, feito meu ẽterramento.

Item despois esto mando q̃ se paguẽ meus moradores, assi de moradias, como de reções, e sejão contentes de seu serviço segundo rezão.

Item mando que depois esto, se forem achadas outras dividas, que as paguem de qualquer guiza que seja, comtanto que seião certas.

Item por quanto mujtos dos meus creados tem seus gazalhamentos de my de tenças em que viviam e a hora de minha morte serenlhe tiradas, ficarião em grande mingua e a minha consiencia encarregada: porem eu peço, por merce a el-Rey meu sñor e ao Iffante dom fernando meu mujto presado filho, e ao que ouver o mestrado depois de my, que polo de Deus (sic) e por a mim fazerem merce, que a cada um receba por seu, o que renda tiver que a elle pertença, e lha leixe em sua vida, e receba serviço como de seu creado. E a deus louvores, taes são que averão por bem empregada a merce que lhe fezerem.

Item as rendas que leixo pera se tirarem cativos e fazer esmolas pera sempre, peço ao meu testamenteiro que o faça comprir. E no convento de Thomar acharão a ordenança de como deve ser feito.

Item peço a el-Rey meu señor por merce, que elle queira ser meu testamenteiro por que seu he todo o de que eu faço este testamento, e o leixo por meu herdeiro de todo o que a my pertencer aa hora de minha morte, assi de raiz como de movel, resalvando o de que fiz herdeiro o sñor Iffante dom fernando meu filho. E do que lhe elle mais do que ficar de my quizer dar, lho terei em merce, resalvãdo Lagos, e a Ilha da Madeira, e as outras cousas que lhe prometi de querer que ficassem pera a sua coroa e de seus soccessores.

Item por que el-Rey meu sñor nõ pode per si ser testamenteiro, lhe peço por merce, que elle escolha hum que entenda que o bem saiba fazer, e outro que seja veador do testamento, e lhe encarregue que o fação, contentando-os do que for resom.

Item por quanto eu a deos louvores tenho mujtos creados, e os hũs contentei per comendas, outros per egrejas, outros per cazamentos, ou-

Digitized by Google

tros per tenças, outros per officios, outros viverão comiguo e nom merecerão o que lhe tenho dado, porem eu mando ao meu testamenteiro que esguarde bem todo. E se vir que em serviço dalgũ sou encarregado que o contente segundo sua boa discriçom.

Item por que podera ser que em minha vida eu satisfarey as dividas e creados, e leixarei pera minha sepultura que abaste, assi que el Rey meu sñr em ello nom tenha que fazer, eu o leixo porem per herdeiro, segundo em cima faço mençom, por elle ter encarrego de mandar comprir minhas capellanias, e lhe peço por merce que assi mande a seus soccessores Reys destes Reinos, que por sua bençom assi o mande comprir, e eu assi lho peço por amor de deos, e por merce. E por que esta é minha vontade, mando que esta tenha e valha. E por certidoẽs dello o fiz per minha mão, e o mandei sellar cõ o sello de meu camafeu, e com o sinete de minhas armas, e com o outro sello grande assi de minhas armas. feito na villa do Iffante a vinte e oito dias de outubro. Era de mil quatrocẽtos e sesenta. E o assinei de sinal de minha mão.

E em pero que outros condecilhos ou testamentos tenha feitos, mando que nõ valhão e que este valha e tenha.

E as capellanias que mando cantar, vão postas ẽ hũ escripto que vaj coseito em este meu testamento. Do qual escripto o theor de verbo a verbo he este que se segue.

Em nome de Deos Amen. Esta he a manda e testamento publico e aberto que o Iffante dom Anrrique fez e mandou em prezença de my publico notairo e testimunhas adiante nomeadas. E dom frey fernando Vigairo geral da villa de Thomar ec. que o cozesse em seu testamento que per sua mão fizera segũdo a verba que o dito sñor no dito testamento escreveo per sua mão. O qual testamento com esto que neste aberto mais ẽadeo, disse que havja per firme e rato e outros nenhũs nõ, posto que parecessem, por que esta é sua postumeira vontade. E primeiramente mandou aqui poer hum titolo q̃ tal he.

Estas som as egreias e capellas que eu o Iffante Dom Anrrique Regedor e governador da ordem da cavalaria de nosso sñor Jesu christo Duque de Viseu e sñor de Covilhaã, estabeleci e ordenei pera sempre em reverença e louvor de meu sñor Jesu christo e da virgem santa Maria sua madre minha senhora.

Item primeiramente estabeleci e ordenei a egreja de santa Maria dafrica situada na cidade de Cepta.

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Maria de Bethlem, situada em Restello termo da cidade de lixboa.

Digitized by Google

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Caterina, que estaa fora da villa do Iffante. E a capella de santa Maria, que estaa dentro em a dita villa.

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Maria da misericordia situada em a villa Dalcacer dafrica.

Item estabeleci e ordenei a principal igreja de santa Maria da Ilha da Madeira, e des hi em diante as outras que se hi ordenarom.

Item estabeleci a igreja da ilha do Porto santo e a da Ilha Deserta.

Item ordenei e estabeleci a igreja de são Luis, na Ilha de são Luis, e a igreja de são Diniz na Ilha de são Diniz: e a igreja de são Jorge na ilha de são Jorge; e a igreja de são Thomaz na Ilha de são thomaz: e a igreja de santa Eiria na ilha de santa Eiria.

Item ordenei e estabeleci a igreja de Jesu christo na Ilha de Jesu christo: e outra igreja na ilha graciosa.

Item ordenei e estabeleci a igreja de são Miguel na ilha de são Miguel: e a igreja de santa Maria na ilha de santa Maria.

Item ordenei e estabeleci per outorgamento do sancto padre Callixto terceiro toda a spiritualidade de Guinea ser outorgada aa ordem de christos. Polo qual eu emcomẽdo e mando a qualquer que fôr Vigairo ou prior ou capellão soldadado per a dita ordem em cada um egrejairo d'aquellas terras, que lhe praza cada somana ao sabado por sempre em minha vida e depois de minha morte dizer hũa missa de santa Maria, e a cõmemoraçom seja de santo spirito, com seu responso e a oraçom seja fidelium Deus.

Item ordeno e mando que os freires do convento da minha villa de Thomar, ajão a renda das minhas boticas da feira da dita villa que fiz per autoridade del Rey meu sñor e padre que deos aja. E por a dita renda dirão em cada um anno cem missas por minha alma, levando a renda da dita feira a prata em respeito de cẽ missas resadas por cada marco de prata que em a dita renda mõtar, ora muito ora pouquo.

Item ordeno e mando q̃ o lente da theologia da catedra da prima, aja em cada hum anno pera sempre doze marcos de prata, por a primeira renda dos dizimos que a ordem de christos ha na Ilha da Madeira, pello qual fara o principio no estudo, e dira certas missas e pregações segundo faz declaraçom na carta minha que lhe delo leixo. E esto em renenbrança da doaçom que lhe fiz das casas em que estaa o dito estudo.

Item ordeno e mando q̃ a see de Viseu aja a renda da feira que eu mandei fazer dentro na cerca que estaa junto com a dita cidade, cõ

Digitized by Google

condiçom q̃ o cabido a mãde arrecadar, e dee seis onças de prata a um capellão, que diga todelos sabados do anno hũa missa resada de santa Maria em minha vida e depois de minha morte segundo se contem na carta que lhe dello leixo.

Item estabeleço e mando que o moesteiro de santa Maria da victoria aja pera sempre em cada hum anno XVI marcos de prata em prata. Os quaes avera pollas rendas das terras de Tarouca e de Valdigem. E esto por diserem por minha alma assim em minha vida como depois de minha morte trez missas cada hum dia no altar de minha capella que estaa na capella Del Rey dom Johão meu sñor e padre q̃ deos aja, segundo he conteudo na carta minha que lhe dello leixo.

E por se todos estes beneficios e missas dizerem por minha alma como per my he ordenado, eu escolhi por provedor dello sentindo que o faria bem e como compre por meu serviço e bem de minha alma, frei Antão Glz. meu escrivão de puridade, Alcaide moor do castello de Thomar e assi aos seus successores. Aos quaes eu ordeno que ajam por seu trabalho pella vintena da spiritualidade de Guinea, sete marcos de prata, segundo se contem na carta minha que lhe dello leixo. E ordeno per minha carta que leixo aos Mestres, Regedores e governadores da ordem de christos que depois de my forem que constrãjão o dito provedor e seus successores, que fação comprir esto que por my he ordenado. E se negligentes forem a esto proverem, que os tirem e enlejão outros que sentirem que o fação bem e assi como compre por salvaçom de minha alma, segundo he conteudo na carta minha que dello leixo ao Mestre ou mestres, Regedores e governadores.

Item ordeno e mando que todelos meus officiaes de minha casa e assi todelos meus Almoxarifes e outras pessoas que minhas rendas, dinheiros, e outras coisas receberão, nõ embargante que me nõ tenhão dadas suas contas, a my praz principalmente pollo amor de Deos e por salvaçom de minha alma avelos por quites e livres de todo o que assi por my receberão e despenderão, a elles e seus bẽs e herdeiros. E mando a fernão salgado meu escrivão da camara e publico notairo per minha autoridade em minha caza e em todas minhas terras, que lhe dee assi dello senhos estromentos de quitaçom, assinados do seu publico sinal, os quaes eu ei por bõs firmes e valiosos pera todo sempre. E peço per merce a el-Rey meu sñor e ao sñor Iffante meu muito prezado e amado filho, e assi rogo e encomendo aos Mestres, Regedores, e governadores da ordem de christos que depois de my hi forem que lhe nõ vão contra as ditas quitações em parte nẽ em todo. Ante lhas guardem e fação comprir e guardar, por quãto a my praz e he minha merce sem em-

Digitized by Google

bargo de todo, realmente os dar por quites e livres como dito he, e lhes fazer merce, por o muito serviço que d'elles recebi.

E porem peço por merce a el-Rey meu sñor e ao sñor Iffante meu muito prezado e amado filho, e encomẽdo mando e rogo aos Mestres, Regedores e governadores da ordem de christos que depois de my forem e comẽdadores da dita ordem, que cumprão e fação comprir, pagar, e guardar estas minhas quitações per my ordenadas e cantar e dizer as ditas missas como asuso faz mẽçom, e esto per as vintenas das minhas ilhas, e de Guinea, e rendas de terras, igrejas, e comendas segundo muj cõpridamente he conteudo nas cartas minhas que de todo leixo feitas. E fação todo assi comprir e guardar realmente e com effecto por minha alma como elles desejão que Deos ordenasse que fizessem pollas suas pellos bẽs e acrecentamentos delles, e doutras rendas que leixo e fiz pera a ordem de christos. feito na villa do Iffante XIII dias do mes de Outubro da era do nacimento de Nosso sñor Jesu christo de mil CCCCLX annos. Testemunhas Dom frey fernando vigairo geral da villa de Thomar, e das Ilhas ec. e o Mestre em theologia frey Johão mĩz q̃ foy confessor do dito Iffante em esta sua postumeira fim, e dom fernando deeça, e Martim Correa guarda moor do dito sõr e do seu conselho, e frey Pedro añs çaquiteiro moor, e diogo dalmeida cavaleiro de sua caza, e Johão gorizo. E eu fernão salgado, escrivão da camara do Iffante dom Anrique meu sñor e publico notairo per sua autoridade em sua casa e em todelas suas terras que esto per mandado do dito sñor escrevi, e em elle meu sinal fiz que tal he».

(Extrahido da collecção cit. de Pedro Alvares, mss. da Bib. Nac. vol. 3. f. 42 v.º e seguintes. Encontra-se tambem um traslado d'este documento n'um livro da Torre do Tombo, escripto em pergaminho com lettra do começo do sec. XVI, e contendo, além do testamento, varias cartas relativas á espiritualidade de Guiné. Não tem numero e ignora-se a sua proveniencia).

Digitized by Google

Advertencia

A muita rapidez com que esta conferencia foi escripta e impressa, não deu tempo a que se verificassem miudamente as transcripções dos documentos citados, no que respeita á orthographia e pontuação.

Para alguma falta que haja n'este particular, e para as muitas outras que receio se encontrem no texto e nas notas, peço e espero a benevolencia do leitor.

Digitized by Google

Digitized by Google

SEGUNDA CONFERENCIA

DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES

NA AFRICA

PELO SOCIO EFFECTIVO

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Digitized by Google

Digitized by Google

Senhores:

Voltam-se hoje vivamente para a Africa as attenções e os esforços do mundo scientifico. Os trabalhos isolados de muitos exploradores intrepidos, que teem percorrido o interior d'aquelle vasto continente, não só no intuito de o revelar á sciencia, mas tambem de espalhar n'essas regiões selvagens os beneficios da civilisação, despertaram a sympathia e o enthusiasmo da Europa, que está considerando as explorações africanas como umas verdadeiras cruzadas da civilisação e da sciencia. Procura-se o berço do Nilo e do Zaire como se demandava outr'ora o tumulo de Christo. Os novos cruzados levam tambem ao hombro a cruz vermelha, symbolo não como outr'ora, nos tempos de Pedro o Eremita, de devastação e de morte, mas de sacrificio e de beneficencia. A cruz vermelha, estampada nas bandeiras das legiões occidentaes que iam para a conquista da Terra Santa, era o terror de amigos e de inimigos; fechavam-se diante d'esse signal sinistro as portas das cidades turcas e as das cidades christãs; lamentava Constantinopla tel-a acolhido; deplorava a Bulgaria tel-a saudado com affecto; defendia-se a Hungria contra as hordas selvagens que passavam no seu solo

Digitized by Google

como devastadora torrente; e nas cidades mahometanas mulheres e creanças tremiam de pavor, quando tingiam o horisonte, como uma aurora de sangue, os reflexos das cruzes vermelhas dos peregrinos armados. Hoje a cruz vermelha, no meio dos horrores da guerra, é o symbolo do carinho e da paz. Onde ella surge, surge tambem a trégua de Deus. Dos muros que protege desviam-se as balas exterminadoras. Quando assoma, inimigos e amigos, feridos, moribundos, erguem para ella as mãos supplicantes e os olhos cheios de lagrimas de gratidão e de esperança. Entre a procella das batalhas, passa como o lábaro da caridade. Não apparece como a cruz legendaria de Ourique, na vespera da batalha, a aconselhar o exterminio e a carnificina, apparece como a signa da consolação e da vida. Não vae na frente das hostes, como o crucifixo dos fanaticos, a incitar os soldados, vae na sua rectaguarda para levantar os feridos. Hoje nas margens do Danubio, na Bulgaria, nos territorios atravessados outr'ora pela migração dos cruzados, tremúla outra vez a cruz vermelha, mas não leva comsigo o terror, como nos tempos sinistros da idade média. Esta, a cruz vermelha das ambulancias, é que é a cruz de Christo, a outra, a de Pedro o Eremita, seria talvez a cruz do mau ladrão.

Não julgueis, senhores, que me afasto, por uma digressão intempestiva, do assumpto da minha conferencia. É que assim como a cruz vermelha tomou hoje uma significação mais evangelica do que a que tinha no tempo de Godofredo de Bouillon, de S. Bernardo e do proprio S. Luiz, tambem os modernos cruzados da sciencia, os missionarios da civilisação, se mostram bem mais christãos do que os devotos peregrinos que iam, nas cruzadas de outr'ora, visitar o sepulchro de Jesus. Estes são os conquistadores pacificos da sciencia, são os missionarios da emancipação e da liberdade do homem. Não vão para combater as tribus africanas, como iam os cruzados para combater as tribus orientaes; não vão escravisar os negros, como os templarios e os hospitalarios, esses monges-soldados, sem escrupulo escravisavam os subditos de Saladino. Vão pelo contrario combater a escravatura, e levar aos nos-

Digitized by Google

sos miseros irmãos, que o desconhecem, o codigo da dignidade humana. Sejam quaes forem as injustas apreciações que um excesso de zelo dictou a muitos d'esses viajantes com respeito á acção portugueza no continente africano, nem por isso deixaremos de prestar homenagem aos nobres intuitos e aos santos emprehendimentos dos Livingstones, dos Camerons, dos Bartles Frères, dos Moffats, dos Gordons, de todos emfim que pugnam e teem pugnado na Africa pela abolição da escravatura. Honremol-os pela sua dedicação scientifica, honremol-os tambem pelos seus intuitos humanitarios!

Mas, no momento em que uma febre, semelhante á febre das cruzadas, se apodera na Europa de todos os homens illustrados, e dirige para o continente africano a attenção de todas as sociedades scientificas; quando em todos os paizes, até nos que mais estranhos se conservaram sempre ao movimento geographico, se organisam á porfia expedições que tentem desvendar alguns dos mysterios d'esse vasto continente, ainda quasi desconhecido nos seus mais intimos recessos; quando o rei dos belgas, movido pelo sagrado enthusiasmo da sciencia, funda e protege uma associação internacional destinada especialmente a desenvolver os descobrimentos africanos; quando em toda a parte se prestam culto e honras aos audaciosos exploradores que lustraram os sertões mais invios da Africa central; quando a Inglaterra erige estatuas a Livingstone; quando em todas as cidades civilisadas é acolhido com applauso e ouvido com respeito Cameron, o perseverante e intrepido investigador; quando a Allemanha se gloría dos seus Barth e Nactigall; quando a França aponta com ufania o seu Du Chaillu e toma lucto pela morte de um dos seus mais esperançosos exploradores, o marquez de Compiègne; quando a Italia segue com o seu applauso e os seus votos a expedição africana do marquez de Antivari, é justo que nós tambem reivindiquemos o largo quinhão de gloria que nos cabe n'estas explorações, hoje tanto e tão justamente apregoadas, e que, sem entendermos que as glorias do passado nos dispensam do trabalho presente, nem por fórma alguma menosprezarmos os importantes serviços dos modernos ex-

Digitized by Google

ploradores, mostremos que fomos nós que desbastámos á larga esse vasto campo de exploração, deixando aos que vieram depois de nós a gloria, seguramente secundaria, de completar os nossos descobrimenetos, de percorrer os atalhos que não tivemos tempo de sondar, nós que iamos abrindo, com a prôa das nossas caravelas, ao longo da costa africana, até á India resplandecente, a ampla estrada real da civilisação e da sciencia.

Somos accusados, nós os portuguezes, de nos deixarmos embalar pelas recordações das nossas glorias antigas, de fallarmos sempre com orgulho no passado, e de nos consolarmos com essas vaidades puerís da nossa nullidade presente, da nossa inercia, e da indifferença com que hoje seguimos o movimento scientifico. Zombam não só escriptores estrangeiros, mas tambem escriptores nacionaes, d'essa tendencia que manifestamos para apregoar a cada instante os feitos heroicos de nossos avós, que tanto contrastam com a nossa decadencia e com a nossa fraquesa actual.

Não desconheço a existencia d'essa vaidade patriotica, ainda que não posso conceder que seja privativa do nosso paiz, e que não pertença em geral a todos os povos, que sempre se ufanam dos seus pergaminhos. É certo porém que, apregoando sem cessar a nossa heraldica nacional, esquecemo-nos de justificar o motto de todas as velhas aristocracias: *Noblesse oblige*, e que não só, como fidalgos pobres e ociosos, nos limitamos a apontar para o brazão da nossa casa, sem nos darmos ao trabalho de o honrar com os nossos feitos, mas que até esse mesmo brazão o deixamos ir-se delindo e ennegrecendo, sem que façamos esforços para o conservar em todo o seu esplendor, já honrando a memoria dos nossos grandes homens, já conservando preciosamente os monumentos que attestam a sua grandeza, já estudando com zelo e narrando com esmero a historia das suas façanhas. Reconheço a justiça de todas essas censuras, e sou o primeiro a sentir o ridiculo das ôcas declamações com que a cada instante rememoramos, repetindo pela millesima vez generalidades vagas, as heroicidades do nosso passado. Mas justo é que digamos tambem que nenhum outro povo

Digitized by Google

tem mais razão para protestar contra o iniquo esquecimento a que foi votado pelo estrangeiro. Não somos nós o unico paiz, grande outr'ora e depois caído em rapida decadencia. Veneza foi a rainha dos mares, depois perdeu a corôa e o sceptro, gemeu escrava, e hoje, livre e resurgida, é comtudo apenas uma obscura cidade do vasto reino italiano. Mas a piedade da Europa votou ás suas ruinas o culto e o respeito. Byron, que só teve para nós palavras de desprezo, foi suspirar nos seus caes melancolicos e desertos a elegia da sua passada gloria. A Hollanda, que de nós herdou o sceptro dos mares como nós o herdámos de Veneza, viu tambem o seu imperio colonial desmoronar-se aos golpes repetidos do ariete britannico, mas a historia respeitosa e justa celebrou sempre a gloria de seus filhos, e os nomes dos seus Tromp e dos seus Ruyter estão na boca de todos associados aos nomes illustres de Drake e de Nelson. Só nós tivemos o estranho infortunio de ser olvidados e menosprezados pela Europa, só nós tivemos a humilhação e o escarneo, só nós desapparecemos quasi completamente da memoria dos povos, só nós nos submergimos de subito e inexplicavelmente no mar do esquecimento, e, se a nossa gloria tem no mundo alguns eccos, é porque d'esse estranho naufragio em que sossobrou uma nação inteira, com as suas chronicas maravilhosas, com os seus nobres pergaminhos, escapou, como escapára já de outro naufragio nas ondas do Oceano Indico, um livro, que era ao menos por fortuna o Evangelho da nossa gloria, o livro sagrado de Portugal—o immortal poema de Camões.

Houve um momento seguramente em que a nossa fama eccoou em toda a Europa, em que os nossos feitos foram apregoados, traduzidas as relações dos nossos viajantes, ouvida com admiração a narrativa dos nossos descobrimentos. Dos mais remotos paizes da Europa vinham os mais illustres estrangeiros solicitar um logar a bordo das nossas caravelas; o sueco Valarte, o allemão Balthazar, o veneziano Cadamosto, o genovez Antonio Usodimare, acudiram, logo nos primeiros tempos das nossas navegações, enthusiasmados com as noticias que dos nossos feitos tinham chegado ás suas ter-

Digitized by Google

ras nataes—e grande devia ser o assombro causado em toda a Europa para que tão promptamente se espalhasse em tão remotas regiões, e em época tão pouco sociavel, a fama dos emprehendimentos portuguezes—acudiram a pedir um logar nos nossos navios, um quinhão nas nossas aventuras. Os mais illustres homens de sciencia d'essa época vinham procurar o ensino dos nossos cosmographos, e as lições dos nossos pilotos, como hoje se póde ir procurar aos grandes centros scientificos de França ou de Allemanha a instrucção, que ahi se colhe da boca de sapientissimos professores. Martim de Behaim, o primeiro astronomo do seu tempo, veiu estabelecer-se na nossa côrte, e fixou depois nos Açores a sua vida estudiosa; Christovão Colombo na ilha da Madeira cultivou com o trato e com as lições dos pilotos portuguezes o seu genio predestinado a dar um mundo novo á Hespanha, á Europa e á civilisação; Americo Vespucio, que devia dar o seu nome a esse mundo novo, a bordo dos navios portuguezes serviu e praticou; a cartographia européa aos nossos mareantes pediu as indicações que lhe deviam servir para rectificar nos mappas as linhas caprichosas, conjecturaes e erradas de Ptolomeu, e para encher com os dados positivos dos navegantes o vasto espaço em branco, que attestava nas cartas da Africa a ignorancia dos antigos; e tanto assim era que, se todas as chronicas dos nossos descobrimentos houvessem desapparecido, nos atlas e nos portulanos da edade média se podia seguir passo a passo a carreira dos nossos navegadores, porque o lapis dos cartographos acompanha de anno para anno nos mappas europeus e progresso das nossas quilhas nos mares africanos. Pois bem! esta surpresa unanime da Europa, ao ter conhecimento da nossa feliz audacia, esta homenagem espontanea prestada aos nossos pilotos pelos sabios estrangeiros que entre nós vem seguir o caminhar da geographia, a anciedade com que procuram servir nas nossas caravelas os homens que em toda a Europa sentem os incitamentos do espirito aventuroso, os documentos irrefragaveis da cartographia, o reconhecimento por todos os governos europeus do nosso direito de prioridade, que implicava n'essa época o di-

Digitized by Google

reito importantissimo do monopolio do commercio e do exclusivo da navegação, o tacito assentimento dado pelos poderosos monarchas da França ás bullas pontificias que nos conferiam a posse e o padroado de todos esses vastos territorios, nada d'isso impediu que no seculo XVII, o seculo das falsificações historicas, um ignorado escriptor francez, Villaut de Bellefonds, sem criterio, sem conhecimentos geographicos, sem se dar ao menos ao trabalho de forjar um documento em que fundamentasse o seu dito, se lembrasse de inventar uma supposta prioridade dos normandos, que, segundo parece, navegando costa a costa no seculo XIII, de subito no seculo XIV foram direitos á Costa da Mina, como podia ir hoje um paquete da companhia *British African*, para voltarem no seculo XV á timida rotina das navegações costeiras. Senhores, esta asserção estulta, apenas uma ou outra vez aproveitada timidamente por alguns patriotas francezes, foi não direi refutada mas esmagada com uma catadupa de provas pelo nosso illustre e sapientissimo compatriota, o fallecido visconde de Santarem. Houve em época recentissima outro escriptor francez, que pretendeu levantar de novo a asserção de Villaut, e que se lembrou para isso de forjar um documento, cujo original nunca se encontrou, pela excellente razão de não existir. Saíu a refutal-o um sabio estrangeiro, a quem Portugal deve o mais profundo reconhecimento e o mais entranhado affecto, o sr. Ricardo Henrique Major, auctor do livro mais notavel que n'este seculo se escreveu lá fóra sobre coisas portuguezas. Esse, com o seu tranquillo fleugma britannico, perseguiu por tal fórma o desventurado francez, desalojou-o tão implacavelmente de reducto em reducto, que a prioridade normanda, o documento que a provava, o navegador João Prunaut que fazia descobrimentos em segredo, e todo o estendal de mentiras que se traziam a lume, bateram em vergonhosa retirada, e foram desde logo sepultadas em merecido esquecimento.

Mas nada d'isso nos consola de que um dos mais brilhantes escriptores francezes d'este seculo, o vidente da historia, que reconstituiu o viver e crer das gerações extinctas com a sua intuição

Digitized by Google

potente, que galvanisou o cadaver do povo adormecido nas cryptas obscuras e o trouxe á luz do mundo actual para contar aos homens modernos os seus padecimentos, as suas luctas, e as suas deslembradas glorias, o historiador que tinha mais fundamente arraigado no peito o sentimento innato da justiça, Michelet, acceitasse levianamente, e por uma acanhada inspiração de vaidade nacional tão contraria á sua indole, a phantasia das navegações normandas, e dissesse desdenhosamente: Nada fizeram de extraordinario os portuguezes levando um seculo a costear a Africa; em menos tempo os nossos normandos a descobriram! De fórma que, para que seja completo o nosso infortunio, foi um dos chefes da moderna escola historica, da que se não contenta com as tradições e lendas patrioticas, e vae pedir ao documento imparcial, á investigação desapaixonada, ao severo raciocinio o conhecimento dos factos, foi um d'aquelles que fizeram do culto austero da verdade a lei suprema da historia, e que lhe arrancaram, sem piedade, todas as lendas heraldicas, todas as ficções vaidosas, o mesmo que, abandonando a imparcialidade dos seus methodos, acceitou uma versão, contraria a todos os documentos, desmentida irrefragavelmente por todos, insustentavel no campo do raciocinio, só porque acariciava a pequenina vaidade de uma provincia franceza, e accrescentava a esplendida corôa de gloria que cinge a fronte da França com uma joia impudentemente roubada ao diadema de um pequeno paiz.

E comtudo sabeis, senhores, em que se baseia essa lenda das viagens normandas, nunca referidas antes do livro de Villaut de Bellefonds? Em documentos, que se não sabe quaes são, de que não ha o minimo vestigio, e que arderam, dizem os novelleiros francezes, no incendio dos archivos de Rouen, documentos que ainda assim nem o proprio Villaut de Bellefonds chegou nunca a ver; n'outro publicado por um escriptor moderno, mr. Margry, que elle mesmo não sabe nem quem lh'o deu, nem onde está; na existencia de uns marfins levados da costa d'Africa para Dieppe, mas que tambem desappareceram; e mr. Major nota com fina ironia, que estes heroicos navegador esnormandos tão infelizes foram, que

Digitized by Google

não só dos seus feitos não dão noticia as chronicas do seu paiz, nem um só escriptor coevo, mas que até as unicas bases em que se firmam tão mysteriosas navegações são ou archivos que ardem, ou documentos que se não encontram, ou marfins que desapparecem! E vêde ainda que singular contraste! Apenas dobramos o cabo Bojador, a fama das nossas descobertas vôa aos confins do mundo conhecido, os geographos tratam de as aproveitar no aperfeiçoamento dos seus mappas, um chronista portuguez consagra-lhes expressamente um livro em paiz tão descuidoso da sua gloria... os descobrimentos da França, d'esse povo que teve sempre o magico dom de fixar em si as attenções de todo o mundo, d'esse paiz cuja lingua, cuja historia, cuja litteratura eram na edade média, tanto pelo menos como na actualidade, dominantes na Europa, os descobrimentos da França, passam completamente despercebidos, não só não teem um chronista que os refira, mas nenhum dos escriptores contemporaneos se occupa de semelhantes façanhas. Pasmosa indifferença que contrasta com a attenção prestada ás nossas tentativas!

Outro argumento não menos curioso, e que prova a singular leviandade com que Villaut escrevia, é o que elle deriva da palavra *malagueta* empregada pelos pretos para designar *pimenta*. «Chamam-lhe *malagueta* como os francezes e não *cestos* como os portuguezes.» Villaut imaginava que a palavra *cestos* em portuguez queria dizer *pimenta!*

E são estes os argumentos que bastaram a Michelet para nos tirar com um rasgo da sua penna de oiro tão nobre e tão justa gloria! São estes os argumentos que bastaram a Avezac e a Vitet para lisongear frivolas e absurdas vaidades nacionaes! Não tem direito de nos accusar de relembrarmos constantemente glorias incontestaveis, quem não tem o desassombro de arrancar dos hombros da sua patria o ouropel d'estas glorias mentidas e pueris.

Mas, senhores, vae ainda mais longe a injustiça, e chega a tocar extremos verdadeiramente inacreditaveis. As cartas geographicas, onde, antes das descobertas portuguezas, figuravam ape-

Digitized by Google

nas na parte relativa á Africa, linhas confusas, incertas, puramente conjecturaes e vastos espaços em branco, foram-se enriquecendo graças ás nossas navegações. Á medida que ellas proseguiam, ia proseguindo tambem nos mappas o desenho da costa africana. Appareciam os rios, as enseadas, os promontorios, com os nomes que lhes eram dados, como de razão, pelos pilotos que os descobriam. Tanto assim era, que n'esses mappas da meia edade, em que os cartographos se não limitavam a traçar os signaes geographicos, mas em que punham tambem desenhos de figuras, de emblemas, de arvoredos, figuraram por muito tempo n'um dos pontos da costa da Senegambia os desenhos de umas palmeiras, que um dos nossos navegadores, Diniz Dias, tomara para ponto de reparo. Então acceitavam os cartographos estrangeiros humildemente as indicações dos nossos pilotos, copiavam servilmente os esboços dos mestres das nossas caravellas. — Aqui está um cabo a que chamei cabo dos Ruivos — e o cartographo estrangeiro marcava o promontorio designado, e escrevia «cabo dos Ruivos.» — Aqui ha um ponto a que não dei nome, mas que de longe distingo e reconheço por um pequeno bosque de palmeiras — e o cartographo estrangeiro desenhava umas palmeiras. E os Ramusios vinham implorar soffregamente dos pilotos portuguezes as relações das suas viagens, impressas ou manuscriptas, para as traduzirem ou publicarem. Mas passou o tempo. Á força de lhes ensinarmos o caminho e de lh'o indicarmos nos mappas, começaram tambem os estrangeiros a poder percorrer esses mares que só nós sulcáramos durante um seculo. Veiu depois a decadencia, veiu esse esquecimento inexplicavel, esse desprezo injusto, e começou-se então a praticar um acto verdadeiramente indigno. Começaram-se a apagar nos mappas os nomes portuguezes e a substituil-os por nomes estrangeiros. Parecia que tiravam a marca para facilitar o roubo. Senhores, esses nomes que desappareciam eram os nomes impostos pelos descobridores, eram os nomes que elles tinham ensinado á Europa, eram o attestado da sua gloria, a recompensa das suas fadigas, o direito incontestavel da sua audacia. Esse nome

Digitized by Google

foi muitas vezes escripto com o sangue dos heroicos navegadores, esse nome com a sua desinencia meridional era a bandeira portugueza plantada por mãos patrioticas na terra virgem que descobriam, e que assignalava uma conquista, já não digo no campo da politica sujeito ás eventualidades das luctas humanas, mas no campo austero e inviolavel da sciencia. E apagou-se esse nome sagrado para se lhe escrever por cima um nome banal sem significação nem sentido! Raspou-se a inscripção traçada por mãos trémulas do sagrado jubilo do explorador scientifico, para se lhe pôr o rotulo innescio de qualquer *torista* inglez que viaja commodamente no camarote de uma boa e solida fragata, cujo commandante vae munido de um itinerario minucioso, em que os recifes e os baixios se póde dizer que estão ainda tintos de sangue portuguez.

Senhores, entre as pessoas que me escutam ou me hão de lêr, ha marinheiros de certo, homens que sabem como são fortes e respeitados esses laços de uma fraternidade sublime, que ligam entre si todos os homens do mar. Quando, longe da terra, isolados, entre a agua e o ceo, embalados pelo balanço do navio, vêem de repente boiar na crista das vagas, pequena navegadora aventurosa, uma garrafa; quando, deitado o escaler ao mar, trazida a garrafa para bordo, se quebra piedosamente o lacre, e se encontra um papel enrolado, que encerra o testamento de um naufrago, testamento deixado por elle aos seus irmãos nos perigos, e aos seus irmãos na sciencia, testamento que traz a indicação do banco de areia desconhecido onde se perdeu o navio, a designação de uma nova terra encontrada ás vezes nas gelidas solidões do norte pelos infelizes que dormem sob a liquida mortalha, e que não podem voltar á patria, a levar-lhe a noticia do seu descobrimento, e a colher a justa gloria devida á sua audacia . . . qual é a fronte que se não descobre, quaes são os olhos que se não humedecem, qual é o coração que não pulsa de nobre sympathia pelo camarada, cujo cadaver não póde dormir tranquillo no cemiterio da sua aldeia? E que dirieis do marinheiro, que, em vez de respeitar esse testamento sagrado, rasgasse desapiedadamente o papel a que o naufrago con-

Digitized by Google

fiou o lustre do seu nome, e condemnasse a perpetuo esquecimento aquelle que tivera confiança na fraternidade dos homens do mar? Senhores, foi esta iniquidade a que estranhos marinheiros com os nossos praticaram. Tambem estes naufragaram nos mil desconhecidos bancos dos novos mares que cruzavam, lançaram á tona d'agua, encerrado em fragil garrafa, com destino á posteridade, o seu testamento scientifico. Tambem elles, ao despedaçar-se nos recifes, soltaram antes de morrer o grito de álerta e de aviso aos futuros navegadores. E estes vieram, aproveitaram o legado mas rasgaram o testamento, copiaram a indicação, mas sumiram o papel e quebraram a garrafa, praticaram emfim o acto que mais póde repugnar a um marinheiro, trair a confiança que os seus irmãos tinham depositado na sua lealdade; e não reparavam que muitas vezes, apagando no mappa geographico o nome imposto pelo descobridor, commettiam mais do que um plagiato, praticavam um sacrilegio, não roubavam só uma gloria, iam profanar um tumulo.

Um dos nossos mais intelligentes officiaes de marinha, fallecido ha annos, e que honrava esse nome de Castilho, que tantas vezes se encontra repetido no livro de oiro das nossas glorias, o auctor da *Descripção e roteiro da Africa Occidental*, entregou-se ao improbo trabalho de restituir aos pontos descobertos pelos portuguezes os nomes hoje substituidos caprichosamente pelo arbitrio dos estrangeiros. Ha factos verdadeiramente odiosos. Uma angra, situada para além do Cabo Bojador, descoberta por Gil Eanes em 1435, logo depois de iniciada a era dos descobrimentos com a passagem do celebre e como que enfeitiçado cabo, denomina-se hoje *Ponta Leven*, porque em 1835 um navio inglez chamado *Leven* ali andou empregado em estudos hydrographicos! Um promontorio de Guiné, descoberto logo depois da morte do infante D. Henrique por Pedro de Cintra, e por elle denominado Cabo de Sagres, como justa homenagem prestada á memoria do infante, que devia marcar o ponto extremo a que tinham chegado por iniciativa do grande principe os descobrimentos portuguezes, e que devia lembrar ao mesmo tempo o Capitolio da nossa gloria principal, esse

Digitized by Google

cabo tambem viu apagado o seu nome, e substituido pelo de Ponta Tumba. Que diriam os inglezes, que tão promptos foram em apagar o nome de Cabo de Sagres, se ámanhã novos visitantes das margens do Nyassa arrancassem do estabelecimento que ali existe o nome de Livingstonia? Não julgariam semelhante acto uma impiedade revoltante? Não o julgariam a profanação impia de uma gloria que deve ser respeitada por todos os que trilharem d'ora avante os desertos africanos? Como se póde classificar então o arbitrario capricho de quem arranca a lamina commemorativa do nome da residencia do infante D. Henrique, para lhe substituir um rotulo banal tirado provavelmente da lingua indigena? Não praticam os sabios modernos, ao commetterem esta acção, um vandalismo tão brutal como os monges ignorantes da edade média, que nos palimpsestos apagavam os cantos da Eneida para lhes escrever por cima as suas chronicas milagreiras, e os seus insignificantes obituarios, como os geographos estrangeiros apagam nos mappas africanos, com os nomes originaes, os cantos dispersos da grande epopéa navegadora, para lhes escreverem por cima qualquer designação banal?

Pois os marinheiros mais do que nenhuns outros deveriam respeitar a memoria dos primeiros descobridores, porque são elles tambem os que melhor comprehendem a immensidade do seu arrojo e da sua audacia. Hoje um paquete, construido em magnificas condições, provido de meios de locomoção que o tornam independente do vento e que o armam de um energico poder contra a vaga, commandado por um capitão que estudou a fundo todos os elementos constitutivos da sciencia nautica, levada ao auge da perfeição pelo immenso desenvolvimento de todas as sciencias correlativas, tendo a bordo os melhores instrumentos, as cartas mais minuciosas onde estão indicados todos os contornos da costa e a rede submarina dos escolhos invisiveis, os roteiros que encerram todas as necessarias indicações, tendo pharoes que lhe servem de guia, oculos maravilhosos que mostram ainda a grande distancia os pontos a que o navio tem de se dirigir, um paquete n'estas con-

Digitized by Google

dições chega á entrada de uma barra, pára e não entra sem piloto. E no seculo XV uma caravela latina, guiada por um pobre mareante do Algarve, com poucos e imperfeitos instrumentos nauticos, entregue á mercê do vento e da vaga, entrava sem hesitar em todas as barras e em todos os portos desconhecidos, sem cartas nem roteiros, ignorando profundamente os perigos que teria de evitar. E ellas lá iam, as nobres caravelas! Atravessavam descuidosamente paragens semeadas de escolhos por onde hoje só passa o piloto de sonda em punho, com mil cautellas e receios. Ellas sim! Gonçalo Velho Cabral, nos mares perigosissimos dos Açores, ia dar comsigo nas Formigas, que são o terror de todos os navegantes. O seu piloto era por muitas vezes a tempestade, foi esse piloto sinistro que levou Pedro Alvares Cabral ás costas do Brasil, era elle que fazia com que Bartholomeu Dias dobrasse, sem o ver, o terrivel cabo da Boa Esperança. É claro que os naufragios infamavam frequentes vezes as costas descobertas. Embora! as caravellas lá iam, a Deus e á ventura, confiando no seu destino e no destino da patria, na sua estrella e na protecção da Providencia. Se faltarem os mantimentos, onde hão de ir procural-os? se faltar a agua onde fazer aguada? Deus o sabe. Quaes são as correntes que n'este sitio dominam? Á sua custa o virão a saber. Que recifes se erguem n'aquelle ponto onde referve a espuma? O naufragio o dirá. E era isto o que se repetia em todas as viagens, porque em todas as viagens os portuguezes iam rompendo para diante, sempre para diante, em busca do desconhecido.

Reflicta-se tambem que a todos os perigos bem reaes e bem verdadeiros de incognitos mares accresciam os perigos phantasticos, de mais poderosa influencia ainda no animo supersticioso dos marinheiros da meia edade. Na immensa extensão do Oceano aninhavam-se todas as lendas atterradoras. O mar Tenebroso, cujas ondas eram negras como breu, erguia-se para além do horisonte onde se atufava o sol. Essa era a lenda antiga, a lenda pagã transmittida de geração em geração, e que cerrára por muito tempo o Atlantico ás investigações mais ousadas. Quem n'elle entrava

Digitized by Google

perdia-se para sempre, quem se lhe aproximava, se conseguia fugir, voltava decrepito, tendo partido adolescente, e via com dôr profunda que essa viagem, que suppozera ter durado apenas dias, durára larguissimos annos. A par d'isto surgiam as lendas christãs, as lendas celticas das ilhas mysteriosas, as ilhas dos castigos, verdadeiras succursaes do inferno, onde Judas chorava eternamente a sua traição infame, onde os condemnados, montados em cavallos de fogo, soltavam, n'um galopar incessante, gritos de desespero, onde outros choravam sem interrupção os seus peccados da terra. Vinham além d'isso as lendas arabes, que teem o caracteristico especial das estatuas encantadas. Em certos pontos do Oceano levantavam-se estatuas silenciosas, que ordenavam com o gesto ao ousado mortal que d'ellas se aproximasse que não seguisse mais avante. Guardas dos mundos defezos á curiosidade humana, gelavam de subito pavor quem as visse de repente surgir entre as vagas ensanguentadas pelo sol poente, no sinistro isolamento do Oceano. Camões, cujo merito é sobretudo o de ter creado em épocas rhetoricas e de classicismo uma epopéa nacional, quer dizer, uma d'estas epopéas que são geralmente o fructo da inspiração collectiva de um povo, e não o producto da phantasia de um homem, Camões que resumiu em si, por maravilhosa assimilação, as crenças, os sentimentos, as aspirações do povo cuja gloria cantou, parece ter-se inspirado na lenda das estatuas, para crear, dando-lhe vida e voz eloquente, o ultimo guarda do Oceano, o vulto de Adamastor. Essas estatuas encantadas, que a timidez dos antigos navegadores erguera nos limites do pelago que não ousavam transpor, foram recuando sempre e sempre diante da audacia portugueza. Erguiam-se no Bojador, mas refugiram diante do olhar intrepido de Gil Eannes, foram postar-se mais além e a prôa ousada das nossas caravelas de novo as desalojou. Consubstanciaram-se n'uma figura gigante, que recuou até ao extremo da Africa, ali envolveu-se nas pregas doidejantes de um veo de tempestades, levantou em torno de si o concerto horrisono das vagas, chamou-se Tormentorio, e surgiu como phantastica visão diante de Bartholomeu Dias, que passava na sua

Digitized by Google

caravela batida pelos vendavaes. Não desmaiou diante do vulto procelloso o intrepido navegador. Era o ultimo esforço, a ultima resistencia das trevas e dos sonhos phantasticos que n'ellas se geram, dos dragões e chimeras, de todos os monstruosos filhos da ignorancia e da noite. Estava quebrado o encanto. Desfez-se o Tormentorio, como o ultimo sonho do mar Tenebroso do Occidente, e em seu logar surgiu o Cabo da Boa Esperança, a porta luminosa do Oceano oriental.

De todos esses pavores da meia edade, de todas essas visões phantasticas, de todos esses monstros informes, d'essas vagas negras e alterosas, d'essas estatuas de bronze com inscripções em lingua ignota, de todo esse cortejo de espectros que faziam descórar os mais intrepidos cavalleiros, ficou apenas a synthese poetica no vulto de Adamastor, em quanto a mim, a creação mais sublime da epopéa moderna, porque tem a potencia genial das creações da imaginação popular nas grandes épocas de elaboração poetica, porque se creou na phantasia do vate pelo mesmo processo porque se crearam na phantasia dos povos os vultos admiraveis das velhas religiões. Adamastor não é uma allegoria, é um mytho; não pertence á rhetorica, pertence ao symbolismo, tão admiravelmente explicado por Kreutzer e Guiguiant.

Outros perigos havia ainda não menos imaginarios, posto que não pertencessem ao dominio do maravilhoso, mas cuja idéa assombrava egualmente o espirito dos marinheiros. Eram os que resultavam das falsas idéas geographicas, espalhadas na Europa com relação aos paizes para o sul do Bojador. Dizia-se que a terra ahi era completamente esteril sem agua nem verdura, que o mar era tão baixo que a uma legua da praia não tinha de fundo mais que uma braça, e que eram tão fortes as correntes, que o navio que entrasse na sua zona de attracção nunca mais poderia tornar. Por tudo isso largos annos se detiveram os portuguezes sem ousar aproximar-se do temivel cabo. Zarco arribara á ilha de Porto Santo d'onde passava depois para a Madeira, o infante empregava todos os meios para que os mestres das suas caravelas fizessem mais

Digitized by Google

do que dobrar o cabo Não, o que já era ainda assim grande façanha para esse tempo, em que um proverbio dizia: «Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não.»

Houve emfim quem se decidisse a romper o encanto, foi Gil Eannes. Esse primeiro emprehendimento, que hoje tão simples se affigura, era na realidade de uma audacia inconcebivel. Imaginae, senhores, essa caravela que primeiro se decide a entrar no desconhecido. O espirito dos rudes marinheiros vae povoado de todos os supersticiosos terrores, que as lendas dos serões de prôa lhes incutiram. A cada instante julgam ver surgir as estatuas mysteriosas. Singulares coincidencias conspiram para que os seus terrores vão crescendo de hora a hora. O vento em certas occasiões, dizem os roteiros da Africa occidental, deita ao mar tanta areia trazida do deserto, que a superficie das vagas chega a tomar uma consistencia gelatinosa e uma côr avermelhada. Notam pois os marinheiros que a vaga parece ir tomando outro aspecto e outra côr. A pouca distancia do celebre promontorio, a velocidade da corrente augmenta, e sendo até ahi de uma milha passa a ser de milha e um quarto. Começava a justificar-se d'esse modo a tradição das correntes impetuosas que arrastavam invencivelmente os navios. Quando, sulcando as ondas menos liquidas e menos limpidas do que as da costa de Portugal, sentindo o navio levado com mais velocidade pela corrente mais forte, ouvissem os nossos marinheiros ao longe rugir o Oceano a quebrar com impeto nas rochas do promontorio, era necessaria a Gil Eanes uma força de vontade quasi sobrenatural, uma tempera de alma bem rija, para conseguir dominar os terrores supersticiosos que endoidam os mais valentes, e para forçar a companha a seguir no rumo que parecia dever conduzil-os a inevitavel perdição. E seguiram, e poderam montar o cabo celebre, sem ver estatuas, nem ondas negras, nem mar fugindo das praias, nem costas onde não viçasse flor nem verdura, e poderam dizer que tinham aberto as portas da navegação ao mundo, á sua patria as da gloria e as do poderio, e a si proprios as portas da immortalidade.

Digitized by Google

Foi em 1433 que se realisou o grande feito, d'ahi por diante não param nem um instante na sua tarefa os navegadores portuguezes. Elles e só elles vão descobrindo a Africa toda até chegar ás paragens da Africa oriental já conhecidas dos antigos. A fórma d'essa vasta peninsula, hoje mudada em ilha immensa pela abertura do canal de Suez, póde ser emfim conhecida e desenhada nos mappas. A geographia desenvolve-se com rapidez assombrosa. O que ella era antes dos nossos descobrimentos, disse-o de um modo brilhante, e com rara erudição, o illustre academico que me precedeu n'este logar. Não o repetirei eu agora.

Não vos enfadarei tambem, senhores, com a minuciosa relação das descobertas dos portuguezes. O sulco de espuma das nossas caravelas traça ao longo da costa africana uma linha tão perfeitamente parallela, que se póde dizer um d'estes traços que nas cartas geographicas indicam ao longo das sinuosidades dos continentes as vagas do mar que os banha. Ás vezes uma barca, abandonando a navegação costeira, ia audaciosamente abordar a ponto muito distante d'aquelle que fôra ultimamente descoberto, mas logo nos annos immediatos outros navios vinham explorar cuidadosamente a costa intermedia, de fórma que, se a deslealdade dos cartographos estrangeiros não tivesse apagado muitas vezes os nomes impostos pelos descobridores, a nomenclatura geographica da costa africana seria exclusivamente um vocabulario portuguez.

Em dez annos Gil Eannes, Baldaya, Nuno Tristão, e Antão Gonçalves descobriam toda a costa do Sahará; Diniz Dias, Lançarote, Alvaro Fernandes eram os principaes descobridores da Senegambia, explorada por Cadamosto; Antonio de Nolla e Diogo Gomes que descobria tambem as ilhas de Cabo Verde, Pedro de Cintra, Fernão Gomes, Diogo Cão, Bartholomeu Dias são os principaes descobridores do resto da costa africana até já para além do Cabo da Boa Esperança. A viagem de Vasco da Gama completa na costa oriental o conhecimento do littoral da Africa.

As ilhas que semeiam aquelles mares tambem são todas

Digitized by Google

descobertas por portuguezes, desde a Madeira até Madagascar. A Madeira, ainda que se dê como assente que Zarco só a encontrou depois de ter sido conhecida anteriormente, sempre a marinheiros portuguezes deve o seu primeiro descobrimento, porque a expedição portugueza no tempo de Affonso IV attribue Major, com solidos fundamentos, tanto a descoberta da Madeira como a das Canarias. O archipelago de Cabo Verde foi descoberto por Diogo Gomes, o grupo de S. Thomé e Principe pelos exploradores da costa de Guiné, Santa Helena e Ascensão por João da Nova, por Tristão da Cunha e outros navegadores da carreira da India as ilhas hoje chamadas Bourbon, Mauricia e Madagascar. Quando o imperio dos mares passou das nossas mãos para outras, n'aquellas aguas já nada havia por descobrir.

Mas a palavra «descobrir», no mundo moderno, tem uma significação bastante ampla, e nem a todos os que navegam e encontram novas terras é licito tomar esse grande nome de descobridor. Descobridor é o que conquista para a sciencia, debaixo dos seus principaes pontos de vista, um novo paiz, uma nova região. Descobridor é o que tem um fito scientifico, descobridor é o que constitue verdadeiramente a vanguarda do exercito da civilisação, o que lhe abre o caminho, o que lhe traça os novos itinerarios. Aquelle José Alves, aquelle preto portuguez, de que nos falla Cameron, percorreu de certo muito mais territorios no sertão do que o auctor do *Across Africa;* mas Cameron é que é o descobridor, porque só elle adquire esses territorios para a sciencia, só elle os estuda, marca o seu lugar na carta do globo. Seria assim tambem que os nossos antepassados comprehenderam a sua missão? Vamos vel-o.

Ha muito quem negue aos nossos descobridores o espirito scientifico, e, o que é mais triste, é que entre os que o negam avultem em grande parte os nossos compatriotas. Em portuguez publicou um estrangeiro, um russo, o sr. Platão Lvovitch Vakcel, um livro, em que nega o espirito scientifico ás viagens portuguezas, e entre nós não houve quem protestasse contra semelhante absurdo.

Digitized by Google

Se negamos aos nossos antepassados o espirito scientifico, é quasi sempre porque não temos a paciencia de decifrar o seu estylo, tão diverso do nosso, e de comprehender que cada época tem a sua linguagem e a sua technologia propria, e que a ausencia dos nomes de raizes gregas não basta só por si para significar a falta da sciencia verdadeira. A technologia da nossa lingua no seculo XVI tem umas fórmas que nos parecem hoje pueris porque são desusadas. Quando se lê um livro de Garcia da Orta, por exemplo, depois de se ter lido um livro de qualquer physiologista ou therapeutico moderno, parece que deixámos as obras de um homem de sciencia para ir ler as locubrações de um curandeiro; mas essa estranheza de fórmas não impede que na realidade fosse Garcia da Orta o primeiro medico europeu que estudou o cholera-morbus, como sabiamente o demonstrou na conferencia internacional de Constantinopla um nosso eruditissimo compatriota, uma illustração da nossa academia, um homem cuja perda recentissima ainda hoje todos deploramos, Bernardino Antonio Gomes.

Por outro lado, vendo que o desejo de propagar a fé christã, era o principal motivo allegado pelo infante D. Henrique, para explicar os seus trabalhos e as navegações dos seus, imaginou-se que um espirito estreito de devoção e de fanatismo é que presidia ao acabamento d'essas acções heroicas. Novo engano! É certo que esse foi sempre um dos motivos das nossas expedições, e principalmente um dos motivos que mais se allegavam, porque aos olhos do publico d'esses tempos era o que mais as justificava, mas tambem não teem sido muitas, em todas as épocas, as viagens emprehendidas exclusivamente com intuitos scientificos. O proprio Livingstone foi levado ao interior da Africa mais pelo zelo de missionario e de abolicionista, do que pelo desejo de alargar o campo da sciencia. Outros exploram scientificamente os sertões africanos, mas o motivo principal que lá os leva é o de abrir saida ao commercio inglez. O estabelecimento de Livingstonia, que tão brilhantes resultados póde ainda dar á sciencia, foi fundado por uma sociedade religiosa. A propaganda religiosa ou humanitaria, os interesses

Digitized by Google

commerciaes e os estimulos da sciencia são hoje os motores principaes das explorações africanas, o desejo de alargar o campo da sciencia, de desenvolver o commercio portuguez, e de propagar a fé, eis tambem os estimulos das empresas de D. Henrique. A differença entre ellas e as modernas póde-se dizer pois que é absolutamente nulla.

Mas que o amor da sciencia era o que dominava sobretudo no espirito esclarecido do infante D. Henrique mostra-se, entre outras muitas coisas, por um facto curioso que Azurara refere. Conta elle que n'uma das viagens em que de Portugal sairam de conserva muitas caravelas, cujos capitães iam tratar de commercio nos pontos já descobertos pelos portuguezes, ia uma commandada por um dos nossos mais celebres navegadores, o descobridor da Serra Leôa, Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Zarco. Ordenara este a seu sobrinho que não fizesse caso do ganho, mas que fosse sempre ávante, a fim de poder trazer alguma noticia que interessasse o principe. D'aqui se vê que todos esses navegrntes sabiam que, para agradar ao infante D. Henrique, deviam sobretudo procurar fazer novos descobrimentos, e que muito mais lhe aprazia ter noticia de novas terras do que receber o quinto da mais rica presa. Alvaro Fernandes obedeceu fielmente á ordem de seu tio, e passou para além da Serra Leôa. Por isso tambem á volta foi calorosamente felicitado, e largamente recompensado pelo infante.

Suppõe quem estuda superficialmente a historia portugueza, ou quem lê com enfado as chronicas sem perspicacia bastante para descobrir nos seus periodos, massudos muitas vezes, as informações preciosas que n'elles se encerram, que os portuguezes eram levados sobretudo pelo devoto desejo de encontrar esse monarcha mysterioso, que entre gentios professava o christianismo. Sem duvida era esse um dos principaes intuitos do infante D. Henrique, e a descoberta do Prestes João era uma das mais ardentes das suas curiosidades, mas note-se tambem que o problema do Prestes João e da situação do seu reino era um dos problemas da meia edade, que os

Digitized by Google

portuguezes procuravam resolver não só com a curiosidade devota, que não é de estranhar n'esse tempo, mas, e talvez principalmente, com a curiosidade scientifica. E não era esse o unico problema de geographia, cuja solução tinham a peito os nossos antepassados. Muitos outros os preoccupavam, e todos esses navegantes conheciam perfeitamente os dados da geographia antiga, e procuravam verifical-os. Esses homens, de nome quasi obscuro na historia universal, os Alvaros Fernandes, os Alvaros de Freitas, os Lançarotes não eram só pilotos felizes e audaciosos, eram os Burtons, os Livingstones, os Camerons do seu tempo. Vamos demonstral-o.

Dois grandes problemas preoccuparam ou preoccupam a sciencia geographica moderna, no que diz respeito á Africa: saber onde estão situadas as fontes do Nilo, e onde estão situadas as fontes do Zaire. As fontes do Nilo umas poucas de vezes teem sido dadas por descobertas, mas a cada instante novos lagos, novos rios que os alimentam, desnorteiam os exploradores. Quando se julga ter-se encontrado definitivamente a primeira origem do Nilo n'algum dos grandes lagos da Africa central, surge uma corrente nova, que é ainda um dos braços primordiaes do rio sagrado do Egypto. Pois bem! A edade média teve tambem o seu grande problema fluvial africano, e esse problema tambem se referia ao Nilo, que parece ter a sina de preoccupar constantemente os geographos de todas as épocas. O problema era o seguinte:

Os antigos suppunham que o Nilo nascia no monte Atlas, e que se dividia em dois braços, um para o oriente, outro para o occidente; aquelle ia fertilisar o Egypto, este atravessava o paiz dos negros. Encontrar o Nilo dos negros era uma das aspirações scientificas do infante D. Henrique, perfeitamente senhor de todos os conhecimentos geographicos do seu tempo, assim como encontrar as fontes do Nilo foi a grande aspiração no nosso seculo dos viajantes inglezes. Quando a numerosa expedição maritima, a que atraz me referi, chegou ao cabo Branco, Soeiro da Costa, um velho cavalleiro cujo espirito aventuroso se não regelava com os annos, quiz comtudo voltar para traz, já fatigado da longa viagem,

Digitized by Google

mas Gomes Pires declarou que por caso nenhum retrogradaria, sem poder levar ao infante noticias do *Nilo dos negros*. Dividiram-se as opiniões, e, depois de larga discussão, dividiram-se tambem as caravelas. Algumas regressaram a Portugal, seis seguiram avante, e, quando chegaram ao Senegal, soltaram um grito de jubilo. Tinham resolvido o problema.

Effectivamente as noticias, que os negros davam a respeito do curso do rio Çanaga, concordavam de modo tal com a descripção dos geographos antigos, que os nossos navegadores acreditaram que estava encontrado o Nilo dos negros. Era um erro, uma conjectura falsa, mas que se ligava com o problema das fontes do Nilo, problema que ainda hoje não está completamente resolvido, e o que é mais curioso, é que a sciencia moderna está mostrando umas certas tendencias para rehabilitar o *Nilo dos negros*, transportando-o do Senegal para o Zaire. As fontes d'este ultimo rio começam a aproximar-se tanto, nas conjecturas dos viajantes inglezes, das fontes do Nilo, que a idéa de que o Nilo e o Zaire derivam conjunctamente dos grandes lagos da Africa central já não tem grandes visos de absurda.

Que differença se encontra por tanto entre o caracter das modernas expedições, tão apregoadas pelos estrangeiros, e o caracter das expedições portuguezas, tratadas desdenhosamente por estrangeiros e até por nacionaes como simples excursões audaciosas de piratas e de fanaticos? Procurava-se n'esse tempo chegar ao reino do Prestes João como hoje se procura chegar a Tombuctu; procurava-se o Nilo dos Negros, como hoje se procuram as fontes do Nilo e as do Zaire; procurava-se transplantar para os mappas os contornos reaes das costas africanas, como hoje se procura encher os mappas da Africa Central com as designações verdadeiras das suas montanhas, dos seus lagos e dos seus rios. D. Henrique incumbia os seus navegadores de lhe resolverem estes diversos problemas, como hoje a Real Sociedade Geographica de Londres incumbe os exploradores que subsidia de resolver os problemas restantes. A differença é que então os problemas eram in-

Digitized by Google

numeros, e os nossos navegadores atiravam a plenas mãos á Europa as soluções que encontravam. Desappareciam a um e um todos os erros da velha geographia. Suppozera-se que a zona torrida não era habitavel, e a chegada dos nossos navios á linha equatorial demonstrou o contrario; suppozera-se que a Africa ia alargando para o sul, e estendia o seu continente até ao polo antarctico, e Bartholomeu Dias, dobrando o Cabo da Boa Esperança, mostrou que era tudo exactamente o inverso, e emfim, como diz Azurara na sua linguagem ingenua: «o que se mostrava no mappamundi, quanto a esta costa, não era verdade porque o não pintavam senão á aventura; mas isto agora posto nas cartas foi coisa vista por olho; segundo lá tendes ouvido.»

E não é só de estudos geographicos que se occupam os navegadores portuguezes, é tambem de estudos botanicos, de estudos zoologicos, de estudos ethnographicos. É n'este ponto precioso documento a chronica de Azurara. Composta exclusivamente sobre os relatorios escriptos ou oraes dos descobridores, transporta fielmente para o papel as noções que elles lhe davam. Não tinha outra fonte de informações, não podia enfeitar a sua narrativa com os seus conhecimentos de erudito, porque os livros dos antigos nada lhe podiam dizer ácerca da flora e da fauna de paizes que elles desconheciam. Por tanto a narrativa de Azurara é o fiel transumpto das observações scientificas dos primeiros descobridores.

Ora muitos dos animaes e das plantas que os sabios depois descreveram minuciosamente, já teem a sua descripção na chronica de Azurara. Tal é por exemplo o gigante boabab descripto por Azurara tres seculos antes de Adamson. Basta ler as viagens de Cadamosto para se ver como os nossos navegadores se preoccupavam com o estudo não só da botanica e zoologia dos novos paizes que descobriam, mas tambem com o estudo dos costumes, das leis, das linguagens e das religiões d'esses povos desconhecidos. A minuciosa descripção feita por Luiz de Cadamosto do reino de Budomel demonstra-o sufficientemente, mas o facto mais notavel de dedicação pela causa da sciencia que se encontra na historia d'es-

Digitized by Google

ses descobrimentos, é seguramente a viagem de João Fernandes ao interior d'Africa.

As viagens de exploração scientifica, taes como hoje as executam os sabios estrangeiros, são iniciadas intrepidamente por este homem verdadeiramente heroico. Esta viagem, bem pouco conhecida, é seguramente uma das mais notaveis de que se póde gloriar a historia portugueza.

Em 1445, doze annos apenas depois da passagem do Bojador, Antão Gonçalves, Diogo Affonso e Gomes Pires, tres infatigaveis navegadores, fizeram uma viagem ao Rio do Ouro, já então descoberto. Acompanhava-os um homem chamado João Fernandes, que deliberou ficar sósinho na Africa, penetrar no interior, e estudar os costumes, as linguas dos povos d'essas regiões, à fim de informar depois a esse respeito o infante D. Henrique.

Não quero de modo algum ter em menos conta a admiravel intrepidez de Livingstone, que se internou sem hesitar no sertão africano, expondo-se aos maiores perigos, affrontando a furia das tribus selvagens que alli habitavam, mas tambem não posso deixar de notar que a resolução d'este portuguez do seculo xv é ainda mil vezes mais heroica. Desembarca em paizes considerados ainda doze annos antes como terras malditas de Deus, inhabitaveis, ou habitadas por monstros, penetra no interior d'essa região completamente ignota, onde os perigos que muitas vezes tem de correr são realçados pelo ardor do desconhecido. Livingstone é protegido, até onde podia chegar essa protecção, pelos delegados de todas as nações civilisadas e pelos chefes indigenas em quem esses delegados podiam ter alguma influencia, era protegido pelo prestigio do nome europeu, que n'este seculo já vae até ás regiões mais remotas e mais selvagens; João Fernandes não tem quem o proteja, avança ao desamparo, sem as minimas garantias, e joga sem a minima hesitação a sua existencia. Para affrontar sósinho perigos tanto mais temerosos, quanto mais desconhecidos eram, para ficar só n'uma terra em torno da qual fluctuava ainda o veo mal rasgado das temerosas lendas, para ir, confiado só na Providencia,

Digitized by Google

abandonando patria, amigos, aventurar-se em terras inhospitas, habitadas, pelo menos, como vira na costa por negros em estado selvagem; para se sacrificar tão completamente como o fez este nosso compatriota, é necessario possuir-se uma força d'alma não vulgar, é necessario ser-se da massa de que se fazem exactamente os Livingstone, que esses ao menos conquistam a immortalidade e a gloria, os nossos conquistaram quasi sempre o esquecimento do mundo e o desdem dos seus proprios compatriotas.

Em Portugal mesmo é muito mais conhecido o nome de Livingstone do que o do intrepido portuguez, que segundo a phrase de M. Eyriés na *Biographie Universelle* foi o primeiro europeu que penetrou no interior da Africa. A fortuna protegeu este audacioso. Viveu entre os azenegues, não só tolerado mas estimado até, a ponto de adquirir sobre elles grande influencia, que o infante D. Henrique depois aproveitou. Estudou a sua lingua, os seus costumes, a posição geographica do seu paiz, o commercio que faziam com os povos que habitam nas praias meridionaes do Mediterraneo. Depois, quando adquiriu sufficiente conhecimento das circumstancias do paiz que fôra estudar, tornou á costa e ahi esperou que apparecesse algum navio portuguez. Appareceu um emfim, que o trouxe á patria, onde elle narrou ao infante as observações que fizera, e que em geral concordam sempre com as dos viajantes que se lhe seguiram, a começar por Leão Africano que lhe é immediatamente posterior.

E o que levava João Fernandes a emprehender viagens tão perigosas? A devoção? Não, porque elle não ia missionar nem prégar o Evangelho. O interesse? Ainda menos; mais aproveitava negociando na costa, com o resgate do oiro e dos escravos. Então qual foi o seu motor? Foi perfeitamente o espirito scientifico, o desejo de ampliar os conhecimentos geographicos e de agradar ao infante D. Henrique, que tanto por esses conhecimentos se interessava.

Aqui se vê bem quanto é erronea a opinião dos que suppõem que as caravelas portuguezas navegavam ao acaso, com au-

Digitized by Google

dacia, mas sem direcção scientifica. Muito pelo contrario, essa direcção nunca lhes faltou. D. Henrique, no seu palacio de Sagres, rodeado de cartas, em conferencia com os seus cosmographos, estuda os problemas da geographia do seu tempo, encarrega os seus mareantes de lh'os resolverem. Encontrar o caminho de India pelo occidente, encontrar o Prestes João, encontrar o Nilo dos negros, eram os fins principaes de D. Henrique. Ao passo que as caravelas levavam ordem de proseguir sempre o mais ávante que podessem, ao passo que o infante, designava perfeitamente a Madeira e os Açores aos seus navegantes, enviava por outro lado homens como João Fernandes prolongar no interior as explorações portuguezas, não despresando d'essa fórma nenhum dos dados necessarios para se resolver o problema.

Depois da morte do infante D. Henrique, foi D. João II que lhe seguiu as tradições. Auxiliavam-n'o na direcção scientifica das viagens portuguezas os cosmographos que o cercavam. Em quanto Bartholomeu Dias dobrava o cabo da Boa Esperança e preparava o descobrimento do caminho da India, Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, viajando por terra, ligavam os seus esforços com os dos navegantes, e dirigiam-n'os para o mesmo fim. Pero da Covilhã dizia a D. João II que as caravelas portuguezas deviam dar volta ao continente africano, e seguir depois para o norte, ao mesmo tempo que Bartholomeu Dias mostrava, com as suas descobertas, que era perfeitamente acertada a opinião de Pero da Covilhã. A regeição das propostas de Colombo, que muitos consideram como uma prova de ignorancia, demonstra pelo contrario a direcção scientifica impressa aos nossos descobrimentos. A junta de cosmographos regeitava as propostas do genovez, exactamente porque vinha alterar o plano geral das navegações portuguezas. Quando nós, cheios de enthusiasmo, sentiamos que estavamos proximos da India, appetecido termo das nossas explorações, vinha Colombo propor que se procurasse a India pelo occidente, vinha propor que se abandonassem trabalhos já quasi coroados de exito, para se seguir outro caminho completamente diverso. Porque é necessario que se re-

Digitized by Google

pare bem que Christovão Colombo não nos veiu offerecer um Novo Mundo, não nos veiu offerecer a America, veiu offerecer-nos um novo caminho para as Indias pelo occidente. Se os portuguezes navegassem ao acaso, tentariam de certo essa nova aventura, mas não acontecia assim, obedeciam a um plano, e esse plano não o iam sacrificar aos sonhos de um visionario de genio. E entre os dois caminhos propostos, não se sabe hoje que era muito mais vantajoso aquelle que nós seguiamos, do que o que vinha ser proposto? A America entrava nos calculos de Christovão Colombo? Não. Colombo tropeçou na America inesperadamente, quando demandava a Asia. A America não se previu, não a previam os cosmographos portuguezes, como Colombo a não previa. A Asia era a nossa aspiração commum. Podia exigir-se de nós que abandonassemos o rumo apontado pelo infante D. Henrique, para seguir um rumo completamente novo? De certo que não.

O caracter scientifico das nossas explorações fica para todos exuberantemente provado, desde que se reunam n'uma rapida synthese todas as partes da historia portugueza que digam respeito aos descobrimentos. Veremos então todos os nossos navegadores, empenhados na resolução dos problemas geographicos que preoccupam a edade média, resolução em que acima de tudo se empenha o infante D. Henrique, tanto que os que lhe querem agradar abandonam as preoccupações commerciaes, e tratam exclusivamente de descobertas; veremos João Fernandes desembarcar em paizes desconhecidos, e emprehender uma viagem n'esse sertão africano completamente ignorado, unica e exclusivamente com intuitos scientificos; veremos D. João II combinar as explorações por mar e por terra de fórma tal, que as observações de Pero da Covilhã auxiliem Bartholomeu Dias, e que os descobrimentos d'este sirvam para esclarecer o portuguez, que se aventura nas regiões da Abyssinia, ainda hoje bem pouco frequentadas por europeus; veremos ao lado do soberano um corpo consultivo, que se occupa exclusivamente de cosmographia, e que aproveita no aperfeiçoamento da nautica as observações dos nossos pilotos, assim como trata in-

Digitized by Google

cessantemente do aperfeiçoamento dos instrumentos astronomicos para auxiliar a navegação; a esses cosmographos, em cujo numero se encontra um estrangeiro, Martim de Behaim, portuguez adoptivo, se deve a applicação do astrolabio á nautica, outro d'esses homens tem um dos nomes mais illustres da sciencia europea — Pedro Nunes, o inventor do nonio; veremos que as preoccupações scientificas tanto predominam no espirito dos portuguezes que até sobrepujam as inspirações do fanatismo, fazendo com que se sentem ao lado uns dos outros, á meza das deliberações do conselho cosmographico, dois judeus, Rodrigo e José, e um bispo, Diogo de Calçadilha, bispo de Ceuta, e que o rabbi Abraham e o clerigo Affonso de Paiva sejam conjunctamente incumbidos por D. João II de procurar por terra o reino do Prestes João; veremos que as propostas de Colombo são regeitadas, exactamente porque se não navega á aventura, porque as nossas viagens teem uma direcção scientifica, e se repelle por tanto uma proposta que pretende imprimirlhes uma direcção contraria, e na realidade injustificada, como os factos demonstraram; veremos emfim que Pedro Nunes na sua *Defensão da carta de marear* é o proprio que affirma, que não saía dos nossos portos um unico piloto que não tivesse largos conhecimentos astronomicos e não fosse munido dos melhores instrumentos do seu tempo; que a erudição dos nossos maritimos ainda se confirma com a confissão do italiano Ramusio de que foi um piloto portuguez o primeiro que na Europa decifrou o periplo de Hannon; finalmente que a Europa toda reconhece a nossa preeminencia scientifica, tanto que os geographos mais enthusiastas deixavam a sua terra para vir aqui residir, como fizeram Martim de Behaim, Christovão Colombo, Americo Vespucio, Sebastião Cabot e muitos mais, outros, como Torricelli, mantinham com Portugal incessante correspondencia, em que se encontra mais uma vez a prova do espirito scientifico dos nossos descobrimentos, porque vemos D. João II consultar o sabio italiano ácerca de diversos problemas de geographia; veremos emfim que somos nós os que exclusivamente damos á Europa informações ácerca de todos esses novos paizes,

Digitized by Google

de modo que, ao passo que actualmente os livros mais importantes da nossa litteratura jazem ignorados do estrangeiro no fundo das nossas bibliothecas, no seculo XVI os mais insignificantes livros portuguezes sobre assumptos do ultramar eram traduzidos com uma presteza prodigiosa. O livro de Francisco Alvares ácerca da Abyssinia, assim que appareceu, foi logo traduzido em francez, em hespanhol, em allemão e em italiano. O celebre livro *Navigationi e Viaggi* de Ramusio é quasi exclusivamente composto de relações portuguezas, algumas d'ellas traduzidas directamente do manuscripto original, e publicadas em italiano quando se conservavam ineditas em portuguez, o que prova a soffreguidão com que eram recebidas no estrangeiro as nossas informações a respeito de todos os paizes que o resto da Europa ignorava, e ácerca dos quaes só por nosso intermedio podiam obter as noções que constituiram, por muito tempo, o unico peculio scientifico da Europa em tudo o que se referia á Africa e á Asia.

Por mais de um seculo ainda assim aconteceu, porque, depois de termos chegado ao Indostão, depois de termos completado a exploração das costas africanas—e note-se que nunca abandonámos as preoccupações scientificas, porque ainda nos meiados do seculo XVI Lourenço Marques era incumbido de visitar minuciosamente a bahia a que deu o nome—depois da nossa marinha se occupar principalmente em empresas de guerra e de commercio, ainda uma nova phalange portugueza vinha heroicamente prestar os seus serviços á civilisação, ampliar os dominios da sciencia, explorar, na Africa, esse sertão, para onde se voltam as attenções da Europa, e percorrer as solidões trilhadas n'este seculo por Livingstone, como se esses orgulhosos inglezes, tão faceis em desdenhar glorias alheias, fossem condemnados a encontrar sempre adiante de si—no mar o sulco das quilhas dos nossos navios, na terra as pégadas das sandalias dos nossos missionarios. Proferi a palavra. Essa heroica phalange, a que acima alludi, era a phalange dos missionarios, e acima de todos, e adiante de todos, a dos missionarios jesuitas.

Digitized by Google

Senhores, eu não gosto dos jesuitas. Confesso que adopto em grande parte a seu respeito a opinião de Edgard Quinet, e que tambem estou convencido, como elle, que a decadencia dos povos catholicos do meio-dia, a paralysação que n'um momento dado se apoderou das tres nações que até ahi caminhavam na vanguarda do progresso — a Hespanha, a Italia e Portugal, é devida principalmente á sua influencia nefasta na nossa civilisação. Mas, quando sigo os passos dos seus missionarios na America, na Africa e na Asia, quando os vejo, heroes a um tempo da sciencia e da fé, martyres da civilisação e do christianismo, atravessar invios desertos, affrontar mil vezes a morte, não só para levar a todos os cantos do mundo a luz do Evangelho, mas tambem para ampliar o campo dos conhecimentos humanos, quando vejo o padre Goes atravessar toda a Asia Central, e ir por terra da India a Pekim, viagem que só tornou a ser feita pela primeira vez no seculo actual por dois tenentes russos, quando vejo o padre Antonio de Andrade penetrar no Thibet, expondo-se a mil perigos, e fazer conhecida da Europa essa região mysteriosa, quando vejo S. Francisco Xavier dar ao Oriente o exemplo de todas as virtudes christãs, quando vejo tantos missionarios jesuitas introduzir-se no Japão, revelal-o á Europa scientifica, ao passo que o tiveram quasi conquistado para o gremio do christianismo, quando vejo outros estabelecer-se na Abyssinia, fundar ali monumentos, que ainda hoje, diz o sr. Guilherme Lejean, attestam o seu poder e a sua actividade, e que parecem construidos com cimento romano, quando os vejo penetrar no mais denso das florestas do Brasil, amansar os indios mais selvagens, aldeial-os e civilisal-os, quando vejo que não ha quasi nem linguas orientaes, nem linguas dos indigenas brasileiros, cuja primeira grammatica e cujo primeiro diccionario conhecido na Europa não sejam devidos a jesuitas portuguezes, quando vejo nas suas *cartas annuas*, relatorios que elles enviavam dando conta das suas missões, o quanto mostravam ter estudado esmeradamente e conhecer a fundo as regiões que percorriam, o meu pensamento vacilla, abalam-se as minhas convicções, e pergunto a mim mesmo

Digitized by Google

que estranho mixto de bem e de mal, de luz e de sombra, é esta terrivel companhia, que póde produzir a um tempo martyres e algozes, os Franciscos Xavieres que prégam com o exemplo a humildade e a mansidão, e os Marianas que elevam o regicidio á altura de uma theoria, os mais nobres cultores da sciencia e os mais implacaveis inimigos da liberdade de pensamento, que é para a sciencia o unico ambiente respiravel.

Não é difficil de comprehender, parece-me, esta dupla face do instituto de Ignacio de Loyola. No seculo XVI o mundo christão atravessou uma grande crise. A razão humana emancipada revoltava-se contra a tyrannia do dogma, e reivindicava o direito do livre exame. A egreja, que adormecera na tranquilla posse do seu imperio sobre as almas, que se desleixara, que se paganisara, que deixara rindo a Rodrigo Borgia arrastar a tiara no tremedal de todas as devassidões, que ouvira com a indulgencia tranquilla dos que confiam plenamente na sua força os poetas satyricos vibrarem-lhe os mais sarcasticos epigrammas, que chegara emfim a esse ponto d'orgia e degradação em que se acceitam as injurias como se acceitariam elogios, em que nem o insulto se toma a serio, acordou de subito sobresaltada, quando a voz acre e severa de um monge allemão se ergueu, proclamando a revolta das consciencias e das almas. Veiu então, como era natural, a reacção extrema. O catholicismo tradicional procurou resistir ao livre exame, que avançava, audacioso e terrivel. Essa resistencia tomou duas fórmas: a reacção brutal e a reacção intelligente—a Inquisição e a Companhia de Jesus.

Ignacio de Loyola teve incontestavelmente uma concepção gigante. Percebeu que a civilisação já caminhara tanto, que a razão humana estava já tão conscia da sua força e tão ufana dos seus triumphos, que seria inevitavelmente esmagada a instituição que tentasse fazel-a retrogradar, ou obrigal-a á viva força a deter-se na sua carreira impetuosa. Em vez de se lhe oppor, julgou melhor dirigil-a. Vendo esse fino corcel soltar ao alegre sol da Renascença o seu jubiloso nitrir, sacudindo as crinas doidejan-

Digitized by Google

tes a todas as auras festivas, Ignacio de Loyola entendeu que, em vez de se lhe pôr diante, com grave risco de ser pisado debaixo das suas patas, valia muito mais domal-o o enfreial-o. O carro ovante da civilisação caminhava, prompto a esmagar todos os que procurassem sustel-o. Ignacio de Loyola nem o tentou; mas de subito, em pleno seculo XVI, em plena festa da razão, em plena festa das artes e da sciencia, em plena alegria, e em pleno esplendor, na Italia de Raphael, na Hespanha de Carlos V, no Portugal de Vasco da Gama, viu-se trepar á almofada do carro triumphal do Progresso, e tomar as redeas nas suas mãos energicas, um cocheiro mysterioso e sombrio. Era a Companhia de Jesus.

Então cessa tudo, o canto e o riso, o livre e alegre florejar da phantasia humana. Em todos os ramos da litteratura impõe-se ao pensamento a disciplina severa. Á comedia epigrammatica, abundante em chistes, expressão palpitante da vida nacional, succedem os autos sacramentaes em que o mysticismo lugubre campeia, ou as tragicomedias onde a allegoria frigidissima goteja em cada scena o tedio e o fastio. A philosophia catholica do sul não ousa entrar no caminho que lhe abrem ao norte os genios iniciadores de Descartes e de Bacon, e fica paralysada nas regiões estereis da escholastica. A poesia, vendo cortadas as azas do seu estro, compensa com o frivolo desregramento de palavra, que se chamou *gongorismo*, a liberdade que não póde ter no mundo das idéas, como no nosso tempo a musa theatral franceza se vingou com o desregramento licencioso do genero offenbachiano dos obstaculos que lhe oppunha a censura, quando tentava discutir livremente as grandes questões que preoccupam o espirito da humanidade. A historia mutilada, sujeita a um regimen implacavel, privada de toda a liberdade philosophica, segue o caminho frivolo, em que liga as fabulas genealogicas dos tempos primordiaes das nações com os cortezãos panegyricos dos reis, e com todas as superstições de um catholicismo estreito. O jesuitismo está, nos paizés meridionaes, senhor da educação. Em Portugal, apesar de exercer na universidade de Coimbra uma influencia preponderante,

Digitized by Google

funda uma univversidade que é exclusivamente sua—a universidade de Evora. Tem nas suas mãos os espiritos e as consciencias. Não oppõe diques infructiferos ao rio impetuoso da civilisação, mas canalisa-o. Não impõe silencio ao estro que anceia por cantar as tristezas e as aspirações da humanidade, mas obriga-o a ser cantor da Capella Sixtina. Não supprime, regulamenta. Não prohibe, disciplina. Não faz as trevas, mas a cada manifestação do espirito humano dá por medida o ar e a luz. Longe de combater a instrucção, longe de amaldiçoar a typographia, desenvolve aquella e aproveita esta, mas a instrucção que dá é a sua, as edições que publica são edições expurgadas. A civilisação que elles formulam é uma civilisação *ad usum Delphini*. O mundo caminha, e elles levam-n'o pela senda do progresso, mas levam-n'o arregimentado e unido. Por isso a sua litteratura, a sua sciencia, são descóradas, sem vida, plantas de estufa que nunca respiraram as livres auras, que nunca viram senão o sol coado pelos vidros baços das universidades jesuiticas. O mundo, como elles o sonham, seria apenas um Paraguay immenso, ou um exercito prussiano, admiravelmente instruido, mas não fazendo um movimento, nem dando um passo, sem a ordem, sem a iniciativa do estado maior, d'esse cerebro pensante do mundo inteiro, que, segundo o ideal de Ignacio de Loyola, seria unica e exclusivamente a Companhia de Jesus. Por isso tambem no seculo XVII e XVIII a Europa catholica e monarchica não deixa de caminhar, mas caminha como uma locomotiva por um tunnel, na meia luz das lampadas, pelo carril implacavel, sem iniciativa propria, guiada pela mão do machinista. Não se ouve senão o estridor metallico de todo esse machinismo complicado, ferro e aço, que dá o movimento e o impulso, de quando em quando o silvo agudo do vapor que se espalha nos ares, e que parece um longo e lugubre gemido, protesto isolado da consciencia contra a compressão que a esmaga, não se vê senão o relampago vermelho, reflexo das fogueiras inquisitoriaes com que se puniam os rebeldes. Nem uma voz humana n'esse concerto lugubre, nem um raio de luz do ceo n'essa penumbra si-

Digitized by Google

nistra. E para que a humanidade recupere a posse de si mesma, para que vôe nos livres espaços, á luz do sol dos vivos, é necessaria a catastrophe tremenda, é necessario esse descarrilamento enorme que se chama Revolução.

Senhores, para se realisar comtudo este projecto gigante e sinistro de impor um freio ao pensamento humano, e de o dirigir por um certo e determinado caminho, para que uma sociedade consiga submetter ao seu jugo todos os espiritos, para que adquira a preponderancia que a ha de collocar na frente de todas as manifestações da intelligencia, desalojando da instrucção as outras ordens religiosas, entrando em conflicto muitas vezes com a outra fórma da reacção catholica—o Santo Officio, tendo de vencer as resistencias dos reis e dos povos que, embora profundamente devotos, se assustavam com o espirito invasor da nova sociedade, era necessario que esta se compozesse de homens verdadeiramente superiores, era necessario que fossem espiritos de uma tempera bem rija, illustrações bem provadas e bem incontestaveis. Eram-n'o sem duvida alguma. A grandeza da concepção attraía ao Instituto as intelligencias mais robustas dos paizes catholicos, a disciplina implacavel do «Directorium» dava ao seu espirito como que os musculos de aço que a gymnastica póde dar ao corpo de um acrobata, a organisação maravilhosa da sociedade imprimia uma unidade irresistivel a todos os esforços individuaes dos seus membros. O que elles conseguiram no mundo antigo, sabemol-o nós. O seu fim era impio e iniquo, a sua obra foi por tanto fatal e esterilisadora. Mas nos mundos novos não se tratava de enfreiar a civilisação, tratava-se de a crear primeiro para a regular depois. Todas as grandes qualidades que na Europa lhes deram o poder, que desejavam empregar na sua obra de reacção, deram-lhes na Africa, na Asia e na America um prestigio irresistivel, e um admiravel papel. Repetia-se nos mundos novos a scena que alguns seculos antes se passara na Europa. A obra de civilisação, que a Egreja emprehendeu na meia edade, emprehendeu-a depois na Renascença, nas terras de além mar, a Companhia de Jesus. O divorcio entre a razão e a

Digitized by Google

fé, entre o progresso e a egreja viria depois; no começo não tinha a civilisação agente mais efficaz do que era o missionario, como entre a torrente dos barbaros invasores no seculo v foram o monge e o bispo os representantes unicos da civilisação e da sciencia. Por isso aquelles homens, de larguissima instrucção, e absolutamente dedicados á causa que defendiam, viajantes intrepidos porque lhes era indifferente o martyrio, exploradores scientificos porque precisavam de manter na Europa o primado intellectual que era a sua força e a sua arma, e precisavam de adquirir na Asia o conhecimento das linguas, das leis e dos costumes, sem o qual seria impossivel dominar e guiar aquellas populações ignorantes, não recuando diante dos mais tediosos estudos, porque deviam lembrar-se de uma das divisas da sua ordem, *patiens quia æternus*, os jesuitas portuguezes teem direito incontestavel a um dos papeis mais gloriosos na historia das explorações geographicas, e especialmente das explorações africanas, que n'este momento mais directamente nos interessam. As collecções das cartas dos nossos missionarios, publicadas em Roma, eram recebidas pelo mundo inteiro com a mesma soffreguidão com que o eram tempo antes as relações dos nossos pilotos publicadas nas *Navigationi* de Ramusio.

E como não seria assim? Na Abyssinia os jesuitas adquiriam influencia que nunca mais outros europeus lograram ter, para isso lidaram muito, consagraram a essas missões largos annos da sua vida, não fizeram como os modernos viajantes, anciosos de vir receber os applausos da Real Sociedade Geographica de Londres; iam para lá residir, aprendiam a lingua abyssinia, traduziam n'esse idioma as obras que julgavam proprias para actuar no espirito dos seus catechumenos; como tinham todas as aptidões — que assim o exigia a idéa fundamental do seu Instituto: dirigir e guiar todos os conhecimentos humanos — como eram medicos, astronomos e architectos, — e se tornavam por tanto uteis e indispensaveis, dentro em pouco tempo não havia difficuldades para elles, e é por isso que já nos fins do seculo xvi tinham conhecimento

Digitized by Google

d'esses lagos, cuja descoberta foi considerada como uma das glorias de Livingstone, e que figuram nos mappas portuguezes d'esse tempo, como a descripção d'elles e do papel que desempenham com relação ao Nilo figura no livro de Pigaffeta, que declara ter obtido essas informações do portuguez Duarte Lopes.

Quando o espirito absorvente dos jesuitas começou a preoccupar os soberanos dos paizes onde a Companhia por tanto tempo exercera indisputavel influencia, quando o *négus* da Abyssinia e o *tai-koun* do Japão os expulsaram dos seus territorios, quando começou a affrouxar o ardor dos missionarios, e quando os nossos navegadores deixaram de se preoccupar com explorações ou descobrimentos, principiámos, é certo, a desempenhar um papel muito secundario na historia geographica; mas a exploração africana deveu sempre ao nosso governo um certo cuidado e uma certa attenção. O problema, que mais nos preoccupou no seculo passado e n'este, foi a communicação entre as duas costas africanas. Muitos portuguezes emprehenderam e realisaram a viagem entre a costa occidental e a costa oriental, com que tanto se gloriam o dr. Livingstone e o tenente Cameron. Mas infelizmente agora é que já faltava o espirito scientifico. Só uma foi em condições de se poder anticipar perfeitamente ás recentes explorações inglezas, foi a do dr. Lacerda e Almeida, brasileiro disctintissimo. Infelizmente esse erudito engenheiro, homem de alto valor e de incontestavel competencia, falleceu muito antes de chegar ao termo da viagem.

Hoje um sentimento de justa emulação, inspirado pelos esforços com que todos os povos procuram completar os descobrimentos africanos, chama-nos de novo a esse campo tão gloriosamente percorrido pelos nossos antepassados. Cumpre-nos sustentar tradições que são as mais nobres do nosso paiz, cumpre-nos mostrar que somos ainda nós os europeus que mais facilidade encontramos para percorrer o sertão africano, e que, desde o momento que sacudamos o quasi invencivel torpor que nos tem paralysado ultimamente, desde o momento que tornemos a encontrar umas scentelhas d'aquelle fogo sagrado que nos animou outr'ora, ainda

Digitized by Google

somos nós os que havemos de formar, no interior do continente africano, a gloriosa vanguarda do exercito da civilisação.

Esse posto de honra pertence-nos *par droit de naissance*, é necessario que nos pertença tambem *par droit de conquête*. Os negros ainda hoje, como fez ainda ha pouco o soberano de Dahomey, infligem innocentemente aos inglezes humilhações crueis, escrevendo-lhes em portuguez quando lhes querem communicar alguma coisa. É necessario que não esqueçam essa lingua que é hoje ainda para elles o idioma da civilisação. É necessario que se não desacostumem de ver a bandeira portugueza tremular na frente das que invadem, em peregrinação scientifica, essas remotas regiões. A lembrança das nossas glorias passadas não deve ser para nós uma Capua declamatoria, em que nos deixemos adormentar, mas será pelo contrario o mais nobre de todos os estimulos, porque, se ha morte desprezivel e humilhante, é a morte obscura de quem nasceu em berço glorioso; se ha papel tristissimo no mundo é o dos miseros herdeiros de um grande nome, e não conheço aviltamento maior que o d'aquelles que se ufanam ineptamente de ter herdado um nome illustre, na propria occasião em que o deixam entregue aos baldões de todas as ignominias.

Mas se é justo que nos não julguemos desobrigados de continuar a prestar á civilisação os serviços que ella reclama, é tambem justissimo que reivindiquemos, em toda a sua extensão, a gloria de iniciadores, gloria que nos compete. E que importancia immensa teve na historia do mundo essa iniciativa ousada! No seculo XV ha dois grandes factos que abrem com chave de oiro a historia moderna—o renascimento da cultura antiga, e o descobrimento de novas regiões. A esplendida civilisação da seculo XVI é a resultante d'estas duas correntes. Uma é representada pela Italia, a outra por Portugal. De um lado a Italia penetra, cheia de enthusiasmo, na morta cidade antiga, e traz á luz da vida as suas maravilhas e as reliquias da sua portentosa civilisação; resuscita nos codices da edade média a apagada poesia dos Pindaros e dos Ovidios; munida da chave indispensavel do estudo do grego abre

Digitized by Google

os thesouros occultos da poesia e da erudição hellenica; escuta com enlevo os sonhos de Platão; ensina aos seus artistas o segredo da harmonia dos contornos e da suavidade das linhas, que é o caracteristico especial da pura belleza antiga; desperta em todo o mundo o enthusiasmo pelo estudo; faz da cultura intellectual o mais nobre predicado do homem; restitue á razão humana os seus foros e privilegios; affugenta as tristezas e as macerações da meia edade; desfaz com o riso de Ariosto os sonhos de mysticismo e as phantasmagorias cavalheirescas; rehabilita o corpo, o trabalho e a vida, exilando para as sombras do passado a contemplação ascetica, e as lividas mortificações christãs; faz succeder ás «Danças da Morte» que desenrolam as suas lugubres choréas nas paredes dos Campos Santos os frescos de Raphael; abandona as cathedraes gothicas e sombrias cujas abobadas gotejam a fé e a tristeza, e ergue o luminoso templo de S. Pedro onde livremente circula o ar transparente e puro, e o claro explendor do sol; troca a personalisação artistica do Dante cuja pallida musa dolorida canta, como um orgão de cathedral, as lugubres inspirações da selva oscura pela personalisação exuberante de Miguel Angelo cortando em pleno marmore, em plena vida, em plena luz, as suas estatuas, os seus sonetos, e os seus quadros; e, ligando emfim n'uma trilogia ovante o seculo de Leão x aos seculos de Pericles e de Augusto, ensombra com a cruz do christianismo a velha Roma resurgida; junta nos seus vastos templos ás naves catholicas as columnatas do Parthénon; faz do Vaticano dos Medicis o Capitolio triumphal da arte e da sciencia; e christianisando o paganismo ridente da Grecia, concentra n'um feixe de luz as irradiações do mundo antigo, para juntar assim ao clarão da aurora dos novos tempos o oiro e purpuras dos sóes poentes, os reflexos esplendidos das velhas civilisações.

Mas do outro lado Portugal, debruçado sobre o Oceano que lhe banha as praias, faz surgir da sua espuma, como outras tantas Venus Aphrodytas, as regiões equatoriaes cheias de canticos, de perfumes e de verdura; dissipa os sonhos lugubres da edade

Digitized by Google

média para lhes substituir a radiosa realidade: faz com que se evaporem as ondas negras do «mar tenebroso,» deixando em seu logar a vaga tropical resplandecente com o lume da ardentia; onde os antigos navegadores julgavam encontrar o inferno, mostra-lhes Portugal o ceo do Equador bordado com o matiz luminoso de novas constellações; affugenta os espectros da noite diante da luz serena da sciencia; dá novos mundos á actividade humana; volta, com as naus de Vasco da Gama, ao berço radiante da humanidade pela estrada em que os antigos julgavam ver o tumulo da luz vivificante; ensina ás caravelas de Christovam Colombo como se affrontam as tempestades e se investe com o desconhecido; traça com Fernão de Magalhães, seu glorioso filho, ao mundo, em que se apagaram todos os mysterios, um cinto argenteo de espuma, e pondo nas mãos dos seus pilotos a bussola dos descobridores, na mão dos seus sacerdotes a cruz dos missionarios, vae sósinho, pelas amplidões do Oceano, envolto na sombra das procellas, e no horror dos naufragios, levar aos confins mais remotos do mundo esses dois agentes sublimes da civilisação moderna—o Evangelho e a Sciencia.

Foi este o nosso glorioso papel no drama da civilisação; apagal-o é mutilar a historia, é arrancar aos annaes da humanidade uma das suas paginas de oiro, é tornar incomprehensivel o Progresso, é tirar á Renascença o que constitue a sua originalidade, e a sua nova seiva, porque, se a Italia, soube evocar do tumulo o genio redivivo da antiguidade, Portugal, desprendendo-se da tradição, foi procurar em novos horisontes um novo elemento de progresso, e, como estes grandes factos tem sempre a sua expressão artistica, haveis de ouvir, senhores, entre o concerto erudito da Renascença uma nota estranha e selvagem que todas as criticas repellem, e que a todas se impõe, que todas estygmatisam como audaz violadora das regras, e que em todas as linguas do mundo vae encontrando eccos. N'esse canto sublime e estranho ouve-se o clamor das procellas e o estridor das batalhas, geme a saudade dos marinheiros, passa o vago perfume do Oriente, concentra-se

Digitized by Google

tudo quanto póde haver grande e sublime na alma de uma nação; não vibra ali só a inspiração de um poeta, palpita o coração de um povo; e, como a historia em definitiva é sempre justa, debalde procuraram estrangeiros eliminar a nossa individualidade, que ha de sempre resplandecer emquanto na pleiade litteraria brilhar entre as estrellas de primeira grandeza, essa que em si resume a luz, a gloria, a originalidade, a força e o enthusiasmo de Portugal —o éstro de Camões.

Digitized by Google

Digitized by Google

TERCEIRA CONFERENCIA

ULTRAMAR

THEORIAS NA METROPOLE. PRATICAS NA AFRICA

PELO SOCIO EFFECTIVO

JOSÉ MARIA DA PONTE HORTA

Digitized by Google

Digitized by Google

SENHORES!

Um dos nossos confrades debuxou ha pouco n'este mesmo recinto, com mão de mestre e com tintas illuminadas pelo patriotismo e pela inspiração, o estado da alma da Europa no longo e laborioso agonisar da edade média da era christã. Ante um publico maravilhado soube o insigne artista, só pelos esconjuros do seu verbo eloquente evocar do tumulo, e como que transportar para a scena da vida, a figura inspirada e melancolica do infante portuguez a quem a Providencia incumbira na profundeza dos seus designios, de annunciar aos quatro ventos do horisonte do alto do famoso rochedo de Sagres, como se fôra de um novo Sinay, a boa nova da acquisição para todos os lavores da sciencia e do trabalho humano de quasi metade d'este pequenissimo globo onde entre sonhos e decepções, grandezas e decadencias, se agitam em confuso tumultuar as mil variedades da nossa especie.

A unidade physiologica da familia humana, e a continuidade physica do Oceano Atlantico com o Indico, foram os menores dos thesouros extraídos d'aquelle magnifico laboratorio, onde o Fausto portuguez conseguira fixar com a soberana magia do seu genio e perseverança os principaes contornos do mundo moderno.

Outro academico não menos feliz no seu dizer e não menos patriotico no sentir, librando-se nas azas da inspiração e da historia, seguiu, arrojado, os vôos da aguia portugueza na sua aventu-

Digitized by Google

rosa peregrinação através de um mundo desconhecido, e confundindo-se com ella em todos os seus giros e circumvoluções, veiu depois exhibir ante nós, chronista da audacia e da fortuna, o roteiro circumstanciado dos mil logares e povos onde o genio do progresso conseguira implantar, por mãos portuguezas, o estandarte das quinas.

A historia gloriosa de um periodo brilhantissimo do nosso passado ahi ficou pois escripta e assellada, não como um inutil e platonico pergaminho volvido em reliquia nos fastos de uma familia patricia, mas como exemplo e incitação ás nossas forças vivas e estimulos nacionaes, por dois dos nossos mais eloquentes consocios.

Porém, assim como o sol, o tempo não pára em sua ardente carreira, e na ordem dos eventos sociaes a logica, senão a providencia, segue uma linha tão fatal e necessaria, uma lei tão intima e penetrante em suas causas e effeitos, que não podeis indifferente tocar em um dos élos d'essa cadeia sem fim que se appellida *successão*, sem que todos os outros repercutam o ecco no drama da historia. Consenti por tanto, senhores, que seguindo a ordem do tempo e da evolução, me proponha acrescentar um novo lanço a esse magnifico edificio que ha pouco vistes erguer, com tanto agrado e desvanecimento, e que empenhando-me em devassar os segredos da nossa historia colonial africana de cerca quatro seculos, haja de extrair d'ella os materiaes necessarios com que ponha o remate, senão o conceito, a esse glorioso monumento que por nacional é patrimonio sagrado de nós todos. Se o debuxo e o pensamento da nova construcção destoarem acaso das regras que presidiram ao seu primitivo plano, se lhe faltarem essas riquezas de mosaicos, lavores e emblemas, que formam o encanto dos sentidos e são a graça da arte, releve-se ao menos ao ingenuo architecto a rudeza do desenho pela consciencia e fidelidade que anciou imprimir no seu traçado e feitura.

Perquerindo com a luz da historia por guia as successivas phases e transformações que foram experimentando as colonias

Digitized by Google

portuguezas no longo periodo em que passivas se acharam na dependencia da metropole, iremos encontrar a lei dos successos coloniaes na sua propria origem e filiação, e d'ess'arte habilitarmo-n'os para decifrar o enigma do seu futuro, com os subsidios ministrados á justiça social por esta inquirição feita aos archivos do seu passado.

Em tres edades ou cyclos podemos decompor a vida relativa das nossas colonias africanas, e mais designadamente a da nossa provincia d'Angola, a cujo futuro, por circumstancias que nos são peculiares, nos liga um interesse mais vivaz e decidido. E nem o reconto perderá em fidelidade ou clareza; porque o raio de luz que fizermos incidir sobre a physionomia historica da provincia d'Angola, illuminará com o seu reflexo todo o perimetro das colonias portuguezas, visto que um mesmo fado, e esse pouco risonho, tem presidido até agora aos destinos de todas ellas.

A primeira edade comprehenderá todo o lapso de tempo decorrido desde a sua appropriação pelos portuguezes até á expulsão dos padres jesuitas do ultramar, vindo por este computo a alongar-se a primeira phase colonial desde as extremas do segundo quartel do seculo XVI, até ao anno da graça, dito tambem do *exterminio*, de 1760.

A segunda época deslisará como riacho encerrado por duas balisas entre a expulsão do seio das colonias dos astutos clerigos da famosa Companhia, e a cessação official, e mais official do que effectiva, do trafego da escravatura como ramo de commercio auctorisado e legitimo.

A terceira edade, que é a edade moderna das colonias, abrangerá, excedendo, todo o periodo constitucional da metropole até ao alvorecer dos nossos dias: e do seu exame não será difficil prognosticar, dados os horoscopos do tempo, que ou o nosso regimen colonial terá de ser modificado profundamente, volvendo-se efficaz e progressivo; ou a evolução integral d'esta edade agitada das nossas colonias se não perfará sob a debil tutela dos seus actuaes possuidores.

Digitized by Google

Porque não o dissimularemos, senhores, e é n'esta ingenua com quanto triste confissão que reside em nosso crer o verdadeiro patriotismo, mui diverso sem duvida d'aquelle que para ahi se exalta e inculca como o unico genuino e de boa lei, e que ao revés nos parece tão desastrado e morbido, que prefere na sua facil inercia, que se cobre do rotulo das conveniencias estadisticas que a ninguem illudem nem persuadem, o adormecer passivo á sombra de um passado que se esvae, como fossil que afunda nas entranhas do tempo, a perquirir viril e decidido as causas proximas ou remotas do mal que a todos magôa, com o nobilissimo proposito de pedir á therapeutica social, os meios efficazes com que o debellar e vencer.

Porque não o dessimularemos, senhores; e de novo o repetimos n'este recinto a fôro de profecia ou de clamor de alarma que chama á estacada o verdadeiro patriotismo, a posse das nossas colonias africanas como tendo o seu fundamento legitimo nas raizes da historia, é um facto que periclita ante as chancellarias da moderna Europa: e a Deus não prasa, que fôra partir-se-n'os o coração com o vel-o, que entre as pedantescas loquacidades de mestre Gilvaz, e as interesseiras bernardices de Frei Soeiro, em que descuidosos nos vamos aprazendo e consumindo, nós entreguemos indefensa e quasi resignada a gentil princeza d'Além-Africa, que é a flor dos nossos escudos e o emblema mais glorioso do nosso passado, ao avido moiro que n'ol-a está espreitando cioso e apercebido do fundo da sua ilha encantada.

De obras, de obras boas e reflectidas e não de palavras que os eccos levam, de cidadãos e não de reprobos, de exemplos e não de regras, de obreiros e não de especuladores, de missionarios e não de verdugos, de mestres e não de alcaides, de liberdade e não de licença, de escolas e não de aljubes, de cathecismo e não de azorrague, de estradas e não de escravos, de confiança e não de terror, de protecção e não de açoite, é de que tem sede e sede ardente as nossas malfadadas colonias africanas. Vêl-o-hemos em breve com os testemunhos da historia por fundamento.

Digitized by Google

Verdade seja, senhores, que na noite do nosso espirito obsecado nós hemos commettido, e não cessámos ainda de commetter, nos seios d'Africa, um inaudito e inqualificavel crime, para o qual não ha nem póde haver remissão no codigo severo da justiça humana. Crime tão nefando e por tal arte repassado de aleivosia, que só per si foi bastante para nos excluir acinte d'essa famosa conferencia geographico-africana inaugurada ha pouco na capital da Belgica; como se Portugal, que tem a sua historia no mundo, e não sem lustre, e a sua moradia official na Europa, habitasse acaso algum planeta desconhecido, e não fizesse parte pela fidalguia dos seus pergaminhos, pela sabedoria das suas instituições, pela hombridade e patriotismo com que zela e affirma a sua independencia, e pela alteza indisputavel dos seus propositos civilisadores, do convivio dos povos cultos da Europa, a quem a historia legou com a fama a posse de vastos territorios ultramarinos, que ainda se não acham de todo obliterados do mappa do mundo!

É esse mesmo crime que nos traz litigioso e indeciso o direito que nos assiste á posse geographica de um grande tracto das margens do famoso rio Zaire, onde ainda, mau grado embustes e artificios de linguagem, se estão mirando em pé e gloriosos os nossos antigos tropheos; como se no egoismo de interesseiros calculos nós, os portuguezes, machinassemos segregar da civilisação esse magnifico canal africano, que parece destinado *pela Providencia* a servir de vehiculo ao commercio e á luz que ha de transformar em paraizo os sertões da Africa!

É ainda mercê do mesmo crime que nós já fomos recebendo um castigo indirecto, mas altamente significativo e demais fecundo em promessas e consequencias, na acquisição do Transvaal e logo de toda a provincia de Orange, para o gremio da chamada *Confederação Britannica da Africa do Sul.*

É ainda effeito do mesmo peccado que nós lá vemos despontar nas brumas do Oriente africano um assomo de correcção, que a importa pela fórma e pela essencia, na promettida feitoria ingleza destinada ás aguas do Cabo Delgado: como se Portugal não de-

Digitized by Google

vesse contar por coisa alguma n'estas partilhas de geographia mais ou menos leonina, em que se aprazem os irresponsaveis, e até se compozesse de gente tão boçal e desnaturada, que negasse o seu applauso e assentimento a qualquer proposito civilisador que trouxesse a marca de sincero ou de meritorio.

É ainda influencia do mesmo crime que se nos vae infamando e envilecendo systematicamente ante o conceito publico, attribuindo-se-nos especiosas complicidades na perpetração de crimes de pirateria e escravatura, commettidos aleivosamente no centro d'Africa por pretos sem patria nem moral!

É finalmente mercê da mesma triste e lastimosa condição que nós vamos experimentando salutares e multiplices castigos, Protheus na fórma e na idéa, n'essa guerra incessante, agora dissimulada e logo patente, que se nos move crua, e desabrida, em todas as latitudes de Africa onde exercemos o nosso historico dominio. Se o acaso ou a má fortuna vos investiu um instante com os sellos de primeiro magistrado em qualquer das terras portuguezas d'além-Africa, podeste experimentar, não sem viva dôr, a que tormentos e provações ficou exposto o vosso inquebrantavel patriotismo.

E quereis saber, senhores, qual é este monstruoso e nefando crime, de que somos reos confessos, de cuja emenda não curamos, e cujo espectaculo tanto escandalisa a virginal pudicicia dos que se inculcam mestres e luminares na arte de colonisar? É de sermos pequenos, e como taes pezarmos pouco em força e em astucia nas balanças diplomaticas da Europa. E estas são as leis da moral porque se rege o mundo civilisado!

E foi para isto, senhores, que nossos avós, os grandes do grande seculo, os primogenitos da moderna stirpe, andaram por esses mares em fóra na lingua das ondas, a Deus misericordia, com agulhas que destemperavam e com astrolabios que mentiam, na enganosa esperança de accrescentarem um mundo novo a um mundo velho que se dizia enfermar de moral e de justiça!

Digitized by Google

O primeiro periodo historico, qual o definimos, póde ser considerado como o periodo homerico, politico, militar, e religioso das colonias. É durante elle que se admiram feitos heroicos praticados pelos portuguezes em luctas desegualissimas com os indigenas, de que as nossas armas saíam sempre senão victoriosas, nunca deslustradas. Revoltas perennes dos aborigenes, estimuladas e aquecidas pelas intrigas dos padres jesuitas, ou pelos ardis de estrangeiros ciosos; planos strategicos para a consolidação da conquista; presidios successivamente estabelecidos, e militarmente relacionados, nos pontos mais valiosos da provincia; postos militares e commerciaes entestando com as fronteiras da colonia, a fim de escudarem os centros principaes de occupação, e de attrairem ao lucro o tracto pacifico e commercial dos indigenas; a acção religiosa acompanhando e completando a acção militar; a cruz trazendo á obediencia pelo prestigio da sua moral e pela graça da sua doutrinação as tribus que as armas nem sempre podiam subjugar; mais tarde a catastrophe de D. Sebastião nos areaes da Mauritania; os largos favores concedidos á Companhia de Jesus; a longa dominação dos torvos Filippes; as guerras funestas com a Inglaterra e a Hollanda a que nos arrastou a forçada dependencia em que estavamos da Hespanha; as idéas que então dominavam na Europa com respeito á significação social das colonias; os pessimos principios de sciencia economica que tinham curso no espirito publico da época; o egoismo que a todos offuscava a razão e a consciencia; a sêde de riquezas que então era o grande movel dos emprehendimentos coloniaes; a usurpação hollandeza que trouxera agrilhoada a colonia por alguns annos; tudo explica a physionomia guerreira, audaciosa, intrigante e confusa d'esta primeira época da historia da nossa Africa. Os costumes, as idéas, e os interesses conspiravam fatalmente no mesmo sentido.

Digitized by Google

A feitos militares brilhantes succediam-se outros mais brilhantes; ás conversões seguiam-se as conversões, quando não eram tambem perigosas abjurações. O espirito de interesse e especulação, deslustrando a gloria, dominava os dois poderes tanto militar como religioso, que ora se prestavam um apoio condicional, ora se degladiavam segundo o pendor das suas conveniencias antagonistas. Guerra, e guerra por toda a parte entre todos e por todos os modos era a divisa do tempo. Os annos de 1592, 1658 e 1716 presenciaram as terriveis luctas de influencia e predominio entre os altivos jesuitas, que tudo pretendiam, e o poder civil e militar que nem tudo podia conceder; e isto com perigo imminente da perda da conquista, por vezes, e com perda da auctoridade moral dos conquistadores, sempre.

N'este longo periodo de dois seculos, raros vestigios de civilisação, ao menos como hoje a entendemos, e como já se presentia na manhã d'essas eras, se nos deparam na sua historia, a não se considerarem como taes alguns beneficios mal seguros prestados ao ensino, algumas catecheses tão precarias como pouco orthodoxas, e emfim alguns ensaios de trabalho industrial e agricola iniciado pelas ordens religiosas, que no seu ardor não cessavam de influir por todos os modos possiveis, inda os mais legitimos, para obterem a preponderancia social a que incessantemente miravam. Porém o solo cuspia a semente que se lhe lançava, e a especulação interesseira ia corroendo as virtudes mais vivazes dos conquistadores. Os poderes publicos peitados pela ambição do lucro eram os primeiros a traficar com a substancia viva da colonia, que á semelhança da tunica de Nesso ia dilacerando o animo, sem refriar os impetos das mãos avidas dos conquistadores.

Os governadores, os juizes, os empregados fiscaes, os commandantes dos presidios, emfim toda essa familia de funccionarios da republica, em sua diversa hierarchia e esphera d'acção, eram socios e complices no mesmo systema colonial. 1720 cortou felizmente por todos estes revoltantes abusos. Algumas individualidades avultam comtudo, como marcos de honestidade, n'esta época

Digitized by Google

atormentada das colonias. D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, esse Albuquerque da Africa, Antonio de Saldanha da Gama, Manuel Vieira Tovar, e alguns outros capitães generaes, testemunham pela inteireza da sua conducta, e pelo alcance do seu espirito, que mesmo no seio das trevas ha clarões que vem justificar a Providencia dos longos eclipses por que faz passar as sociedades, talvez para escarmento da sua historia, ou para lição do seu futuro.

As circumstancias politicas e economicas do paiz haviam determinado de certo modo o sacrificio da Africa ao Brasil. A influencia que a nossa colonia da America ia successivamente assumindo nos destinos da patria, a escassez de população da metropole, d'onde uma emigração louca, que ainda não decresceu, ia tomando assustadoras proporções; a especulação que lançava as suas cupidas vistas para as promettedoras plagas de Santa Cruz; o desconhecimento total das riquezas que encerrava o solo das provincias africanas; a miragem de fortunas miraculosas; o ecco de ensaios bem succedidos a parentes ou affins; as idéas dominantes que então obscureciam a moral da época; o caracter das instituições africanas; tudo compellia por um irresistivel pendor para o monstruoso commercio da escravatura, que por largo tempo envergonhou a nossa especie, e maculou a honra da Europa colonisadora. O commercio de escravos achava-se pois como que auctorisado pelo consenso unanime dos povos que possuiam colonias. Porém um tão vil trafico, se não era antes uma proscripção colossal, devia cair e cair para sempre ante a philosophia e a moral do seculo XIX. As monstruosidades assim da natureza, como da ordem social, são sempre condemnadas a uma existencia ephemera. O vicio que era mais do tempo que dos homens não podia tardar a ser justiçado pelo concerto da razão, da consciencia, e da dignidade humana. Á voz dos Duponts, dos Clarksons, dos Wilberforces, dos Buxtons, dos Pitts, dos Sás da Bandeira, e dos Passos Manueis, o stigma fôra appôsto nos traficantes de carne humana.

E devemol-o confessar aqui, inda que pêse aos, que teem

Digitized by Google

pretendido calumniar-nos, que Portugal não foi o ultimo a occupar o seu logar de honra n'esta generosa cruzada. Prova-o toda a nossa legislação d'este seculo, e a dos fins do seculo passado; prova-o a sinceridade e a boa fé com que subscrevemos, conscientes, a tratados muitas vezes offensivos dos nossos melindres, e prova-o emfim a hombridade e a nobreza do nosso caracter que raro usa, a não ser por excepção sem ecco, antepor interesses de qualquer valia, aos dictames da consciencia e aos deveres da honra.

O braço do povo portuguez se outr'ora foi longo e heroico, e hoje é curto, nunca foi perfido.

É certo que a substancia da colonia se ia esvaindo pela arteria aberta da escravatura; um continente era sacrificado a outro no interesse de um terceiro. As roças do Brasil adquiriam o que iam perdendo as lezirias da Africa. Os sobas de mãos dadas com os traficantes de carne humana enleiavam a provincia n'uma teia de exterminio; familias inteiras, comboios transbordantes de mercadoria humana, tonneladas de gente de côr, na linguagem brutal da época, eram transportadas tumultuariamente de um continente para o outro. Quarenta mil negros iam alcançar por anno a sua carta de servidão nas roças lethaes do Brasil. Era a expatriação regulada pela violencia; o exterminio vivificado pela infamia.

Tambem foi essa a época das fortunas miraculosas na provincia, e logo de influencia preponderante na metropole; do jogo desenfreado dos colonos, das caçadas nocturnas á especie humana, da desmoralisação sob todos os seus aspectos, e da desvergonha com todas as suas consequencias. A virtude, o pudor social, e a moral publica, velavam o rosto ante o espectaculo de tão ignominiosas torpezas.

Cerrou-se para sempre, e não foi cedo, o periodo d'esse singular processo de civilisação seguido por toda a Europa *culta* com respeito á Africa *selvagem*. A historia, que é a consciencia do genero humano, fará justiça a quem de direito for.

Já vamos tocando o atrio do moderno edificio colonial, e ao transpol-o depara-se-nos logo como symbolisando o seu modulo

Digitized by Google

caracteristico, o haver sido a metropole excessiva se não delirante na multiplicidade das providencias legislativas, com que parecia querer resgatar-se ante a historia da pecha de inhabil ou indolente, com que a fama a trazia malsinada. Dir-se-hia que os nossos republicos anciosos de renome longiquo, haviam timbrado por uma especie de tacita rivalidade em se exceder e avantajar-se na opulencia e facundia do seu estro colonial. Mais theoricos do que empiricos, e mais philosophos que observadores, a sua obra se tem sido modesta e acanhada no sentido do progresso real e pratico das colonias, tem ao menos como desejo e aspiração virtuaes excedido porventura as necessidades do tempo e as injuncções do dever.

Interminavel ou prolixa houvera de ser a innumeração de todas quantas leis, decretos e portarias tem brotado das officinas do poder com respeito aos negocios coloniaes dentro do periodo considerado. Tudo no modo de ser e viver das colonias tem sido perquerido, devassado e reduzido a systema por mãos officiaes; administração publica, ensino civil, ensino ecclesiastico, justica, força militar, agricultura, commercio, e industria, concessão de baldios, instituições piedosas, obras publicas, registro civil e registro criminal, representação politica, colonisação, e escravatura sob todas as suas fórmas e transformações, tudo emfim tem servido de thema ao estro inventivo dos nossos fecundos reformadores. E pesando depois com fiel estiva quaes beneficios praticos e uteis tem advindo ás colonias do producto de tantas e tam sobrepostas providencias officiaes, chegamos ao convencimento, aliás anteriormente adquirido, de que no ultramar assim como em todas as agglomerações humanas de longe constituidas, as reformas verdadeiras e perduraveis mais se acham nos costumes que nas leis.

Que hemos sido legisladores honrados e convictos, quem o duvida? porém intempestivos e chimericos, antepondo em regra no nosso incerto criterio os faceis calculos da razão abstracta aos conselhos da experiencia, quando allumiada pela critica e guiada pela inducção; que desattendendo as condições de espaço e de tempo

Digitized by Google

pretendido calumniar-nos, c
o seu logar de honra n'est
legislação d'este seculo,
a sinceridade e a boa
tados muitas vezes c
fim a hombridade
não ser por exc
valia, aos dicta

O braç
e hoje é cu

É c
teria ab
no int
iam
os

o de *sua indole* e car
dor *espectaculo* de
aspereza dos
deficiencia
influenc
oss

e emfim
ção, grande parte
os fundado a desejada rege
nos não tem escaceado em todos
obras mal teem correspondido á violencia do
n'este funesto desequilibrio entre as *theorias* da
as *praticas* nas colonias que tem fluctuado até agora
o nosso crepuscular regimen ultramarino.

Aquella sabedoria, srs., tão salutar quanto invejavel, de que nos dá testemunho a moderna Inglaterra, essa nação benemerita e eminente por tantos titulos, que procura na sua força e consciencia reconhecer os erros para os reparar, que se não deixa seduzir nem pelo amor proprio que offusca, nem pela violencia que perturba, nem pela rotina que estagna, que sabe pôr em concordancia os seus interesses com os interesses mais elevados da civilisação; essa sabedoria, senhores, que é a unica que conduz ao triumpho, porque é a unica que se funda na razão e na experiencia, essa, ainda mal, não tem sido a nossa em assumptos coloniaes; porque obstinados, em nos crermos grandes e fidalgos, não nos consente o orgulho suppormo-n'os peccaveis ou susceptiveis de erro.

E sem embargo os arautos do presente proclamam a vozes que a nossa Africa em geral, e nomeadamente a que demora a oeste da grande peninsula, tem prosperado a olhos vistos sob o imperio da moderna legislação; e que negar a esta o seu influxo poderoso sobre os actuaes progressos relativos das colonias portuguezas, é pelo menos dar testemunho de misanthropia, senão de cegueira ou de

Digitized by Google

insciencia. E quem o pretende combater, senhores? Quem ignora que no seio da Africa lusitana, graças ao favor de algumas providencias de mero caracter economico, se permutam mais generos coloniaes por outros de procedencia européa, e que de envolta com essas mercadorias, que percorrem de um extremo a outro o sertão tropical, se vae infiltrando sangue novo n'essa sphynge africana, que tantas victimas tem já devorado, e que muitas devorará ainda antes que revele ao mundo o seu recondito segredo?

Porém não nos equivoquemos, senhores, com as miragens ou as utilidades do commercio, porque este não é nem póde significar a civilisação no seu integral e harmonioso conceito. E nem tem sido sem justo fundamento e sem o unanime applauso da consciencia publica, que muitos espiritos eminentes da Grã-Bretanha teem exprobado com a palavra e com a escripta, muitas vezes bem duras e severas, a politica de exploração mercantil seguida pela Inglaterra com respeito a algumas de suas mais importantes colonias. É um facto, senhores, que nas mais regulares e amiudadas relações da metropole portugueza com a sua Africa Occidental, na existencia de um estabelecimento de credito importante e prestadio fundado em Lisboa com intuitos coloniaes e civilisadores, e emfim na navegação a vapor do rio mais estavel e central dos nossos dominios occidentaes da Africa, reside todo o segredo economico d'essa prosperidade mais ficticia que real, e em todo o caso ephemera e aventurosa, e que se por um lado tem servido de thema para eloquentes declamações, não tem por outro deixado de ser incitamento e occasião para muitos desenganos. Não, senhores, não póde ser; a civilisação de um povo ou de uma região do globo não póde ser caracterisada, e muito menos aferida pela estiva mais ou menos remuneradora das suas transacções mercantis. Erra de materialismo grosseiro e de perigosa philosophia aquelle que o suppozer e doutrinar. É no conjuncto harmonioso das variadas manifestações de que se compõe a actividade social, que reside a virtude do progresso e a alma da civilisação. Encarar um tão vasto e complexo problema por uma só face, é mutilal-o ou desconhecel-o.

Digitized by Google

E o que vemos nós contemplando desvendados e sinceros a nossa Africa, senhores? É que ella ainda é hoje o que foi Pernambuco no seculo XVII, uma penitenciaria sem idéa philosophica, um desterro inutil sem consequencias nem moralisadoras nem repressivas. E este é o methodo official de colonisação portugueza! O habito tem consagrado essa velha usança que antigas conveniencias poderam justificar um instante, mas que hoje não tem a menor razão de ser ante as regras mais elementares de uma colonisação judiciosa e proficua. Criminosos e incorrigiveis para constituirem o nervo da colonisação, e logo sobre um tal fundo que se não recommenda nem por moral nem por orthodoxo, foros e regalias municipaes que só deviam ser o apanagio de agglomerações humanas quando morigeradas e instruidas. Pouca ou nenhuma instrucção no ultramar africano, resultado fatal de um systema de ensino ou deficiente ou mal applicado, e sobre a base da ignorancia, que é um facto attestado por todas as estatisticas, inda as mais grosseiras, a interferencia dos chamados cidadãos nos negocios mais intimos e vitaes da republica. Representação politica das colonias na metropole, singular privilegio que não encontra analogo nas nações mais cultas, e logo por uma especie de retrocesso que bem accusa toda a nossa hesitação em negocios ultramarinos, artificio e logro no modo de se conceder e levar á pratica uma tão preciosa regalia social. É porque a Africa portugueza, senhores, com quanto dissimulada sob correctas apparencias de unidade organica é ao mesmo tempo um paiz velho e um paiz novo, um verdadeiro Janos com duas cabeças. Velho por uma face em quanto se lhe conservam tradições obsoletas, methodos de commercio antiquados, restricções fiscaes de antiga data e hoje intoleraveis, parcimoniosos instrumentos de progresso economico, ausencia quasi total de instrucção, e emfim methodos pouco racionaes de colonisação official; e creança pela outra quando se lhe outorgam sem medida nem contrapeso preciosos favores de liberdade politica, de que mal se usa, e de que em regra se abusa, quando se não tem a moral por fundamento e o interesse publico por norma e conselho. Ali vemos, senhores, e

Digitized by Google

vemos com sympathia, trabalhar a machina da justiça pelas regras ordinarias da Europa, e logo pela fatalidade das coisas e pela incompetencia das pessoas, juizes ordinarios leigos, e representantes do ministerio publico tão leigos como os juizes, usando fazer, por ignorancia ou por maldade, da justiça uma vingança e das leis *impereteriveis* do processo um expediente de impunidade ou uma argucia de dilação. O fiel de uma semelhante justiça raro attinge o seu ponto de equilibrio. Ali vemos a força militar, que devia ser um espelho de virtudes e uma garantia de ordem e de segurança, mal constituida de degradados e de pretos vadios de incerta moral, e logo pela logica fatal das coisas entregue a esse tão precario elemento de auctoridade publica, as chaves de oiro da honra nacional.

O catholicismo é de direito a religião official das colonias portuguezas; mas por mal teem sempre escaceado nos dominios da nossa Africa os obreiros necessarios para trabalharem na vinha do Senhor. Os templos, com raras excepções, em nada desdizem, nem pela sua pobreza nem pelo seu abandono, da pouca solicitude que nos tem merecido esse precioso elemento da educação colonial. Uma cabana não é uma egreja, como uma tanga não é um vestuario; e assim como o vestuario é o commentario visivel da civilisação de um povo; a sua architectura representada no edificio civil ou no templo resume a historia das suas aspirações mais elevadas, e dá a medida e o criterio do seu grau de civilisação. Os conventos desabaram sob o influxo das modernas idéas, e a obra da vivificação do culto pelos novos processos ainda aguarda nas provincias ultramarinas a sua hora propicia. Demais, o clero colonial, sobre ser diminuto acha-se mui longe, com raras excepções, de ser um modelo de saber e um exemplo de austeridade e pureza de costumes. Os indigenas são pela maxima parte *fetichistas*, e os numerosos baptismos que casualmente se logra fazer no interior do sertão, raro passam de meras formalidades do ritual, sem a menor acção nem sobre os costumes nem sobre a moral dos neophytos, por virem desacompanhados das necessarias catecheses, que só podem tornar proficua a acção religiosa.

Digitized by Google

A mulher é ainda hoje, e continuará ainda a sel-o por largo tempo, em que pese a sonhadores e philantropos, a escrava do marido nos plainos da Africa, e as graças da civilisação qual a entendemos e proclamamos na Europa, mal poderão florir e fructificar, lá onde reina como dogma o principio da escravidão domestica. A luz refoge d'onde impera a servidão.

Emfim, senhores, nem a Guiné portugueza, nem Angola, nem S. Thomé e Principe, nem Moçambique, podem ser consideradas como colonias, no sentido especifico do termo, e pelo não serem é que caduca uma parte da legislação que lhes foi applicada n'essa hypothese. Angola, que a todas sobreleva e que é o typo e a joia dos nossos dominios africanos, poderá capitular-se de estação politico-militar rememorando tradições de antigo poderio, de grande estabelecimento de commercio porventura bem medrado, de vasta officina agricola ainda em seus inicios; porém colonia não é, porque lhe faltam colonos. Para o portuguez não ha familia nem penates sob os ceos da Africa. Tudo ali é precario e instavel como a fortuna que se vae demandar, como a aventura que se vae correr. A Africa é um capitulo, mas não é a obra inteira da vida do colono portuguez. Vae-se á Africa, porém não se vae para a Africa. Esta é a regra, senhores, e as raras excepções que se lhe possam contrapor não farão senão confirmal-a e pôr de manifesto quanto tem havido de illusorio e phantasioso nos nossos calculos de poetas concernentes á Africa portugueza.

E agora, senhores, que hemos perlustrado com sincera mão os principaes capitulos da nossa constituição colonial e que vos pozemos bem patentes os males de que ella ia enfermando, permitti que antes de tocarmos a meta da nossa já longa e afadigosa carreira, e de formularmos o *canon* que ha de encerrar as nossas finaes conclusões, eu recommende á vossa admiração e reconhecimento os relevantissimos serviços prestados á causa da liberdade e do progresso africano por dois dos nossos mais eminentes compatriotas, cujos nomes figuram honrada e brilhantemente nos registros d'esta academia.

Digitized by Google

O marquez de Sá da Bandeira, de saudosa memoria, se foi heroico nas luctas da liberdade nacional como testemunham os fastos da época, e singularmente distincto nos lavores das lettras patrias, sobrelevou-se a si mesmo conquistando mais virentes e formosos louros na paternal sollicitude e affectuoso carinho com que advogou sempre, ora como apostolo e ora como magistrado superior, os mais generosos principios attinentes á liberdade dos africanos,

Exaltando-se ás vezes no lyrismo de sua convicção ás regiões da pura idealidade, se os seus planos de reformação colonial nem sempre foram coroados de successo por deficiencia ou instabilidade dos alicerces em que se firmavam, sua traça e debuxo honram sobremaneira o philantropo, e ficaram gravados como dever a cumprir nas tabellas da lei da nossa honra nacional.

A escravidão humana sob todas as suas fórmas e relações, é já hoje, graças á calorosa insistencia e poderosa intervenção do Pitt lusitano nos destinos das colonias, apenas uma reminiscencia historica sem ecco em terras portuguezas d'além-mar.

Mais aproximado de nós no tempo, e porventura não menos distincto que o seu emulo e espelho pelas qualidades do espirito e pelas delicadezas do coração, o sr. Andrade Corvo, em quem se consocíam o patriotismo e a sciencia, soube completar com providencias adequadas e urgentes, em intensão pelo menos, o sonho favorito do negrophilo portuguez, imprimindo o cunho pratico, que é a condição impreterivel do successo em propositos sociaes, ás generosas aspirações que o heroe do Alto da Bandeira lhe legára com os sellos do poder. Convindo ambos que se não escravisa a foro de consolidar, e que se não faz de um povo o ilota de uma classe ou de uma raça sob o ardiloso pretexto de o proteger e regenerar, os dois grandes republicos deram-se a mão no tempo como esforçados athletas do progresso que uma mesma causa inspira e une, para desaffrontarem a patria de uma macula que a envilecia, acabando de vez e para sempre com esse estado monstruoso de organisação social, onde o homem, como se fôra uma alfaia, se via propriedade

Digitized by Google

do homem em face da lei, e cuja permanencia no codigo ultramarino, era capitulada por muitos e pela justiça universal como a causa predominante do atrazo e prostração em que jaziam as nossas colonias.

A physionomia das colonias africanas portuguezas ahi fica exposta e divulgada, senhores, qual a formaram a historia e as circumstancias: e encarando-a sem desvanecimento nem preconceitos e antes com viril resolução, não será licito interrogar se dadas as faculdades vitaes do nosso paiz e o modestissimo balanço dos seus haveres, acaso poderemos nós sem rastrear o improvavel, traduzir ámanhã em utilidade e progresso o que hontem significara gloria e ardor pela fé?

Quando a seiva nacional mal chega para entreter e alimentar a vida do tronco, poder-se-ha nutrir a grata esperança de ver florir e fructificar os ramos mais distanciados do stipe, e cuja espessa coma, com quanto mui decotada por mãos estranhas, ainda ensombra hoje um grande trato das orlas dos Oceanos Atlantico e Indico?

Poderemos nós ir povoar com os filhos da nossa raça uma extensa zona da superficie do planeta, quando a população portugueza cerceada pela diuturna corrente que se esvae na America, apenas poderá bastar para occorrer ás necessidades economicas do laboratorio do paiz?

Poderemos nós ir derramar com mão abundante por esse vasto solo africano onde tremula a nossa bandeira a fecundissima semente da instrucção publica, quando no proprio seio da metropole, a despeito de mui honrados e persistentes esforços, pouco tem medrado e produzido o cultivo da instrucção nacional?

Poderemos nós ir implantar ao longe em remotas latitudes, como o aconselha a razão e o exemplo, os vivificantes germens da agricultura, commercio e industria, quando despercebidos de tudo, tudo nos falta, e até a vontade, para havermos de propiciar tão util grangeio?

E demais senhores, se a marinha de guerra é como se suppõe,

Digitized by Google

uma necessidade impreterivel no lavor das colonias, um estandarte sob cujas insignias se abrigam e resguardam a sua existencia e inviolabilidade, como poderemos nós, cuja esquadra mal se divisa hoje entre as orgulhosas marinhas que assoberbam os mares, amparar e defender os nossos haveres d'além-Africa com essa sombra de força naval que fôra risivel, se não fosse honrada e meritoria? O quadro é lugubre e desanimador, senhores, mas inda mal que é profundamente verdadeiro. Tudo parece haver conspirado e concertar-se, mercê de Deus, para frustrar o empenho em que de longe andamos peitados de regenerar os nossos dominios africanos.

Mas deveremos nós abdicar ante a arrogancia de tantas objecções? Não senhores: mil vezes não, e agora menos que nunca.

Não sustenta a Grã-Bretanha o seu vasto imperio da Asia desde os contrafortes do Himalaya até ao mar das Indias, com uma população europêa, tão exigua e escassa que mal se divisa e conta entre as assombrosas tabellas da população aziatica que lhe presta vassallagem? Não reina a Hollanda sobre o immenso archipelago *malaio*, contrapondo á densa população de 22 milhões de indigenas a insignificantissima parcella de 50 mil colonos?! E onde residirá o segredo d'estes milagres sociaes, senão no prestigio da intelligencia europêa, e na superioridade da civilisação moderna sobre as civilisações que ou descahiam para o occaso, ou ainda não haviam surgido á luz!

Não desanimemos por tanto, senhores; porque no grande arsenal da civilisação moderna ha instrumentos para todos os misteres, e expedientes para todos os lavores. Desviemos pelos processos que a experiencia inculca, e a liberdade acceita, para os portos e abrigos das nossas possessães africanas, essa corrente de emigração, que incessante deslisa soprada pelas tradições, para os recifes da America. Como loteria a Africa sobreleva muito ao Brasil nos acasos da sorte. E nem nos acovarde e entibie a deficiencia de capitaes, que padecemos, por que estes jámais faltaram a quem sabe inspirar credito, e como que dominar o futuro ou pela sua discreta energia ou pela sua honrada perseverança. E se nos contrista

Digitized by Google

o coração não vermos hoje sulcar os mares em todos os rumos e direcções navios portuguezes de moderna structura, como outr'ora o faziam os alterosos galeões da formosa armada de que ficou memoria, não seja isso razão sufficiente para volvermos á nossa proverbial indolencia, descurando por supposto impossivel o que a honra nos prescreve e o interesse nos aconselha; porque esse mal, que o é sob muitos aspectos sociaes, em pouco póde influir como causa debilitante na evolução economica e progressiva das nossas provincias ultramarinas: visto que para as livrar de estranhas cobiças, nem toda a nossa marinha de guerra, mesmo quando accrescida, fôra sufficiente, se o direito as não garantisse; e para as defender de internas perturbações, não são os navios de guerra as fortalezas mais adequadas a semelhante destino.

E insistimos, senhores, em proclamal-o, seguros do nosso convencimento, que nunca e agora menos que nunca, nos fôra licito abdicar ante um dever que o passado nos impõe; porque fazel-o equivaleria a uma deshonrosa fuga em tempo de guerra.

Se caír no ardor das preoccupações geraes póde ser um perigo, é tambem uma opportunidade, e saber aproveitar o momento das circumstancias é o segredo do successo e o caracteristico do talento. Pois que? Quando todas as actividades intellectuaes de uma linha a outra do horisonte se empenham e tressuam na gloriosa empresa da reconstrucção do mundo social por novos moldes: quando a razão publica, fortalecida pelo estudo, submette á omnipotencia da critica todos quantos materiaes constituiam a antiga fabrica das sociedades humanas: quando o espirito moderno, engrandecido e generalisado pela incessante irradiação da imprensa, vae surprehender o erro e logo condemnal-o no mais recondito do seu protegido recesso: quando ás artificiosas praticas da tradição e do privilegio se intenta substituir o dogma da lei, que é a formula sensivel do consenso do maior numero, e o symbolo philosophico da verdadeira auctoridade: quando a alma de todos sente a unisono com a alma de cada um: não fôra doloroso, e sobre doloroso paradoxal, ou inintelligivel perante a historia,

Digitized by Google

que nós outr'ora tão intrepidos e luminosos em nossos vôos de aguia para a civilisação, ficassemos agora inertes e silenciosos, como estatuas do somno, no meio do agitado turbilhão que arrebata as sociedades para novos e mais limpidos horisontes?

Quando se attenta, no ardor com que se devassam e perlustram todos os recantos d'este pequenissimo universo, que nos foi a um tempo dadiva e problema, como se ao sublime artifice approuvesse reunir e enfeixar no mesmo dom primores para o nosso coração e inquietações para o nosso espirito: quando a sciencia volvida em força e a força em persuasão é como se fôra a *maça* de Hercules com que os tempos modernos desafiam e levam de vencida os preconceitos, os terrores, as abusões, os mysterios e todos esses legendarios monstros filhos da noite e da ignorancia, que tolhiam o passo á civilisação e ainda hoje oppugnam com uma tenacidade que rastrêa a demencia a propagação da luz, da egualdade e da fraternidade pelos codigos regenerados das sociedades humanas: dizei-me, senhores, com a mão na consciencia, se ante o espectaculo de tão brilhantes maravilhas póde ser permittido aos descendentes dos que inspiraram com os seus feitos os primitivos cantos da moderna epopéa, e que lograram devassar com as quilhas das suas magicas frotas milhares de povos surprehendidos na cerrada noite do seu mysterio: o não tomarem parte, e parte gloriosa, em tão pingue messe de beneficios sociaes: que talvez fôra nulla ou então serodia senão houvesse sido feitorisada inicialmente com rara diligencia e fortuna por mãos portuguezas?!

Quando a Inglaterra, não menos grande pela sua opulencia do que pela sua audacia no convencimento, e pelo seu inquebrantavel respeito á lei, franqueia os seus thesouros de par em par para haver de remir da servidão, que a desairava, cerca de 800:000 dos seus escravos africanos: quando a França, pela voz inspirada da republica dos Lamartines, affirma o seu credo politico e assella a sua religião social despedaçando os ferros a 300:000 servos de côr, que o interesse de mãos dadas com o egoismo haviam condemnado ao trabalho da gleba nas suas privativas colonias da Africa

Digitized by Google

e da America: quando a famosa republica do outro lado do Atlantico, inspirando-se da alteza dos seus destinos na hegemonia das sociedades, vae, coroada de raios vingadores, sacrificar á guerra no altar da patria, para haver de resgatar da servidão 4 milhões de individuos da nossa especie, que eram a macula e o contrasenso das suas afortunadas instituições sociaes: quando emfim todos os povos filhos do christianismo e da sua moral, sem fazer excepção do nosso reino, tão primo e escrupoloso em acções humanitarias, obedecendo á imperiosa lei do progresso e ao impulso dado por tão generosos exemplos, apagam dos seus codigos como uma heresia economica e social o lugubre principio da escravidão civil: quando se attenta com os olhos do sentimento no fervente ardor, a que o sexo delicado junta a paixão e o enthusiasmo com que as sociedades *abolicionistas* inglezas, patrocinadas pelos governos, proseguem indefessas na sua nobilissima cruzada contra a escravidão africana, sob qualquer fórma ou pretexto, hontem nas nações catholicas, e hoje já no seio dos povos gentilicos e mussulmanos, onde de tempos immemoriaes o principio da escravidão era o fundamento de granito do seu regimen social. Quando, senhores, fazendo-se-nos justiça, inda que tardia, se restauram nos mappas modernos da Africa aquelles famosos lagos do equador, que os portuguezes do seculo XVI, haviam, propheticos, revelado á Europa maravilhada, então ainda afeita a olhar para a luz do lado dos Pyrineos: quando no seu enthusiasmo pela civilisação da Africa, que parece ser a signa e o emblema do nosso tempo, os abolicionistas influentes e poderosos como doutores em faina n'um laboratorio de ensaio, variando de experiencias sobre a fórma a dar ás futuras sociedades africanas, ora as teem traçado auctoritarias e religiosas como na Serra Leôa, ora republicanas como na Liberia, ora mercantis e christãs como em Lagos, e sempre com exito mais ou menos duvidoso, como se no fundo do coração dos escravos libertos demorassem sempre hostis sentimentos de vindicta difficeis de extirpar: quando emfim n'um nobre espirito de rivalidade scientifica, que por si bastara para imprimir

Digitized by Google

o cunho de generico ao actual esforço de propaganda de que a Africa é o theatro, se procura lustrar esse continente, até ha pouco quasi virgem de toda a contemplação intellectual, com fecundissimos estudos a um tempo ethnographicos, linguisticos, politicos, physicos, geographicos e commerciaes, e de tudo se vae compondo e aformoseando o tão cubiçado pomo de oiro, que ha de um dia render, se o não conseguiu já, a esquiva Atlante européa aos infinitos thesouros que a Africa lhe promette.

Perguntar-vos-hei, senhores, dirigindo-me ao vosso patriotismo, se em meio d'este turbilhão que attrae para a Africa as attenções dos governos e das sociedades, como se na Africa residisse o centro dynamico dos futuros progressos humanos, ou fosse a nova Terra Santa para onde se encaminham os piedosos romeiros da moderna época, levando por symbolo não a cruz aterradora, senão a sciencia como labaro do progresso e o commercio, como emblema da civilisação, poderia sem desdouro ser consentido o não se associarem devotados a tão esperançoso movimento, áquelles que primeiro alhanaram o terreno e excavaram os cimentos sobre que ha de assentar a promettida regeneração da Africa; áquelles que orlaram com extensas feitorias dilatados litoraes, discorrendo quasi continuos desde as costas do oceano Atlantico até ás margens do Oceano Indico; áquelles que divulgaram em mappas e roteiros, e melhor do que em roteiros e mappas, n'um immortal poema, que a fama aprendeu de cór, os seus feitos e prodigios como nautas e descobridores em tempos que pareciam verdes para tão ousados comettimentos; áquelles que crearam pelo seu commercio e influencia moral inopinadas condições sociaes á vida interna do continente africano; áquelles que primeiro d'entre os europeus ensinaram o seu nome, que os eccos ainda repetem com sympathia e temor a esses tragicos monarchas do interior da Africa, que, appellidando-se *Kasongos*, *Mata-Janvos* e *Kagnombés*, escandalisam a moral e assombram a civilisação pelo seu enfurecimento nas mais truculentas allucinações; áquelles emfim que nunca aspiraram em suas arrogancias de conquistadores ao ex-

Digitized by Google

terminio dos fracos pela força, senão ao enlace e á fusão das raças pelas leis harmonicas da sympathia e do interesse commum, preferindo em sua benevolente indole o significarem antes o astro bonançoso annunciando aos povos vencidos o seu momento de redempção, a serem a fatal carroça de Jaggernatha esmagando tudo no seu funesto transito.

A vossa resposta, senhores, não póde ser duvidosa. Se o quadro é verdadeiro, e nenhum testemunho insuspeito o contradiz, toda a abstenção da nossa parte na lida africana seria um erro senão um crime atroz.

Nem a historia, nem o prestigio do nosso nome, nem os mais caros interesses da patria o podem consentir. Se hontem fomos os guardas mal acautelados de um thesouro pouco conhecido, que não nos volvamos amanhã em infelizes desherdados, recontando aos eccos poucos attentos gloriosas mas estereis Africas, que se vão delindo na historia.

E que deslumbrante thesouro de abundancia, senhores, na luxuosa e immensa vegetação com que o sol a prumo se desentranha glorioso nos uberrimos seios da Africa tropical! E que promettedor thesouro de virtual civilisação n'aquelles immensos lagos, senão mares interiores, que dividindo-se e entrelaçando-se por numerosos rios que levam os seus caudaes até aos Oceanos, formam da Africa central uma como Suissa gigantesca, sem rival conhecido no trama geographico das outras partes do mundo! E que thesouro de futuro engrandecimento social nas multiplices e variadas riquezas de que regorgita o solo africano, e que só aguardam a sua hora de trabalho para haverem de desabrochar á luz, e transformar-se, ao impulso da sciencia moderna, em numerosos capitaes redemptores!

E nem vos entreterei, senhores, por estranho ao nosso objecto, com o prodigioso encanto que tem exercido sobre a alma dos modernos viajantes, a contemplação das peregrinas bellezas de que a Africa exhibe o quadro e a maravilha. Dir-se-hia que a força creadora d'onde tudo emana, quizera com providenciaes intuitos

Digitized by Google

reunir nos seios da Africa á seducção da opulencia o prestigio da belleza. Affirma-se que toda a região africana ao norte dos lagos *Victoria-Nianza* e *Albert-Nianza*, ou o vasto paiz do Ganda onde reina o poderoso *M'tesa*, é um paraizo terrestre que mal podera ser sonhado por poetas: que todo o immenso imperio do *Oulunda* onde tripudia na sua ignominia o feroz *Mata-Janvo*, é uma cerrada mata virgem coeva da creação, onde o sol mal chega a penetrar com o mordente fulgor dos seus raios de fogo. Diz-se que todo o paiz do *Bailunda* que demora fronteiro ao *Bihé* em terras convisinhas da nossa Africa Occidental, é de uma belleza tão rara e surprehendente, que mal houvera estro ou pincel tão inspirado ou opulento de tintas, que lograsse trasladar para a tela ou poema, o retrato fiel de tão delicados e originaes primores: e assegura-se por fim que toda a extensa região do equador, alongando-se desde as margens do lago Tanganika até ás costas do Oceano Atlantico, é de uma tal riqueza e fertilidade nativas que transcendem de muito inda a mais audaciosa concepção.

Eis-ahi, senhores, compendiadas em quadro succinto, mas fiel, quantas razões podémos ir respigando ao longo da historia e da critica ácerca da impreterivel obrigação que nos corre, de não descurarmos o problema da civilisação da Africa portugueza, que por tantos e tão variados titulos se recommenda ao nosso patriotismo. E se tental-o é já um passo dado, que a historia registrou, não desconhecemos que para haver de proseguir em tão nobre empenho com esperanças de exito, releva metter muito cabedal de previdencia e de illustração. Firmar o nosso dominio africano e acrescental-o em fortunas e prosperidades, seria o primeiro dos nossos deveres, se não fosse tambem o mais seguro dos nossos interesses. Depois seguir-se-lhe-ha naturalmente, como é d'uso, o *elastico* exercicio dos *protectorados*, em que não temos senão imitar os grandes e poderosos. E haveremos sem duvida bem merecido da civilisação se por fim lograrmos fazer do nosso vasto imperio africano um novo Brasil de um novo Portugal. Mas para isso é mister, senhores, roncar menos e trabalhar mais. Não

Digitized by Google

barbatear inanes *theorias* na metropole para logo ter de fraquear ante as forçosas *praticas* no ultramar. Mas para isso é mister que não governem a Africa os meirinhos da côrte, nem os officiaes das secretarias, nem os ministros sem tradições, nem os informadores sem escrupulos, nem as cabalas palacianas, nem os conluios partidarios, nem as invejas calumniosas. Mas para isso é mister que haja mui elevado criterio na escolha dos maiores que são mandados governar o ultramar, para que não seja o acaso ou perniciosas influencias de momento, senão comprovados titulos de capacidade e de caracter, que regulem esse tão melindroso, quanto influente lance no porvir das colonias. É mister que a suprema direcção dos negocios coloniaes esteja a cargo de um unico ministro responsavel da corôa, e que este seja pelos seus estudos e precedentes mais technico e administrador do que propriamente politico, a fim de que o regimen das colonias possa obedecer a um plano largo, systematico e continuo. A Inglaterra, a Hollanda, e a Hespanha, sabem quanto importa em beneficios sociaes esta preciosa divisão de trabalho na sua lida official. Mas para isso é mister, senhores, que se proceda *in continenti* a uma judiciosa e scientifica revisão de todo o nosso codigo ultramarino, para que se não vejam n'elle oppostas prescripções que se neutralisam na pratica, nem providencias que, por desconnexas, ora não attingem, ora excedem o justo padrão da liberdade bem entendida. É mister que se reformem racionalmente e sob os melhores principios da livre troca as pautas ultramarinas, para que se não faça d'ellas, a titulo mais ou menos illusorio de favor a nacionaes, o inexhaurivel pretexto de desavenças com estranhos. É nosso conceito que a antiga questão do Zaire e a moderna pendencia de Lourenço Marques, mais se hão de resolver pelas pautas, do que por sabias notas diplomaticas.

É mister que cesse de uma vez para sempre o odioso processo, até agora seguido em Portugal, de colonisar a Africa com cidadãos instruidos na arte do crime, ou doutorados nas escolas do Aljube. É mister que se restaure na nossa administração publica um corpo ultramarino estavel e permanente, constituido das

Digitized by Google

summidades technicas nos assumptos do ultramar, para que servindo de conselho e de guia ao ministro responsavel, haja de representar, pela sua historia e significação, as tradições, o nexo, a experiencia e o saber em tudo quanto diga respeito á administração colonial. É mister, em fim, senhores, que pelos infinitos meios de publicidade que os governos teem ao seu dispor, e de que usam quando lhes apraz, se propaguem e generalisem pelo paiz inteiro todas quantas noticias, memorias, mappas, roteiros e descripções possam estimular a opinião e attrahir á Africa os espiritos intrepidos e as actividades nacionaes, que porventura não caibam nos estreitos moldes da vida systematica da metropole.

Tal é o nosso credo, senhores, em religião ultramarina; e como seu epilogo destinado a servir de confusão, quando não seja de emenda, que a patria de Camões, sempre avara em galardoar os filhos que a illustram ou pelo seu genio ou pela sua intrepidez, não hesite em conferir honrosos titulos de gloria aos que affoutos correm, devotados, a expor a sua vida nos sertões da Africa em prol da civilisação, da sciencia e do progresso da humanidade.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

QUARTA CONFERENCIA

POLITICA DE PORTUGAL

NA

AFRICA

PELO SOCIO EFFECTIVO

JOSÉ MARIA DA PONTE HORTA

Digitized by Google

Digitized by Google

Senhores!

Ha dois annos que me foi concedida a insigne honra de vir esboçar ante esta Academia e o publico, o quadro historico, qual m'o haviam debuxado na mente o estudo e a observação, das successivas phases que desde o seu alvorecer para Portugal até aos modernos tempos haviam experimentado as colonias, que na Africa ainda reconhecem o nosso legitimo dominio.

E de industria tive por dever em tão solemne conjunctura, formular com apaixonado dictame as sinistras apprehensões que me trabalhavam o animo, com respeito ás incertezas e obscuridades que pareciam envolver o seu mal agoirado porvir.

Aguardei, ancioso, e comigo toda esta Academia e o publico, os discursos que ácerca de tão momentoso objecto nos haviam annunciado tres dos nossos mais laureados consocios, que ao opulento thesouro dos seus estudos encyclopedicos, reuniam a feliz circumstancia de terem gerido, com responsabilidade official, os negocios attinentes á administração das colonias patrias.

Esperava-se com justificado fundamento que de tão auspiciosas lições, onde a sphinge africana deveria ser interrogada com magistral desassombro, e por ventura esclarecida sob mais de um as-

Digitized by Google

pecto scientifico, se podessem recolher uteis ensinamentos que illustrassem a razão, e servissem ao mesmo tempo de guia e de conselho aos poderes publicos no desempenho da sua ardua tarefa colonial.

Demais, haviamos por sobremaneira instructivo ante a historia e a moral da época, o presenciarmos a luminosa contenção de principios, que os modernos factos suscitavam forçosos, entre um antigo ministro da corôa e um eminente escriptor da India, que a politica fundira um instante, por mercê do talento, na mesma individualidade. Reputavamos singular fortuna, talhada de molde para futuros ensinamentos, suppondo que se houvesse por util o alargar a esphera d'estes estudos coloniaes até ao exame do futuro provavel da nossa India, o vêr acareados perante o recente tratado diplomatico, que regulou os haveres e a existencia d'essa parte da monarchia, a que de longe tem andado vinculada a melhor pagina da nossa historia, dois ex-ministros da corôa portugueza, nossos collegas e dos mais conspicuos, que ostentando-se hoje solidarios na mesma responsabilidade, tanto pareciam discrepar hontem nos seus propositos e alardos.

Doendo-nos vivamente o ver circular na opinião publica conceitos deslustrosos sobre o valor e o alcance de um tratado, a cuja feitura deveram presidir, e sem duvida presidiram, os mais extremes e delicados escrupulos de um patriotismo austero, concitava-nos a estima e respeito que nos merecem em alto grau os nossos illustres consocios, cujos nomes se acham enlaçados á existencia d'aquelle tratado, que os impellissemos a virem contrastar á luz do dia tão adversa opinião, demonstrando com peremptorios e irrefutaveis argumentos, que tal convenio diplomatico, sobre importar uma necessidade politica inadiavel, filha das condições economicas especiaes inherentes a dois paizes amigos e affins, em nada affrontava a soberania nacional, nem ia de encontro aos preceitos do justo e do util, pelo seu irreprehensivel caracter de mutua e reciproca utilidade.

Fôra realmente consolador, senhores, ante os signaes da épo-

Digitized by Google

ca, o adquirir-se o convencimento de que Portugal, nação briosa por excellencia, não houvera descido tanto que fizesse, como a muitos se affigura, artigo de mercancia de suas mais venerandas reliquias de familia. E se assim fôra, que não será, que acerba e lancinante ironia dos tempos! Hontem ainda possuidores do vasto imperio do oriente, dilatando-se quasi indiviso desde o golfo Persico até ao Euphrates e ao Tibre, e desde as margens do Ganges até ás fronteiras da China e do Japão, e hoje desapossando-nos, filhos irreverentes e desnaturados, no mysterio das chancellarias, do pouco que ainda nos restava de tão avultado patrimonio, n'essas doiradas regiões que o sol visita primeiro. E affirmam os melancolicos, se não tambem os fatalistas, que o moderno tratado com respeito á India portugueza, accusando um facto necessario na ordem dos successos historicos, vinha confirmar ao longo do tempo os tristes vaticinios do grande D. João de Castro, que ao depôr a terrena vestidura que lhe havia dado a fórma e a caducidade, previra pelo espirito, já illuminado por uma segunda aurora, a fatal decadencia da patria, de que elle se ia despedindo, e julgando.

Porém, senhores, o estudo sobre a India, qual a formaram os modernos eventos, é completamente estranho á nossa these; e se d'ella e dos suppostos males que lhe impendem, graças aos ardís da diplomacia contemporanea, nos occupámos um instante a titulo de introducção ou de preliminar, foi para desafiarmos a palavra de quem poderia, e logrará de certo com a sua competencia e auctoridade, dissipar do espirito publico as negras miragens que o opprimem; e foi tambem por nos julgarmos solidarios com a patria, em todas quantas fortunas ou desgraças vão entretecendo a sua historia.

E se até agora, senhores, circumstancias imperiosas determinaram que a voz eloquente dos nossos consocios inscriptos para discretear ácerca de assumptos coloniaes, não podesse inda ser ouvida no seio d'esta Academia, não é licito, todavia, descoroçoar, por que para tão subidos engenhos, o que se affigura hoje como impossivel, volve-se ámanhã facil e pratico.

Digitized by Google

E com os inestimaveis subsidios da sua palavra e dos seus conceitos contavamos nós, para havermos de proseguir com a desejavel continuidade n'esta serie de estudos em que andamos empenhados, não como these rhetorica offerecida á controversia de lettrados ociosos, ou como assumpto de occasião, hoje esmaltado pelos prestigios da moda, se não como lemma nacional, a que mui de perto andam vinculados os mais caros interesses da patria.

No enredado trama dos problemas sociaes que trabalham o espirito e estimulam a actividade da moderna geração, o problema de regenerar a Africa pelos processos europeus, é porventura d'aquelles que à todos sobreleva e domina, pelo seu duplo caracter de interesse economico e de cruzada philosophica em favor do progresso, e do bem de uma porção avultada da familia humana, que ainda hoje jaz sepulta nas trevas da ignorancia e do obscurantismo.

É na Africa, senhores, que reside pelo consenso de todos a reserva do futuro na ordem da abundancia e da riqueza, e dos mil interesses sociaes que lhes andam annexos, e bastara-lhe esse titulo virtual para explicar a anciedade e os enredos com que as nações mais poderosas do globo teem á porfia, ora por processos generosos ora por expedientes de violencia, procurado sequestrar em seu favor esse thesouro de generosas messes, até ha pouco subtraido á cobiça humana.

Porém como a Providencia, lei moral que preside consciente a toda a evolução historica, vae sempre seguindo o seu caminho, a despeito dos estorvos ou embaraços que o arbitrio humano lhe possa contrapor, a civilisação da Africa rebentará forçosa e necessaria, como luz redemptora, do seio d'esse conflicto de interesses e ambições, em que se estão degladiando, por seu intermedio, os povos que se dizem colonisadores por excellencia.

E com quanto seja exclusivamente economico-politico o nosso empenho, que mais visa a inculcar dictames de sabedoria, do que a propor expedientes de força, que podem acaso ser remissiveis

Digitized by Google

n'um dado momento da historia, mas que devem ser banidos como immoraes e ephemeros n'um systema de colonisação honrado e civilisador, não nos eximiremos todavia a exhibir n'este logar a avolumada lista das grandes monarchias africanas, para que fique bem averiguado e preceptivel, quanto sobreleva em difficuldades a obra da colonisação e renovamento da Africa do sul, ás que outr'ora se venceram em identico empenho na Australia, na Nova Zelandia, e nas pequenas colonias que deram origem á brilhante federação da America do Norte. Aqui tratava-se apenas da conquista do deserto ou do quasi deserto em favor da civilisação. Os bandos errantes dos australianos, os indios espalhados por toda a superficie da America, os maoris da Nova Zelandia não podiam contrapor uma resistencia séria e efficaz ás invasões do progresso, que em sua força de expansão mal podia transigir com esses monopolios geographicos, que davam a poucos, com detrimento de muitos e da fortuna commum, a posse de tão dilatados quanto inuteis espaços. Na Africa as condições sociaes relativas são absolutamente diversas, senão oppostas. A raça africana não recua ante a raça branca, e a população negra, ao menos na vasta zona dos lagos interiores, é tão densa como pode ser a das regiões mais povoadas da terra. E estas ponderosas circumstancias, que muito valem por si, sendo combinadas com a violencia natural do clima dos tropicos, sob cujo imperio tendem sem cessar ao enfraquecimento e logo á esterilidade, as compleições mais robustas e viris da gente européa, sequer nas zonas proximas do littoral maritimo, tira á Africa do sul em certa maneira o caracter de Eldorado para o proletario europeu, e nega-lhe ácinte a esperança de poder realisar ahi, sob tão dura e mortifera gleba, os milagres conseguidos outr'ora nos desertos da Australia.

Para leste e oeste da grande peninsula africana, ao sul do equador, enxameam populações organisadas em estados mais ou menos regulares e independentes, com quanto todos maculados com o stygma da escravidão, porque tal parece ser a norma social de todos os regimens politicos elementares, onde a noção do di-

Digitized by Google

reito, oiro ainda escondido na ganga, mal tem podido offuscar o brutal direito da força. Taes o reino de Uganda, cujo rei M'tesê governa absoluto, e não sem lustre relativo, sobre uma população de cerca 5 milhões de almas; o reino de *Roua* ou de *Rouanda*, cujo monarcha Cassongo vê os seus vastos dominios estenderem-se populosos por todo o sul e sueste da grande bacia equatorial da Africa; o reino de Mallega, a oeste do lago, subordinado á vontade suprema, que é lei, do rude preto chamado Kadjoro; o reino de Ounyoro que abraça toda a costa oriental do lago, desde as famosas cataratas de Murchison, até M'pororo; o reino de Ousongora, tão celebre pelas suas riquezas minerias; o reino de Karagwé, ao sul do lago, onde teem encontrado franca hospitalidade os viajantes europeos nas suas frequentes relações com o velho rei Roumanika; o reino de Ourando, de Ousoni, e alguns outros, cujos registros de população accusam para cima de 3 milhões de almas; não devendo porém esquecer n'este quadro apenas esboçado das monarchias africanas, o grande reino dos Moluas a oeste do lago Tanganyka; e o famoso imperio da Lunda, no centro do grande continente, entre os lagos Banguello e Moero, havido pelos sabedores por um dos mais poderosos de toda a Africa do sul, e que primeiro foi denunciado á Europa maravilhada pelo viajante portuguez, o dr. Lacerda. Em todos estes estados as hecatombes humanas são ainda consideradas como uma necessidade politica, inherente ao prestigio e conservação dos despotas reinantes.

Se do rumo oriental dos lagos alongarmos as nossas vistas para o lado do horisonte onde o sol se esconde, e mais designadamente para o percurso da grande curva que traça o Zaire, não se nos depararão ahi imponentes estados que venham fazer equilibrio, de certo modo, ao espesso viveiro de populações negras que enxameam como rãs ou formigas, na phrase pittoresca de Platão, em torno dos grandes lagos centraes da Africa, essa Suissa dos tropicos, onde parece residir o centro de gravidade de toda a população africana, e d'onde devem irradiar, admittidos os prognosticos da sciencia, os germens regeneradores da Africa do futuro;

Digitized by Google

sendo demais, senhores, que taes populações, em geral antropophagas e selvagens, ao revés dos grandes estados, mais se governam em sua autonomia, pelo conselho dos antigos ou pelo arbitrio e alvedrio de cada um, do que propriamente por qualquer regimen politico bem definido e caracterisado. E se quizermos, transpondo o equador, olhar para o nascente da Costa d'Oiro, o quadro volver-se-ha de novo sombrio e repugnante; porque ahi se nos depararão diversos estados, onde o absolutismo inda impera na sua mais cruenta e brutal ferocidade. Taes o paiz dos Achantis de recente nomeada, o celebre paiz de Dahomey onde em tempos que já vão longe, mais pelas mutações da historia do que pela influição do kalendario, nós exercemos poderosa e util influencia, que em breve cessará de todo ante os ardís dos nossos emulos na Africa, tal o paiz dos Jorubas, e alguns outros de menor tomo e ponderação. Para o sul dos Camerons a familia africana acha-se por tal modo subdividida e fraccionada, que não é difficil contar para cima de 10 tribus independentes, fallando seis linguas distinctas, no apertado cingulo de dois graus equatoriaes. E em todos os rumos em que tem sido percorrido e devassado o continente sul africano pelos antigos e modernos viajantes, a constituição social das gentes pretas não desdiz um apice dos exemplos que levamos considerados. Ou em pequenas tribus independentes e soberanas, ou em tribus independentes, porém ligadas entre si por certos laços politicos e de federação, ou em grandes nações governadas por monarchas absolutos e irresponsaveis, ou ainda por monarchas assistidos de um conselho de grandes, tão despotas e arbitrarios como os proprios chefes, a Africa do sul nas suas differentes fracções sociaes, fluctua ainda inconsciente entre o poder de muitos, o que leva sempre á anarchia e ao anniquilamento, ou sob o poder de um só, o que conduz fatalmente ao despotismo, á violencia, e por fim á extincção de todas quantas energias e grandezas podem nobilitar o homem e as sociedades.

E sem embargo, senhores, a civilisação qual a conhecemos, não recua ante o glorioso problema que se lhe acha commettido,

Digitized by Google

e que parece symbolisar a feição da moderna época, de conduzir as gentes d'Africa ao convivio dos povos cultos. No apercebido arsenal da sciencia contemporanea ha instrumentos para todas as obras, e processos para todos os lavores. Assim como no mundo physico, os phenomenos sociaes obedecem a leis impreteriveis e necessarias. Imprimi um esforço em certa direcção, e ficae seguros que a despeito dos estorvos mais ou menos complicados, cuja causa nem sempre é dado á historia o deslindar, o impulso effectuará o seu trabalho util, porque nada se perde ou inutilisa na sabia mechanica do universo. E esse esforço civilisador com respeito á Africa, acha-se dado por mãos poderosas e jámais hesitantes. E se não o crêdes, attentae bem no fervor, na prodigiosa accumulação de meios, e na inquebrantavel insistencia, com que uma grande nação, a Inglaterra, que é espelho e exemplo do mundo, tem procurado sublimar-se na historia, pela famosa cruzada que emprehendeu, e em que prosegue, contra o monstruoso trafego da escravatura, que era a macula da nossa especie, e dava o affrontoso criterio dos nossos velhos methodos de colonisação.

E defendendo causa tão humanitaria com factos e quantiosos dispendios de tempo e de cabedal, e não com vãs rhetoricas, que são a arma ou o recurso dos fracos, não advogava ao mesmo tempo aquelle grande povo a causa dos seus interesses, fundando em justos titulos uma preponderancia incontestavel no seio do continente africano? Propugnar pela extincção da escravatura não equivalia a ir ferir, na sua propria origem, o trabalho estranho em proveito do trabalho inglez, tão elastico e expansivo, que só por si bastara, com o auxilio da mechanica, essa alavanca colossal que tudo vence e multiplica, para occorrer em grande parte ás necessidades mercantis do globo? E intervir directamente na economia interna das colonias estrangeiras, que haviam assento na Africa, sobcolôr, senão proposito, de ir moralisar o commercio e de fazer a ronda e policia dos mares, não era, á parte a intensão civilisadora, o proporcionar-se azado ensejo para estudos e relatorios

Digitized by Google

politicos que deviam ter a sua hora util; e sobretudo para calculos mercantis, cujo alcance e applicação já se vão entrevendo?

Emprehender uma guerra contra a Abyssinia, tão laboriosa quanto arriscada, não seria dar testemunho de que o predominio na Africa, do norte ao sul do equador, era e vae sendo o principal objectivo das combinações politicas e mercantis da Inglaterra? Exercer uma acção directa e perponderante sobre o Egypto, e como seu natural complemento, escudar com a sua intervenção politica, logo renumerada, os futuros destinos da Turquia, não importaria o ganhar lustre e auctoridade no seculo, e com elles, direito e facilidades para haver de intervir como arbitro supremo na forçosa e imminente partilha dos thesouros africanos? A moderna annexação do estado livre do Transvaal aos dominios da corôa ingleza, sob pretextos mais ou menos plausiveis, não testemunhará quão pouco valem melindres de direito, e preceitos de justiça ante a seducção dos interesses e a risonha perspectiva de engrandecimentos nacionaes?

Sublime, porém caduca humanidade, senhores! que a philosophia antiga, copiando-a do natural, symbolisou com tanta sagacidade por um idolo informe com cabeça de luz e pés de barro! Attentae bem, senhores, e vereis sempre, quer seja no conflicto das sociedades entre si, quer no pleito dos individuos, o realismo dos interesses oppugnando e levando de vencida o espiritualismo do direito e a religião sagrada da justiça.

Porém há mais, senhores, porque o processo ainda não vae findo. A historia tão illustrativa quanto pittoresca da Inglaterra com o estado livre de Orange, não porá acaso de manifesto quanto pode, sob a invocação de levantados e generosos principios, a arma do interesse na mão astuta de habeis e lusidos esgrimidores! A moderna acquisição da villa de Quitonú, e a interferencia directa nos negocios internos de Porto-rico, com o que se vão arredondando e engrandecendo as já extensas possessões inglezas nas costas da Mina e de Benin, não accusará resoluta firmeza no mesmo proposito, e indefectivel continuidade na mesma intenção?

Digitized by Google

A recente contribuição de guerra lançada sobre Dahomey, que se importava pouco em si, pelo minguado do seu *quantum*, muito valia pelos privilegios e isempções com que n'essa pendencia ficava beneficiado o commercio inglez, não será acaso um reflexo vivo do mesmo pensamento fundamental? O alargamento das colonias do Cabo e do Natal com a Cafraria, com os paizes de Nama-kwa e dos Basutos, e depois com o Gri-kwa, e mais tarde com o Transvaal ao sul do Gariep, e por fim com a Zululandia que vae ligar pela costa o antigo Natal ao moderno Transvaal, dando assim ás possessões inglezas ao sul e leste do continente africano a continuidade physica de que careciam, não será acaso um testemunho eloquente da mesma concepção originaria? As viagens e contra-viagens de missionarios, politicos, geographos e exploradores inglezes em todas as direcções e rumos do continente africano; as relações frequentes e amigaveis com o sultão de Zanzibar, em cujos territorios vae a Inglaterra assentando a engenhosa machina, do jogo da qual virá a carecer, para n'um futuro não remoto conquistar dominio exclusivo na fertilissima e tão cobiçada região dos lagos interiores; as suas multiplices missões catholico-politico-commerciaes, enviadas quasi sem cessar ao interior do continente africano, e constituidas a preceito, de missionarios, de officiaes de marinha, de medicos, de engenheiros, de carpinteiros, de ferreiros, de agricultores, de tecelões, de impressores, e de outros activos agentes do trabalho; quaes d'ellas suggeridas pela propria inspiração do governo, quaes subvencionadas e abastecidas por varias associações religiosas, como a *Church Missionary Society*, a *London Missionary Society*, a *Free Church of Scotland*, a *Established Church of Scotlad*, e algumas outras, não significarão acaso actos concordantes da mesma impulsão, processos conducentes a levar a bom termo os almejados sonhos de soberania na Africa? A resistencia obstinada por parte da Inglaterra á fixação definitiva dos limites meridionaes da nossa Africa oriental; o novo principio de jurisprudencia internacional descoberto pela Grã-Bretanha, e logo por ella invocado, para servir de base ás liquidações contenciosas sobre o direito de

Digitized by Google

propriedade, com offensa de toda a especie de titulos, ou sejam legitimados pela prioridade, ou adquiridos pela victoria, ou sanccionados pelo tempo, da *occupação effectiva e real*, sob pena de prescripção, dos territorios constitutivos das colonias ultramarinas; a contumaz oppugnação, sem duvida mais especiosa do que justa, que a Inglaterra tem offerecido ao reconhecimento official do nosso direito á posse absoluta da foz do rio Zaire; a tentativa de federação tão inculcada pela imprensa ingleza, e tão vivamente encarecida pelos seus apostolos mais fervorosos, de todas as colonias dos estados europeus, ao sul da Africa, sob um só *dominion* adstricto e subordinado á corôa ingleza; e por fim a formula tão arrogante quanto expressiva, e demais inquietante, por importar uma synthese e uma ameaça, da acquisição absoluta para a Inglaterra, assim como vão inculcando os seus homens politicos, e as suas poderosas associações mercantis, de toda a Africa do sul, desde as alturas do equador, até á foz do Zambeze?! Tudo isto, senhores, não serão porventura eccos do mesmo som, revelações do mesmo pensamento, corollarios da mesma lei? E não põem de manifesto todos estes e outros factos, que já hoje são do dominio da historia, que a orientação do moderno mundo vae no sentido da Africa do sul?

E diz-se, e apregoa-se, senhores, que o preto pelos seus caracteres anthropologicos parece ser a obra menos aprimorada da creação:

«Vita ferae similis, nullos agitata per usus
Artis ad huc expers et rude vulgus erant»

que a sua civilisação propriamente autochthona é nulla; que as suas instituições politicas e sociaes são rudimentares ou despoticas; que as suas obras philosophicas não existem, que a sua litteratura e artes são menos que nullas, porque são grotescas; que a sua religião é absurda e grosseira, toda entretecida de idolos e de superstições, e não raro maculada com o sangue humano; que pela sua rudeza e incultura primitivas a Africa do sul parece achar-se ainda na sua edade paleolithica; que a ordem, a paz, a

Digitized by Google

legislação, a vida culta, o estado civil e policiado, a religião que eleva a alma, o sentimento do bello que ennobrece a especie, o respeito pela lei, sem o qual tudo é anarchia e confusão, e emfim a consciencia do dever onde se vão fundir e esmaltar as qualidades mais primas e elevadas do cidadão, tudo é lettra morta, ou ainda grosseiramente esboçada nos aridos plainos da Africa do sul: e d'aqui pretendem inferir os philantropos, senão tambem os politicos e os utilitarios, que a Africa do sul pode e deve ser expropriada por mãos vigorosas no interesse da communidade, uma vez que as aptidões dos seus aborigenes sejam havidas por incompativeis com as leis do progresso e da evolução humana; e logo a insinuar-se, que sendo a Inglaterra o grande povo por excellencia na hegemonia dos povos modernos, aquelle que reune ao heroismo dos spartanos e á inflexibilidade dos romanos, a caracteristica perseverança da raça anglo-saxonia, aquelle que já hoje reina sobre um sexto da população do globo, e que pondera, soberano, n'uma extensão do planeta de cerca $^1/_{10}$ da sua superficie; aquelle que realisa n'esta hora do tempo a soberba grandeza do imperio romano nos aureos dias de Octavio e de Constantino; aquelle que dirige em grande parte os destinos do mundo moderno do fundo da sua ilha encantada, especie de Thebas de mil portas, que todas e cada uma representam portos de navegação, centros de actividade commercial e politica, focos de influencia e de expansibilidade no mundo, que é á Inglaterra que pertence pelo consenso da opinião, que tudo vale hoje, o direito, senão o dever, de se apropriar da Africa e de a explorar em seu favor, com tanto que haja de a civilisar e de a volver digna de figurar em breve na honrosa tabella das regiões cultas e policiadas.

E nós, senhores, a protestarmos com todas as energias do nosso patriotismo contra tão orgulhosa e arbitraria decisão?! E nós, senhores, a protestarmos, como filhos legitimos do progresso que somos, e a quem não faltam titulos nem pergaminhos no livro heraldico da historia, contra a absorvente pretensão d'aquelles que nos vieram a succeder como obreiros, illustres sem duvida, porém retardios,

Digitized by Google

na ordem do tempo, e que amesquinhando ácinte a nossa capacidade e aptidões para obras de colonisação, de que demos e estamos dando honrados e inequivocos testemunhos, pretendem sobre o nosso descredito assentar indivisa a sua influencia no seio da Africa, onde de longe temos historia e dominio: e accrescenta-se demais, talvez para cohonestar no futuro alguns projectos de usurpação que já se pressentem no ar, e em que não são muito escrupulosos os que se arvoraram em arbitros e dictadores do mundo; que nós, na Africa, apenas conseguimos armar o thear, porém que não soubemos urdir o estofo. Como se a verdade, senhores, não estivesse ahi a protestar contra semelhante heresia historica, pelo ecco das innumeras expedições realisadas pelos portuguezes através do continente africano; pelo numero e fama das explorações politico-religiosas que effeituaram, das conversões que conseguiram, das feitorias que assentaram, e do predominio que exerceram no reino do Congo, em vastos tractos da Africa occidental e oriental, na região dos lagos, e em uma serie quasi ininterrupta de pontos estrategicos comprehendidos entre os dois grandes oceanos; pela voz eloquente dos roteiros e cartas que ainda hoje servem de fundamento aos modernos geographos, com que os portuguezes dos seculos XV e XVI e dos tempos mais achegados a nós, devassando o segredo do misterioso continente, ministraram á sciencia geographica inestimaveis subsidios, que ampliados e rectificados hoje pelos modernos estudos, lhe deram esse caracter de sciencia exacta que ella hoje reveste, e que nos deve em grande parte: e ainda, senhores, pelo estado relativamente prospero de algumas das nossas colonias africanas, em que pese aos nossos emulos e detractores; e emfim, pela honrada solicitude que vamos pondo na obra do seu engrandecimento e do seu progresso.

E com quanto, senhores, não ignoremos que algumas d'ellas ainda enfermam por exhaustão de forças e pobreza de sangue; e que mal lhes tem sido dado o poderem erguer-se de todo, do estado de abatimento, a que as havia conduzido o monstruoso regimen da escravatura, que por largos annos foi a norma alimenti-

Digitized by Google

cia de toda a Africa tropical; não é menos certo que n'este ponto de philosophia colonial ninguem pode atirar com a pedra ao seu visinho: e que se modernamente algumas nações, e entre ellas a poderosa Inglaterra, muito se tem empenhado, mudando de processos e de objectivo, em fomentar as riquezas naturaes, e elevar o nivel intellectual e moral das suas colonias africanas, não é a Portugal que podem caber merecidas censuras, por não ter sabido ou não ter podido, fazendo honra ao seu tempo, propiciar com adequadas e generosas providencias, o lustre das suas colonias e a exploração das principaes fontes de riqueza e de commercio, de que ellas guardavam a posse e o segredo.

Poderá porventura não ter sido sufficiente o que hemos posto por obra em tão nobilissimo proposito. Poderá nem sempre ter sido equiponderada em justa equação, a grandeza dos fins a conseguir com a efficacia dos meios empregados. Poderá com mais ou menos plausibilidade imputar-se-nos a culpa de não havermos por todos os meios possiveis, assim directos como indirectos, e sobretudo de propaganda, em que reside o segredo dos successos modernos, promovido, com insistencia e continuidade, uma larga corrente de emigração de colonos portuguezes, d'aquelles ao menos que seguem actualmente, ao nuto da rotina, outros rumos e destinos, para os uberrimos e convidativos plan'altos da nossa Africa do sul. Poderá talvez accusar-se-nos de não havermos senão tarde, ante a estreitesa forçada dos nossos meios pecuniarios, fomentado a viação quer terrestre quer fluvial, dentro e entre os dominios que constituem o nosso vasto maiorado na Africa do sul, e tão vasto que theoricamente se pode considerar como abrangendo, com raras descontinuidades, toda a zona média do continente africano, desde as costas do Atlantico até ás orlas do oceano Pacifico. Poderá ainda lançar-nos em rosto a cargo de descuido, se não de imprevidencia, o não havermos, ante a febril curiosidade que tem compellido modernamente tantos missionarios da sciencia e do commercio para o seio do continente africano, tornado bem patente e posto em franca exposição accessivel a todos, o thesouro das des-

Digitized by Google

cobertas de longe effeituadas pelos nossos maiores n'aquella região do planeta, outr'ora e até ha pouco quasi exclusivamente lustrada pelos exploradores portuguezes, a fim de que se não dessem, como se tem dado, frequentes duplicações de descobrimentos, que tem vindo baralhar, perante a verdade e o direito, os titulos do povo portuguez á gratidão da historia, e o que mais é, á legitimidade da posse do que elle soube descobrir pela sua audacia, conquistar pelo seu esforço, e firmar pela sua politica.

Poderá ainda censurar-se-nos com visos de razão, por não havermos sabido povoar as nossas colonias africanas, se não com a escoria da sociedade portugueza e com os reprobos de todas as classes e profissões; e de proseguirmos ainda sem correctivo n'esse funestissimo processo de colonisação official, que applicado sem discernimento nem intenção regeneradora, e só por mero expediente de rotina, a todas as nossas possessões africanas, vae macular o seu presente, sem dar se quer a menor garantia sobre o seu futuro. Com um semelhante processo de innoculação da seiva portugueza no seio do corpo africano, podem acaso ganhar as colonias em colonos, mas perdem em nivel moral, em honra e probidade no lavor quotidiano dos seus negocios, em exemplos de caracter e independencia, e emfim em virtudes civicas e sociaes, vindo d'esta arte a perder-se em qualidade, e com grande deficit, o que porventura se vae ganhando em quantidade. As nossas proclamadas vergonhas no centro da Africa do sul, de que os viajantes estrangeiros se teem constituido arautos apaixonados, tem causa unica n'esse deploravel methodo de colonisação official, que importa aos nossos brios e ao nosso interesse ou abolir de vez e para sempre, ou pelo menos restringil-o a determinada área, subordinando-o a preceitos rigorosos e moralisadores. O reprobo deixado a si proprio, como é a regra nas nossas colonias, ou se vende ou trafica com a honra, ao nuto da ganancia, por que o interesse é o unico movel capaz de estimular as suas consciencias embrutecidas.

Além de que, as colonias portuguezas constituindo pelo nosso codigo organico uma parte integrante do territorio nacional, não

Digitized by Google

podem nem devem, sob pena de discredito official, ser condemnadas a servir eternamente e sem distincção, de vil escoadouro para os criminosos da patria.

Poderá tambem irrogar-se-nos a censura, aliás cabida em certa maneira, de não havermos sabido fundir n'uma intima e correcta unidade nacional, como se acaso se tratasse de dois seres diversos, ou de duas individualidades organicas profundamente distinctas, a vida, os sentimentos, as aspirações, e a economia da metropole, com as aspirações, a economia, os sentimentos e a vida das colonias. Tudo por assim dizer leva o cunho de desconnexo ou de mal unido nas mutuas funcções de relação entre a metropole e as colonias. A força publica do ultramar é estranha, se não hostil á força publica da metropole. O soldado que em Portugal defende a patria com ardor, nem está unido, nem fórma systema com o seu irmão de armas que peleja glorioso na Africa do sul, sob a invocação do mesmo dever. O official portuguez que vae para a Africa, antes obedece a um calculo de interesse, do que a uma impulsão do patriotismo. A magistratura judicial e o funccionalismo civil seguem de perto a mesma norma, e se se decidem a ir tomar parte na trabalhosa lida dos negocios africanos, é antes com a mira nos seus accrescentamentos pessoaes, do que propriamente para haverem de adquirir fama e gloria no serviço da patria em pontos arriscados e perigosos. Transviada por semelhantes apparencias de desconnexão e de frieza relativa, que admira que a opinião publica haja sempre considerado o serviço nas colonias como um encargo que se pode illudir, ou como um lucro que se deve explorar?! Fundir por tanto colonias e metropole n'uma vigorosa unidade politica e economica, accordar em todos o sentimento vivo de que nas colonias residem as tradições mais gloriosas do nosso passado, a razão de ser do nosso presente, e as esperanças mais caras do nosso porvir, é propiciar a um tempo os nossos interesses politicos e sociaes, e dar eloquente testemunho de quanto podem em portuguezes os compromissos derivados do fundo da historia.

Porém attentae bem, senhores, que todos estes e outros re-

Digitized by Google

paros com que poderiamos ir aggravando, e de certa maneira invillecendo, a gerencia official das nossas colonias africanas, em nada obscurecem ou deslustram a bizarria com que hemos dotado o nosso ultramar com uma legislação liberal e generosa, com que hemos promovido a troco de sacrificios, muitas vezes imprudentes ou excessivos, a cultura na possivel escala das innumeras riquezas de que se soppunha depositario o seu solo, e com que hemos emfim, associando-nos d'alma e de coração á um proposito altamente civilisador, que a historia registrou com applauso, procurado radicar a todo o custo, á sombra de leis beneficas e protectoras, o trabalho livre no seio da nossa gleba africana.

A actividade febril, impetuosa, irresistivel é o caracteristico dominante da nossa época. Tudo se perquire, investiga e devassa. Tudo se submette ao incontrastavel *veredictum* da analyse e da critica. Instituições, dogmas, legislação, moral, e politica, tudo se pondera e refaz nas balanças e cadinhos da moderna sciencia. O ideal do espirito humano vae no sentido da philosophia positiva. N'esta hora avançada da civilisação, povos e individuos, como que presentindo ignotos destinos, acham-se trabalhados por uma grande anciedade de saber. Em face de tão vivo e irrequieto tumultuar, dir-se-hia que já vinha raiando no horisonte uma nova aurora de um novo dia. Folheando com mão segura os archivos da nossa especie, o espirito humano restaura integralmente na scena do mundo o estranho e magestoso vulto do passado com todas as glorias que o honraram, e tambem com todas as maculas que o aviltaram, e foram preparando, como lição que se não perdeu, as mutações successivas na diuturnidade da historia. Desentranham-se do fundo do tempo as ruinas que foram outr'ora grandezas humanas, e interpretando-as á luz da sciencia, dá-se-lhes o logar que lhes coube na remota hierarchia das civilisações extinctas. Decifram-se os pergaminhos já quasi oblitterados da nossa especie, e com elles se authentica a ancianidade da familia humana, e o laço harmonico que a prende ás transformações geologicas do globo. E ainda se vae mais longe, senhores, porque transpondo os secu-

Digitized by Google

los mentalmente, procura-se glorificar o dogma do progresso, dando-lhe a sancção da natureza, com os lemmas tão audaciosos quanto brilhantes de uma certa philosophia, que funda no transformismo das especies o antigo e sempre novo painel do mundo. Erguem-se á luz do dia do subsolo da historia, onde o tempo os afundara, todos quantos documentos, memorias e illustrações vão compondo e avolumando a biblia da sabedoria humana. Em todos os sentidos em que a actividade scientifica se podera exercer, lá encontrareis fervorosos obreiros, que affrontando perigos, desdenhando os ocios e por vezes tambem os confortos do lar, honram as energias da nossa especie, e vão accrescentando com o inestimavel obulo do seu genio e perseverança o thesouro commum da familia humana.

Parar é morrer, proclamava ha poucos annos em energica e eloquente synthese, do alto da tribuna portugueza um eminente estadista, que havendo-se compenetrado vivamente do espirito da sua época, resumia n'aquella memoranda formula, que era a expressão mais genuina do sentimento publico, o appello ás forças vivas e ás energias do paiz, que de longe andavam desbaratadas em estereis e pertinazes contenções. E aquella tão opportuna formula foi a divisa de um grande e energico partido, que teve a sua hora gloriosa nos destinos da patria. *Parar é morrer*, dizemos nós tambem agora, e porventura com egual fervor e enthusiasmo, e dizemol-o com especial applicação á nossa Africa, onde existem incentivo para grandes commettimentos, materia prima para largas laborações, e vasto horisonte para lustrosos feitos. Ou civilisar as nossas colonias, ou perdel-as, tal é o *fatum* ou a lei que se impõe á nossa meditação.

E nós, senhores, que valemos principalmente no mundo pela nossa historia, e pelos afortunados descobrimentos que lográmos realisar com assombro publico nas diversas latitudes do globo, mal podemos consentir que se amesquinhe a nossa significação, e se mutile o nosso ideal, reduzindo-se-nos á modesta, se não humilde condição, de um povo honesto embora, porém relegado como inha-

Digitized by Google

bil para o estreito rincão da Europa, onde tremúla a sua bandeira. Somos uma nação essencialmente expansiva, e Deus louvado, tambem orgulhosa; e com semelhantes qualidades mal iria á nossa indole e aos nossos timbres, o vermo-nos desapossados ou por astucia, ou por sentença formulada em qualquer tribunal estranho, do que significou hontem a nossa gloria, e deve constituir hoje a nossa esperança. E para que não se ministrem pretextos á opinião publica sempre álerta, que venham a traduzir-se afinal em vergonhas nacionaes, é que nós insistimos com todas as nossas forças no patriotico brado, de que com respeito á Africa portugueza, *parar* significa *morrer*. E aqui a morte seria dupla; porque fôra morrer com ignominia, visto não termos sabido acautelar thesouros que nos foram confiados, nem comprehender responsabilidades que importavam deveres de honra.

Porém como nos comprirá proceder para com a Africa, ante as compulsorias intimações da época, por fórma a conquistarmos com justos titulos os applausos do presente e os respeitos do futuro? É o que nós examinaremos com a necessaria individuação em logar opportuno. Por agora limitar-nos-hemos a relembrar que d'um extremo ao outro da Europa, se deu rebate para ir á conquista do mal estudado continente africano; e que n'esta nobre cruzada em que andam empenhados monarchas, governos e associações, tem occupado o logar de honra a nação colonial por excellencia, aquella que mau grado ciumes e competencias, mais tem concorrido para arreigar no mundo os sacrosantos principios da liberdade, e os dogmas salutares da independencia humana.

Assás nos temos familiarisado, senhores, com os nomes dos intrepidos missionarios da sciencia, que do norte ao sul do Equador teem lustrado com as suas narrativas e descripções, a região da terra comprehendida entre os dois tropicos.

Os Barths, os Nactigales, os Browns, os Schwemfurths, os Abbadies, os Piaccias, os Mianis, os Bakers, os Chaillous, os Halevys, os Gordons, e mil outros, sem fazer excepção dos nossos, como Duarte Lopes, João Fernandes e Pedro da Covilhã, que lograram ex-

Digitized by Google

plorar a região norte tropical, não podem ser desconhecidos d'aquelles que frequentam a sciencia geographica, e se interessam vivamente por todas as conquistas e lavores do saber humano. Os Lacerdas, os Monteiros, os Silvas Porto, os Brochados, os Livingstones, os Spekes, os Andersons, os Galtons, os Bourtons, os Camerons, os Stanleys, os Serpas Pinto, os Ivens, os Capellos, que ou atravessaram o continente sul africano de leste a oeste, ou se limitaram a explorações parciaes, por ventura mais corrèctas e scientificas em varias regiões do mal conhecido continente, são nobres obreiros do progresso que teem vindo enriquecer com o fructo do seu trabalho e com a moeda d'oiro de suas investigações o thesouro, já avultado dos conhecimentos geographicos com relação á Africa. Ao precioso conjuncto de todos esses trabalhos de campo, discutidos e rectificados pelos geographos de gabinete, se deve hoje o possuirmos o quadro quasi completo, se não a photographia exacta, da maior parte do continente africano, no hemispherio austral. E coisa singular e bem digna de notar-se, senhores! A geographia actual d'esta zona da terra, qual a teem delineado os modernos descobrimentos, em pouco desdiz nos seus traços principaes d'aquella que haviam fixado em cartas que tiveram notoriedade, os geographos portuguezes dos seculos passados.

A existencia de um grande lago interior, se não vasto mar, no centro e alta região da peninsula africana, como formando a chave de toda a hydrographia d'aquelle continente; a origem e o percurso dos grandes rios da Africa tropical, entre os quaes o Nilo sagrado, a que hoje já se não pode applicar a velha sentença do sabio Lucano «*Non licuit populis parvum te Nile videri!*» O vasto Zaire, superior em extensão ao Euphrates e ao Ganges, e que vae traçando na carta do grande continente uma como ponte pensil medindo a enorme flexa de 130 leguas, e contando em largura a extensão de 300 leguas entre o lago Tanganyka, seu berço, e o oceano, seu tumulo; o trama hydrographico de toda a Africa do sul, por ventura mais adivinhado do que propriamente deduzido de observações directas e scientificas; o painel orographico de todo

Digitized by Google

ou de grande parte do continente africano, onde se vêem desenhados nos seus diversos rumos e altitudes, os systemas de montanhas que dão magestade e relevo áquelle continente; a ethnographia, a linguistica, a constituição politica e religiosa, os habitos sociaes, e a indole emfim de um grande numero das raças africanas que povoam o continente escuro de leste a oeste, não havia sido materia estranha aos estudos e investigações dos missionarios portuguezes, e nem fôra thesouro que o egoismo ou a politica subtraísse ácinte á vista interessada dos competentes ou especialistas. O tempo e o estudo vão-nos fazendo a justiça que a principio nos era denegada. E nem fôra desconhecido dos nossos geographos, como insinua o celebre missionario escocez, em um rapto de vaidade mal consoante ao seu merito real, o famoso lago Maravi ou Nyassa, que sendo a cabeça do Zambeze ou do Schire, seu principal tributario, demora na visinhança ou acha-se comprehendido na área dos nossos dominios orientaes africanos: sendo certo que nas nossas chronicas e roteiros muito se falla dos Maravis, Marimbas, Matubokas, e de outros povos que vivem aldeados em torno d'aquelle lago.

O lago Nyassa e o pequeno lago Schirwa que o excede em nivel, fazem parte da bacia hydrographia do Zambeze. Os lagos Banguelo e Moero, o Kassali e o Camolando, que demoram em latitudes altas ao poente do hemispherio, conjunctamente com o lago Tanganyka, que é o lago por excellencia de toda a Africa austral, e que mede 16 vezes o lago de Genebra, formam no entender dos mais sabedores a bacia geradora e alimenticia do grande rio occidental da Africa do sul, o Zaire. O lago Ukerewé ou Victoria Nyansa, encontrado por Speke em 1858, e o lago equatorial *Louta-Nzidjé* ou *Albert-Nyansa*, descoberto por Baker em 1864, e que representa como que o elo terminal de toda a cadeia dos lagos da Africa do sul, conjunctamente com os lagos *Alexandra* e *Kivou* de menor tomo e possança, parecem constituir nas suas relações de nivel e de rumos, a bacia hydrographica do rio sagrado do Egypto, o qual a haver de ser medido desde a pequena ribeira

Digitized by Google

Rousisi, pela latitude de 10° onde parece nascer, até ao ponto do Mediterraneo onde se vae extinguir, comprehenderá uma linha d'agua quasi continua por intermedio de lagos e de rios subsidiarios, da extensão equivalente á que separa Lisboa de Moscou.

Em todos os rios da Africa do sul se nota como caracter permanente, a existencia de grandes desnivelamentos nos seus leitos em um rumo certo e determinado, o que conduz naturalmente, com prejuizo do commercio e das desejadas facilidades para o futuro da Africa, a interrupções necessarias na navegação d'essas economicas vias de actividade mercantil e de sociabilidade entre os povos. As forças convulsivas do globo deixaram na Africa do sul assignalados vestigios da sua poderosissima acção em remotas eras. Extraordinarios esforços de torsão e compressão exercidos sobre a crusta terrestre, quando ainda mal consolidada, parecem explicar ante as inducções da moderna geologia a existencia d'esses desnivelamentos systematicos nos leitos das ribeiras da Africa.

Tal parece ser, senhores, nas suas linhas principaes e caracteristicas, o enredado e caprichoso trama hydrographico de toda a Africa ao sul do equador, trama, que por ser conhecido no seu complexo, não dispensa um estudo mais attento e circumstanciado, para haver de assumir o caracter de verdadeira conquista para a sciencia, e de virtual interesse para os futuros da Africa.

E não esqueceremos de ponderar n'este logar, como tendo intima correlação com o objecto que nos occupa, quanto fôra util, para os verdadeiros interesses dos portuguezes na Africa, que se adquirisse evidencia scientifica sobre as relações de rumos e de niveis entre as principaes linhas d'agua que vivificam aquelle interessante continente, e cujas fozes na sua maxima parte se acham comprehendidas na área dos nossos dominios. As relações dos dois rios *Cunene* e *Quanza*, que banham as costas da nossa Africa occidental, quando possiveis e realisadas, seriam de um extraordinario beneficio para o desenvolvimento do commercio interno d'aquella nossa possessão, e proporcionariam um meio facil e economico

Digitized by Google

para se haver de attingir sem custo a decantada região do Bucusso, esse Eldorado africano, onde a natureza se excedeu em prodigalidades creadoras. Deslindar com elementos seguros e scientificos a possibilidade da ligação do Zaire com o Zambeze, ou por intermedio do Liba e do Cassabi como muitos pertendem, ou por algum canal de exigua extensão e de não avultado dispendio, como outros propõem; fôra realmente obra de alto tomo e de incalculavel beneficio para nós e para as desejadas prosperidades da Africa do sul. A um futuro, e não remoto, se acha commettida a solução de tão vitaes problemas, de que pendem em grande parte os destinos africanos.

Porém a Africa, senhores, não é só a região dos vastos lagos, dos extensos rios, das temerosas cataractas, das espessas florestas, e das alcantiladas montanhas, se não tambem o paiz da abundancia, das maravilhas, dos contrastes, das surpresas, das monstruosidades.

Tudo ali nasce, cresce, pullula, alastra, altêa-se, copa-se, fructifica, multiplica-se, e morre, sob o mordente raio do sol a prumo, e d'uma benefica humidade sempre viva e renascente. A vida e a morte succedem-se vertiginosamente no grande laboratorio da Africa tropical. Dir-se-hia ao ouvir as narrativas da sciencia com respeito á Africa do sul, que se estava como sob o influxo magico d'algum sonho poetico e extraordinario. Ali gigantes e pygmeus constituindo familias, e até raças. Ali brancos e pretos, ali pretos brancos. Affirma-se que ao norte do Oudjiji se encontram familias de gente branca com o cabello castanho e encarapinhado á moda africana, vivendo como bohemios, sem domicilio certo, pelos reinos de Ounyoro, Ousoni, e Roua. O famoso monte Gambagarara, de cujo cimo eternamente nevado se dercortina o equador, é habitado por homens brancos compendiando no seu aspecto todos os caracteres da raça caucasica. Os celebres Cacequeres, de que primeiro deu noticia á Europa o nosso viajante Serpa Pinto, parecem ser um ramo destacado dos já conhecidos habitantes da encosta do Gambagarara. Os Akkas, a que se po-

Digitized by Google

dem juntar os Obbongos, e que primeiro foram encontrados por Schwemfurth, pelo parallelo de 14°, são anões, que teem o seu domicilio e fontes baptismaes nas terras da Africa do sul. Esta raça de anões, de que muito se occuparam e deram noticia escriptores da antiguidade grega, e que se compõe mais de mulatos do que propriamente de negros, é ainda um verdadeiro enigma offerecido á curiosidade humana. D'onde procederão elles originariamente? Serão acaso um phenomeno sporadico occasionado por circumstancias imprevistas e anormaes de geração, como muitos pretendem? Ou serão, como outros affirmam, especimens bem conservados de uma raça antiga aborigene da Africa, que haja resistido na firmeza do seu typo á acção persistente do tempo, ao influxo das immigrações, e ás mil causas de selecção, que vão transformando o painel da vida nas differentes latitudes do globo e nas successivas edades da historia? É o que nós ignoramos, senhores, e com nosco a sciencia que apenas vae hoje transpondo o atrio do complicado edificio dos conhecimentos africanos.

Entre os Ousongoras existe uma raça de gigantes que assombram e maravilham pelo comprimento descommunal das suas extremidades. Os habitantes da ilha de Bambiré offerecem na sua constituição morphologica o mesmo phenomeno organico. Os Wakides, que habitam as visinhanças do Equador, possuem uma raça de cães tão arrogantes e gigantescos, que muito lhe servem pelo seu tino e fereza, nas frequentes guerras em que andam envolvidos com os povos visinhos.

A Fauna e a Flora da região sul-tropical da terra que pela sua abundancia e variedade de especies e typos, podem disputar primasias com a Fauna e a Flora da America do sul, onde a natureza se desentranhou em caprichos de invenção creadora, apenas se acham lustradas pelos cultores das respectivas sciencias: e nos limitados conhecimentos positivos que actualmente se possuem com respeito a esses importantissimos ramos da historia natural africana, muito se deve aos estudos e ás publicações dos dois exploradores portuguezes, Welwitsch e Anchieta.

Digitized by Google

A meteorologia da Africa tambem não é uma sciencia que haja sido cuidadosamente frequentada pelos modernos exploradores d'aquelle maravilhoso continente. A carta meteorologica africana, sem a qual todos os futuros projectos de colonisação são ephemeros ou mal seguros, acha-se ainda por fazer. E nem a Africa, senhores, pode ser apreciada e definida sob o seu aspecto propriamente util, sem que haja noticia circumstanciada das condições especificas do seu clima nas diversas zonas, e nas revolutivas estações do anno. E tudo leva a crer, senhores, que a meteorologia africana deve ser de uma violencia e de uns contrastes assombrosos. E senão o crêdes, acompanhae-me em espirito. Concebei uma extensa zona do globo dilatando-se continua desde o tropico de Capricornio até ao Equador, sulcada por innumeras ribeiras, entre as quaes algumas de um grande cabedal e possança, que vão depositar os seus caudaes no seio de dois vastos oceanos; lagos interiores, como se foram mares, actuando pela sua meteorologia especial, pela sua enorme evaporação, pelas suas correntes internas, pelas suas frequentes tempestades, sobre o clima e uberdade das regiões adjacentes; tractos infindos de florestas impenetraveis, onde a natureza elabora prodigios, e vae, eterno alchymista, entretecendo a vida com a morte na longa noite d'esses laboratorios defesos até hoje á curiosidade humana; desertos extensissimos, que, como fornalhas abrasadoras, aspiram, nas fluctuações dynamicas a que dão causa, vivas e impetuosas correntes de ar, que em breve se volvem em subitas e medonhas tempestades; o sol a pino, requeimando com os seus raios de fogo tudo que lhe fica jacente; a terra, a agua e o ar conspirando com o fogo para imprimirem a nota dramatica nos climas africanos; as chuvas, como filhas dos grandes desequilibrios atmosphericos, sempre violentas e torrenciaes; as correntes electricas, como emanadas do perpetuo conflicto dos elementos em presença, sempre temerosas e destruidoras; e os ventos circulatorios, como resultado physico da continuidade atmospherica e da revolução do globo, sempre vivos e permanentes. E o que admira, pois, senhores, que ante o jogo de tão poderosas e efficazes energias, que

Digitized by Google

ora se auxiliam e addicionam, e ora se combatem e degladiam, a meteorologia africana haja de ser de um caracter e rigor excepcionaes? Ante a força de tão poderosos agitadores, que jámais se cançam, a face do continente africano deve estar sujeita a perpetuas oscillações. A Africa de hoje não será de certo, emquanto a clima, a Africa de ámanhã. Descriminar o permanente do transitorio n'esta eterna fluctuação das coisas, é o empenho da sciencia e o mais solido fundamento do progresso, o qual ou é uma noção vã e cerebrina que não merece conceito, ou deve então importar o successivo evolver do homem, pela transformação e aproveitamento em seu favor dos innumeros bens gratuitos que a natureza lhe franqueou.

Civilisae a terra e o homem progredirá com ella em rithmo harmonico e consoante. O solo onde a natureza vive como suffocada pelo amplexo de inextricaveis florestas; onde a agua, essa providencia dos campos, corre esteril e desordenada por sobre planicies incultas ou pestilenciaes; onde a agricultura obedece desamparada ou nulla ao incerto capricho do acaso, e onde os animaes selvagens assentaram domicilio arrogante e dominador, não semelha de certo ao mesmo solo regulado e agenciado pela mão intelligente do homem, com as suas aguas volvidas proficuas e salutares, com as suas culturas sabiamente repartidas e organisadas, com as suas florestas decrepitas caídas em ruinas, e emfim com os seus rebanhos de animaes pacificos e laboriosos, collaboradores intelligentes do homem, vindo a substituir na gamma do hymno universal, os que ha pouco amedrontavam a espessura com o ecco dos seus rugidos.

Modificou-se o solo, e com elle o clima, e logo a vida, a economia e o progresso humano em todos os seus modulos e revelações. Se o sol cria as raças, as especies e as familias, o solo vae successivamente transformando o painel da creação sob o impulso intelligente da mão do homem, que por seu turno recebe a influencia do proprio solo que agenciou. Creador e creatura, agente e paciente ao mesmo tempo, o homem é sem duvida um dos mais acti-

Digitized by Google

vos cooperadores do que se appellidá destino, no eterno enygma da evolução do mundo pelas forças vivas da natureza.

Porém, senhores, não é esta a opportunidade para fazermos cabedal de sciencia, e irmos discreteando, com quanto mui perfunctoriamente, ácerca da geographia, da ethnographia, da flora, da fauna, da historia natural, da meteorologia e da organisação social e economica, da Africa do sul. Menos vasto é o nosso proposito, mas nem por isso é menos instante ou capital.

Propomo-nos inquerir em rapida analyse, qual seja o papel que cumpre á nossa nação, tão prima e escrupulosa em preceitos do dever, e tão altamente qualificada como possuidora tradicional de vastos territorios na Africa do sul, n'esse concerto de multiplices e insistentes esforços encaminhados pelas nações mais auctorisadas, no sentido do progresso e da civilisação d'aquelle continente ainda inculto e desmedrado.

Dadas as necessidades mercantis do nosso tempo, as tendencias altamente expansivas da moderna fórma de civilisação; o caracter colonisador das nações onde a população abunda e o trabalho escassêa; o funesto desequilibrio entre as tabellas da producção e os registros do consummo; a sêde de espaço e de fortuna que a todos incita e consomme, e a tendencia providencial para um certo equilibrio de civilisação em cada momento da historia; de quanto e por qual modo urge multiplicar os nossos meios de acção sobre a Africa do sul para que ella haja de corresponder de perto aos votos do tempo e ás intimações do progresso? Tal é o ardente problema que se acha imposto ao nosso patriotismo. Ou civilisar as nossas colonias africanas, fazendo convergir para ellas todas as forças vivas disponiveis da patria, fomentando por todos os meios, inda mesmo os havidos por impossiveis, o desenvolvimento do commercio, industria, agricultura, e civilisação por que ellas ancêam; ou então perdel-as.

N'esta hora avançada do tempo, o trabalho util e efficaz, dirigido no interesse da communidade, parece ser o direito que mais pésa nas balanças da justiça social. Os titulos, embora sagrados

Digitized by Google

pela tradição, pouco valem, quando desacompanhados d'esta especie de folha corrida, que só ao progresso é dado conceder. Fechar os olhos a estas innovações do seculo, é falsear o patriotismo e illudir o dever.

Porém é vasto e complexo, com quanto em parte já encetado e bem dirigido, o problema da regeneração das nossas colonias africanas. A um tempo politico e economico, fôra longo se não impossivel, o enumerar agora todas quantas providencias de vario caracter e significação, poderiam tender a resolvel-o satisfatoriamente n'um futuro mais ou menos proximo. E por isso, e por que semelhantes problemas sociaes se não podem atacar, e menos resolver, de uma só arremettida por mais energica ou intelligente que ella haja de ser, contentar-nos-hemos com examinal-o sob a invocação do patriotismo, pelo seu aspecto mais generico e preponderante. Qual deve ser a politica que nos cumpre seguir na gerencia dos negocios africanos, quaes as allianças que urge fomentar, e os apoios em que nos deveremos firmar, para havermos de proseguir com desassombro e confiança na via reformadora que nós traçarmos com respeito á Africa? Em outros termos; qual deve ser, ou qual cumpre que seja a nossa politica colonial no seio do continente africano?

Fórma a Africa do sul, senhores, parte extrema do formidavel dique que a natureza lançou entre dois oceanos, e que parece haver constituido em épocas geologicas afastadas um immenso archipelago que o tempo foi cerzindo e consolidando, uma especie de triangulo equilatero imperfeito, cujos lados na extensão aproximada de 63° tem para limites a foz do Gabão a oeste, a foz do Jouba a leste, e o cabo das Agulhas ao sul. A base e os lados d'este formidavel triangulo, assentam sobre o Equador e os dois oceanos Atlantico e Indico. Na região oeste d'este continente a partir de 5° 12′ de latitude, pelas alturas de Loango, e seguindo a linha accidentada da costa até ao cabo Frio pela latitude de 18°, e contando demais para longitude o territorio comprehendido entre os meridianos de Loanda e de Cassange, exercem os portu-

Digitized by Google

guezes desde remotos tempos auctoridade e soberania. A extensão em superficie d'esta vasta região portugueza a oeste da Africa austral excede a 30000 leguas quadradas. No vertice do triangulo e nos territorios adjacentes para leste e para oeste, possue a Inglaterra as suas importantes colonias do Cabo, Natal, e Cafraria, hoje accrescidas com a acquisição da colonia hollandeza do Transwaal, e sem duvida completadas amanhã, se tanto convier á Inglaterra, com a provincia de Orange, e a da Zululandia, volvida quasi ingleza depois da ultima guerra. Para leste do continente africano entre as latitudes de Cabo Delgado e da bacia de Lourenço Marques na extensão aproximada de 17°; e entre os meridianos de Moçambique e do Zumbo, sommando ao todo uma extensão superficial de umas 50000 legoas quadradas, possue a nação portugueza, por titulos bem authenticados e comprovativos, e pela posse effectiva realisada na maxima parte de tão vasto territorio, a sua importantissima colonia de Moçambique, a leste da Africa. Possue por tanto Portugal no hemispherio da terra, ao sul do Equador, extensos e uberrimos dominios que excedem 20 vezes em superficie a grandeza do seu territorio na Europa. A alta importancia da nossa chamada questão africana, resalta viva e incisiva d'estes simples computos numericos. E nem havemos por necessario accrescentar agora, que as fozes dos rios mais caudalosos da Africa do sul, o Zaire e o Zambeze, acham-se comprehendidas na circumscripção legal dos nossos dominios; com quanto a Inglaterra, pela convenção de 1817, ainda guarde reservas, que mal teem podido ser desfeitas pela energica e patriotica eloquencia dos nossos primeiros estadistas, com respeito aos direitos da corôa portugueza aos territorios de Molembo e Cabinda, ao norte da foz do Zaire.

Dada por tanto a posição geographica das nossas colonias africanas, com respeito ás colonias inglezas estabelecidas na mesma zona do globo, e que formam como que o laço estrategico e geographico que as une ou as pode separar; dada a incontestavel auctoridade da nação ingleza perante a opinião publica, e a sua pro-

Digitized by Google

vada competencia em ássumptos coloniaes; dado o frenesi, quasi delirio, com que as nações mais adiantadas da Europa, e entre ellas a Inglaterra, se teem votado ao culto apaixonado dos negocios africanos, fazendo alardo e propaganda de todos quantas seducções ou sympathias se podiam invocar em seu favor; dada a insufficiencia dos mercados do globo ante a louca exuberancia do moderno trabalho fabril, o que de feito e pela fatilidade das coisas tem attraido as vistas dos homens de estado, e das associações fabrís, hoje preponderantes na politica, para os lados da Africa do sul, onde existem quantiosas massas de consummidores inertes, subtraidos até agora em grande parte á influencia benefica e civilisadora das transacções mercantis; dadas todas estas e outras razões que poderiamos adduzir, e que todos evidenciam quanto é delicada, e pode periclitar a nossa soberania na Africa portugueza, nós entendemos, escutando não sem sobresalto, mas tambem sem hesitação, os dictames do patriotismo, que a despeito de tudo e da historia, urge aproximarmo-nos, quanto ser possa, em nossa politica africana da grande nação insular, cujos dominios n'essa parte do globo se intertecem, e se acham intimamente travados com os dominios portuguezes.

E não se pense, senhores, que ignoremos quanto cabedal de reflexão e de perspicacia seja necessario metter n'estas relações de intimo tracto com uma nação poderosissima, que com quanto altamente qualificada no mundo, algumas vezes tem esquecido melindres por interesses. E não se creia que sob este proposito de concordancia de intuitos e de harmonia de processos que vamos aconselhando, nós entendamos levar a nossa longanimidade politica até ao ponto de subscrever a tratados humilhantes para a nossa independencia, ou a accordos attentatorios dos nossos direitos. Não, senhores.

Não desejamos para a Africa tratados como os da India. E nem se nos lance á conta de opiniões contradictorias o aconselharmos aqui o que censurámos além. O que pode talvez affigurar-se como um paradoxo ante o longo processo que levamos feito, é antes o

Digitized by Google

fructo da reflexão amadurecida pelo exame e illuminada pelo patriotismo.

A nossa idéa qual a concebemos e proclamamos, e qual a desejaramos ver realisada, é que nos negocios africanos nós sigamos de perto a nação ingleza, não nos confundindo ou identificando com ella por nenhuma fórma, se não acompanhando-a paralellamente como socios convictos, como propugnadores dos mesmos principios, como obreiros do mesmo monumento, como agentes do mesmo progresso, e como fautores do mesmo bem na mesma região do globo. Que a sigamos *bona fide* e com animo levantado, por que ella é habil mestre e usa ser bom alliado quando se trata de campanhas em que o interesse e a honra vão egualmente empenhados. Que tenhamos por verdade incontroversa, que todas as razões assim geographicas como politicas e economicas, são accordes em abonar, que indo nós de accordo com a Inglaterra, e só com ella, lograremos porventura em justas proporções e medida, e em differentes raios da actividade humana, por que é bem vasto o theatro d'Africa para generosos commettimentos de civilisação, vir a assentar influencia decisiva e preponderante, com os seus naturaes corollarios, no seio d'aquelle immenso continente, onde a Inglaterra e Portugal são os principaes se não os unicos representantes das modernas idéas, que lograram pela acção do tempo e da historia fixar propriedade, e exercer soberania. Sob o influxo de tão legitimos quanto auspiciosos concertos, é licito prognosticar para a Africa do sul proximas e vivificantes transformações no sentido do seu bem e progresso. Porém tenha-se bem presente, senhores, como se fôra um dogma nacional, que no modo e no *quantum* d'esses accôrdos vae o segredo do seu bom exito. E que é na significação e alcance que elles hajam de importar socialmente, que reside a pedra de toque por onde se devem aferir no futuro, a sagacidade e o patriotismo dos nossos mais qualificados republicos.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google
Original from Harvard University

Digitized by Google

Digitized by Google

YC 43010

M517717

DT36
A4
1892

Digitized by Google

Digitized by Google